



Viviane Regina Catapano

Pelo espírito de Madhusudhana Bathhunamek

supervisionado pelo espírito de Lord Henry Ottsburg

Editorial / Revisão / Diagramação:

Viviane Regina Catapano

Diagramação Capa:

Renata Cortez

Capa:

site pixabay

2015 - 1º Edição

Direitos autorais reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, salvo com autorização do Autor.

(Lei 9.610/08)

Traduções somente com autorização por escrito do Autor.

Almas afins jamais permitirão que a recíproca dos

sentimentos dizime o elo da sua existência.

Nem mesmo o mais perverso dos homens terá em

suas mãos o poder devastador de rompê-lo.

Porquanto, se o fizer, enfrentará impetuosamente o

inimigo que o afronta.

Sumário

Prefácio …..... 09

Capítulo 1 11

Capítulo 2 19

Capítulo 3 27

Capítulo 4 35

Capítulo 5 47

Capítulo 6 53

Capítulo 7 63

Capítulo 8 73

Capítulo 9 83

Capítulo10 97

Capítulo 11 103

Capítulo 12 113

Capítulo 13 125

Capítulo 14 133

Capítulo 15 143

Capítulo 16 153

Capítulo 17 161

Capítulo 18 171

Capítulo 19 181

Capítulo 20 191

Capítulo 21 201

Capítulo 22 213

Capítulo 23 221

Capítulo 24 231

Capítulo 25 243

Capítulo 26 255

Capítulo 27 263

Capítulo 28 275

Prefácio

O romance retrata a história de um espírito em padecimento, lamentável dizer que a escrita da sua existência pregressa se perdeu no tempo.

O passado desse mesmo espírito é descrito com minudência, em contrapartida, a sua atual existência sofreu alterações no fito de assegurar a sua privacidade.

Passado e presente se mesclarão através dos devaneios de uma jovem que buscará as respostas dos eventos eclodidos em sua vida, conferindo o seu real entendimento na ânsia de perfazer a sua árdua jornada em paz.

Sofrimentos, perdas, mistérios, conspirações, perdão e um amor que atravessará o tempo integrarão a trama que os farão sofrer juntamente com a personagem principal.

Os cenários e os personagens da obra os conduzirão a uma inesquecível viagem pelo tempo, entre a Inglaterra, Escócia e a enigmática cidade de Stonehenge.

Salienta-se que os acontecimentos marcantes de uma vida pregressa tem o poder inconsciente de nos acompanhar em nossa atual existência, não só pessoas, como também percepções, sensações e até mesmo os sofrimentos vivenciados.

Às vezes, não atinamos o porquê de não nos afeiçoarmos a uma determinada pessoa que acabamos de conhecer, ou lugares que nunca chegamos a visitar e possuímos a segurança de conhecê-lo, indo mais além, as inexplicáveis doenças sem uma cura diagnosticável.

Alguns chamam de coincidências, nós espíritas chamamos de "Resgates".

Resgates não só a se reajustarem ao convívio daqueles que lhes parecem indiferentes, mas aos acertos de novas condutas e doenças trazidas pelo espírito para que o valor significativo de uma vida seja conscientizado, facilitando assim, o caminho que os conduzirão à remissão de todos os seus pecados.

Lord Henry Ottsburg

Capítulo 1

Nos tempos contemporâneos, precisamente no extremo norte da Grã-Bretanha, os contos das grandes batalhas épicas e romances proibidos ainda repercutem pelas montanhas e bosques das províncias selvagens da Escócia, denominada Scottish Highlands, local onde as tradições dos clãs remanescentes lutam por sua sobrevivência.

Neste cenário nos depararemos com uma jovem brasileira em terras escocesas, Raquel Lamont que há poucos meses havia perdido os seus pais num acidente automobilístico, enquanto tomados pela empolgação, se aventuraram a conhecer os pontos turísticos ainda não visitados, desconhecendo os perigos das estradas, sobretudo à noite, quando a visibilidade era totalmente nula em decorrência da vasta neblina sobre as regiões montanhosas.

Raquel tencionava permanecer em férias na Escócia por um período de dois meses, mas em virtude da fatalidade, a sua estadia prorrogou-se.

Sentindo-se só e desamparada, chocou-se com a conduta repulsiva da família residente no Brasil, estritamente em São Paulo, demonstrando não se importar com a tragédia, tampouco, com ela.

A jovem possuía descendência escocesa por parte de pai e brasileira por parte de mãe, falava fluentemente o idioma local, o que simplificou a sua estadia no país, posterior aos fatos, deixou o luxuoso hotel em que havia se hospedado, alojando-se numa pequena pousada, onde os respectivos donos eram conhecidos dos seus pais desde a sua infância, não usando a perda como pretexto para abusar da hospitalidade, pagando por sua diária.

Os ajudava com regularidade nos afazeres, embora o dinheiro deixado por seus pais fosse o suficiente para lhe dar uma vida estável e sem sacrifícios ao trabalho, no entanto, ela precisava de alguma atividade que a fizesse espairecer, de modo a afastar os pensamentos ruins que a atormentavam.

Raquel detinha vinte e dois anos de idade, estatura mediana, magra, tez alva, cabelos castanhos escuros, longos, lisos e sedosos,

os seus olhos apresentavam a mesma tonalidade dos cabelos, trajava-se com uma calça jeans e uma blusa de cetim azul-marinho, completando o visual com uma bota preta, sem joias ou maquiagem, esse era o estilo marcante da sua personalidade, colocando o que se adequasse as suas necessidades sem se importar com a opinião alheia.

Herdou a extrema sensibilidade da mãe e o temperamento impulsivo do pai, fazendo-a tomar decisões precipitadas sem antes

analisar a veracidade dos fatos, acarretando para si grandes transtornos e constrangimentos.

O seu único amigo era Natanael Fortunato, o filho dos donos da pousada que conhecia muito bem o seu temperamento, relevando as suas manias para que não houvesse desavenças entre eles, juntas compartilhavam segredos e experiências vivenciadas cada qual em seu país, ao contrário de Raquel, ele havia nascido e se naturalizado um cidadão escocês, os seus pais de procedência brasileira abriram uma pousada que lhes propiciaram grandes lucros, decidindo fincar as suas raízes na Escócia, contudo, ele nunca saiu do país de origem.

Natanael irradiava de alegria toda vez que recebia a visita da família Lamont, e agora, sentia a dor da amiga como se fosse à dele, sem nada que pudesse fazer para minimizar o seu sofrimento.

Ambos detinham uma forte e enigmática ligação como se sentissem as mesmas emoções e necessitassem da companhia mútua para que viessem a preencher o vazio dos seus corações.

Natanael era três anos mais velho do que Raquel, um rapaz alto, esbelto, olhos e cabelos castanhos, pele bronzeada, trajava-se com uma calça social preta, uma camisa polo verde, cinto e mocassim preto, cursava a faculdade de administração para auxiliar nos

negócios da família, incentivava assiduamente para que ela se empenhasse na escolha de uma área profissional, dando prosseguimento aos estudos abandonados devido a sua drástica perda, do qual alegava não ter ânimo para fazê-lo no exato momento.

Sentindo a falta de Raquel, se pôs a procurá-la pelas imediações da pousada em deslumbre da natureza que o reverenciava.

Ao avistá-la de longe, gritou sem que fosse ouvido.

- Raquel! Espere-me, por favor!

Entretida no recolhimento de algumas flores e com os pensamentos absortos nos sonhos que habitualmente a perturbava, não se deu conta do chamado.

Esbaforido, Natanael conseguiu alcançá-la, esbravejando.

- Poxa, Raquel! Por que não me atendeu quando a chamei?

Surpreendida, a jovem olhou-o atordoada ao responder.

- Perdoe-me, eu não fiz por mal, estava perdida em meus devaneios! Eu juro que não escutei o seu chamado! - com a expressão doce e ingênua, o conduziu para debaixo de uma árvore a fim de se esquivarem do forte sol vespertino - Preciso lhe contar algo muito importante, senão enlouquecerei!

Natanael apercebeu através das suas palavras a aflição que a denominava, ajudando-a se sentar por cima da grama, seguiu-a no mesmo gesto, segurando firmemente as suas mãos.

- O que te aflige? As suas mãos estão trêmulas e geladas, não acha conveniente voltarmos no anseio de descansar? Receio que fique doente!

- Não! Por favor, me ouça! - suplicou Raquel - Não sei o que fazer, eu preciso da sua ajuda!

- Eu não irei a lugar algum! Estou aqui! Abra o seu coração e me

conte o que está acontecendo?

- Sonhos! - replicou cabisbaixa, sem coragem de fitá-lo.

- Como? Olhe para mim enquanto fala Raquel! Confie em mim, não zombarei de nada do que me disser - ao erguer com delicadeza o queixo da jovem com uma das mãos, proferiu - Os sonhos possuem um misterioso significado, sábios são aqueles que os conseguem decifrar!

Encabulada, a jovem deu prosseguimento.

- Em meu sonho, tenho o pressentimento de que algo quer me puxar para dentro dele, como se uma força invisível quisesse me sugar - assustada, recuou por diversas vezes em meio a sua narrativa com receio de não se expressar com sensatez - Recordo-me que me vejo no mesmo lugar e ouço vozes chamando por mim, mas não por meu verdadeiro nome. Chamam-me de Alison!

- Alison? Talvez tenha ouvido esse nome e isso ficou registrado em sua mente. Fale-me sobre o lugar que sonhou? Talvez seja um dos lugares que recentemente visitou - Natanael tentava ajudar, porém, não tinha noção do que estaria de fato ocorrendo - Quem sabe eu não o identifique!

Raquel respirou profundamente, fechou os olhos ao visualizar o lugar que a assombrava.

- Vejo toda a extensão ao meu redor coberta por uma grama verde, ainda que pareça isolado do mundo ao se perder pelo horizonte. Há várias pedras erguidas no local com cerca de cinco metros cada e estas mesmas pedras estão dispostas em círculo, no seu interior também existem algumas pedras, mas não consigo ver com exatidão como elas foram alinhadas - rindo de si mesma, constatou - Eu me encontro em seu interior ao contemplar a sua

extraordinária beleza. Parece loucura que possa existir um lugar como esse, com certeza eu nunca visitei algo do gênero. Creio que a minha imaginação esteja extremamente ativa!

- Não se trata de uma imaginação! Esse lugar existe e me assombra o fato de não tê-lo visto e descrevê-lo com tamanha precisão e segurança. Tem certeza de que não viu algum documentário ou fotos a esse respeito? - intrigado, relutou em acreditar que ela pudesse sonhar com algo nunca visto.

- Sim, tenho certeza! Acredite em mim, por favor! - Raquel postulou por seu voto de confiança.

- Eu acredito! Em minha infância, os meus avós contavam histórias sobre um lugar místico, na Idade do Bronze, onde os celtas acreditavam que as pedras mencionadas abrigassem os espíritos ancestrais, já os druidas utilizavam-na para diversos rituais em atribuição dos poderes mágicos, religiosos e astronômicos, inclusive os de cura, há também relatos sobre a lenda do Rei Arthur e do Mago Merlin, contudo, as notícias não são boas, atualmente a cidade das pedras como é conhecida Stonehenge está em ruínas, muitas das pedras originais caíram através do desgaste natural do tempo e outras foram removidas a força para construções de casas ou reparações de estradas - ao mirar a expressão atônita de Raquel, concluiu - Acho que eu me empolguei!

- De modo algum! Admirei-me ao saber que este lugar não é fruto da minha imaginação - com os olhos a brilhar, a sua impulsividade falou mais alto - Como eu faço para chegar à cidade mística de Stonehenge? Farei as malas hoje mesmo e partirei ao amanhecer!

- É confuso passar esse informe, portanto, façamos o seguinte! - ao esboçar um sorriso fez uma breve pausa ao se lembrar - Um

colega da faculdade comentou que esteve a passeio em Stonehenge, hospedando-se numa excelente pensão na cidade de Amesbury, se dispor de um pouco de paciência e aguardar por uma resposta que certamente eu lhe darei daqui a dois dias, irei me inteirar a respeito do assunto no intuito de passar o acesso mais rápido e seguro.

- E por que não pergunta para ele amanhã? - perguntou a jovem ao denotar da sua impaciência.

- A sua ansiedade não trará as respostas aneladas - respondeu-lhe de imediato.

- Você está certo! - garantiu a jovem ao mordiscar os lábios, arriscando-se num convite - Venha comigo!

- Gostaria de acompanhá-la nesta aventura, mas infelizmente, eu não poderei me ausentar da faculdade, além do mais, os meus pais contam com a minha cooperação nas tarefas cotidianas da pousada - ao perspicazmente observar o desapontamento da jovem, fez-lhe outro convite a fim de animá-la - Amanhã eu não terei nada de importante a fazer, o que acha de conhecer o Castelo de Doune?

- Castelo de Doune! - exclamou como se já tivesse ouvido o nome, ainda que não se recordasse da sua ligação.

- Se aceitar, partiremos antes do amanhecer para assim aproveitarmos o dia. O que acha? - insistiu na expectativa de uma resposta.

- Sim! Eu nunca tive a oportunidade de adentrar num Castelo Medieval e não me restam dúvidas de que terei uma experiência inesquecível - Raquel pulou em cima de Natanael ao abraçá-lo fortemente e sem dar-lhe tempo de reagir, fez-lhe novas indagativas - Onde fica o Castelo? O que sabe a respeito da sua história? Quem

morou lá?

Rindo do seu repentino comportamento, sem constrangê-la, Natanael outorgou as explicações.

- O Castelo de Doune fica localizado aqui mesmo na Escócia, entretanto, há relatos de que ele foi construído por iniciativa de Robert Stuart, o Duque de Albany, exclusivamente para fins militares, no qual foi morto em combate antes do término das obras, passando para o filho a função de finalizar o seu trabalho. Raquel,

deixemos os detalhes do Castelo para amanhã, se eu lhe contar tudo não haverá surpresas ao visitá-lo!

- Eu não sei se suportarei uma delongada espera! - Raquel o coagiu a mudar de ideia sem obter sucesso.

- Nada disso! - zombou com ar malicioso conhecendo as artimanhas utilizadas por Raquel - Amanhã eu lhe contarei tudo o que desejar saber, e nesse ínterim, pesquisarei algo para amplificar o meu conhecimento a fim de transmiti-lo com eloquência. Agora eu aconselho a voltarmos para pousada, logo escurecerá e o frio das montanhas não nos poupará.

- Está bem! Não adianta contrariá-lo! - emburrada, Raquel aceitou a sugestão e juntos caminharam para a pousada, ambos calados e pensativos.

A pousada era rusticamente decorada, fazendo-nos lembrar de como viviam os habitantes da região séculos atrás.

No anseio de se afastar dos problemas, esse era o lugar ideal para descansar, refletir e se perder em pensamentos.

Com base neste conceito, Raquel retornou para a pousada, despedindo-se de Natanael que estranhou o seu comportamento ao ato de rejeitar a sua companhia para o jantar, supondo que fosse pela

ansiedade do passeio que tão logo fariam.

Deveras, era o real motivo, fazendo-a subir para o seu quarto com a finalidade de se preparar para o dia seguinte, que ao seu entendimento lhe traria revelações surpreendentes, não podendo imaginar que essas mesmas revelações seriam os indícios das descobertas que mudariam para sempre a história da sua vida.

Capítulo 2

Apreensiva pelo passeio, os pensamentos de Raquel a faziam idealizar cenas e pessoas de um passado remoto que teriam habitado o Castelo de Doune, ciente de que seria inútil uma nova tentativa de repouso, levantou-se no fito de se arrumar.

Trajou um longo e confortável vestido com leves estampas florais em tons de marrom, contrastando com alguns detalhes em laranja tenné, sapatilhas em tom similar e uma jaqueta jeans, atrevendo-se ao colocar um par de brincos dourados em forma de gota e um brilho em seus lábios carnudos.

Certa de que demoraria a amanhecer, saiu do quarto e ao se posicionar diante das escadas, retirou as suas sapatilhas, colocando-as novamente ao findar da sua descida para não acordar os hóspedes, ou tão somente, os pais de Natanael.

Faminta ao ter se recolhido antes do jantar na noite anterior, encaminhou-se para a cozinha, não querendo ser intrometida ao vasculhar os armários em busca de alimentos, avistou uma leiteira em cima do fogão a lenha, que para a sua sorte permanecia morno, em cima de um balcão de madeira havia um pote de biscoitos caseiros de nata, que não hesitou em apanhá-los, colocando tudo sobre a mesa, degustando-os prazerosamente na ânsia de saciar a sua fome.

- Roubando comida! - uma voz exclamou por trás de si estremecendo-a.

Ao virar-se, esboçou uma careta ao averiguar que se tratasse de Natanael.

- Assustou-me ao chegar de mansinho! O que faz acordado tão cedo?

- Sinceramente! Perdi o sono, eu creio que esteja igualmente empolgado com o nosso passeio - justificou-se o rapaz.

- Desculpe-me por invadir a cozinha, estava com muita fome e não aguentaria esperar pelo desjejum! - envergonhada, desviou o olhar.

- Deixe de bobagem! Você é considerada como um membro da

nossa família, não precisa de permissão para apanhar qualquer alimento. Por outro lado, fez bem em se alimentar, a cozinheira chegará após a nossa partida, desse modo, me alimentarei também - mal pronunciou as suas palavras, levantou-se para buscar uma jarra de suco de laranja, algumas guloseimas, queijos e pães, dispondo tudo sobre a mesa, fazendo-a abrir um largo sorriso ao ser agraciada por sua imensa generosidade e atenção.

Raquel fartou-se ao se servir de tantas variedades, já Natanael, alimentou-se pouco, providenciando uma cesta para que fossem levados alguns mantimentos não perecíveis.

Após o desjejum, ambos arrumaram a bagunça na intenção de não aborrecer a cozinheira com as migalhas de pães que haviam se dispersado pelo chão.

Ao término, Natanael notificou-lhe.

- Colocarei a cesta no carro e apanharei uma manta! Decerto a estrada estará coberta por uma fina camada de névoa e o frio a congelará antes de chegarmos ao nosso destino. Quando estiver pronta partiremos!

- Já estou pronta! - retrucou a jovem.

- Então me aguarde na recepção - antes de se retirar, falou - Você está radiante!

Enrubescida, Raquel retribuiu-lhe cordialmente o inesperado elogio.

- A sua elegância não fica a desejar! Creio que terei problemas com as moças que visitarão o Castelo, por certo não sobrará o mínimo de atenção para mim! - o ciúme despontou em seu ser, receosa, tentou camuflar o recém-sentimento que a dominava - Eu

terei que encontrar outro guia para acompanhar-me!

- Não deixarei que ninguém ocupe o meu lugar ao seu lado, fique certa de que a minha atenção estará totalmente voltada para você, e dentre todas as moças, será a única a me encantar - Natanael surpreendeu a si mesmo, sem atinar a sua reação e o ciúme também obtido, mudou o rumo da prosa - Irei apanhar a manta em meu quarto. Já volto!

Os laços de amizade que os uniam começavam a ultrapassar os limites por eles estipulados, transformando-se no sentimento mais puro e irreversível da nossa existência humana: “O amor”.

Entretanto, a preocupação de destruírem a amizade e o medo do desconhecido, tornava-os prisioneiros dos próprios sentimentos.

Raquel o viu sumir das suas vistas ao dirigir-se até a recepção como havia sido o combinado, sentada numa cadeira de balanço, pensativa no ocorrido, a imagem de Natanael ressurgiu em sua mente.

Natanael retornou em exibição da sua elegância e simplicidade ao trajar uma calça jeans, uma camisa vinho, um casaco de couro preto, sapatos e acessórios também em preto.

Perdida em pensamentos, Raquel não notou a presença do rapaz ao lhe chamar.

- Raquel! Raquel!

De sobressalto, pulou da cadeira ao olhá-lo desnorteada.

- Você está bem? - Natanael perguntou-lhe alarmado.

- Estou! Não o vi se aproximar - replicou sem graça, puxando-o pelo braço - Venha logo! Não vejo a hora de chegar ao Castelo.

Ambos partiram rumo ao misterioso Castelo de Doune que ao

transcorrer dos séculos, abrigava em suas estruturas as histórias de um amor proibido, marcadas pelas barbáries de um nobre escocês.

Enquanto Natanael dirigia, Raquel cochilava coberta pela manta, por vezes, ele a mirava com doçura no olhar, desejando expor os seus sentimentos, por outras, balançava a cabeça como se quisesse esvair os seus pensamentos.

Chegando ao destino pretendido foram barrados pelos portões do Castelo que permaneciam fechados.

Natanael estacionou o carro juntamente com outros que ali se encontravam, provavelmente turistas que aguardavam o horário para a visitação, cauteloso para não acordar a jovem, desligou o motor e fechou os olhos, no anseio de descansar.

Natanael adormeceu como se uma força o guiasse a outra dimensão, fazendo-o se recordar de um passado longínquo, visões de homens feridos e torturados por um insaciável algoz de vestimentas pretas e face encoberta por um capuz que só deixava transparecer o seu olhar aterrador.

Gritos agonizantes eram ouvidos, súplicas de clemência eram ignoradas, mas algo chamou a sua atenção, um jovem sujo e esfarrapado, pelos trajes deduzia-se tratar de um soldado, jogado num canto qualquer, acorrentado como se fosse um animal.

Em sonho, Natanael se aproximou do jovem na tentativa de socorrê-lo e aliviá-lo do mal que lhe afligia, abaixou-se, vendo-o se encolher diante da sua presença, colocou uma das mãos em seu ombro e o questionou com o objetivo de transmitir através das suas palavras conforto e segurança.

- Meu jovem por que está aqui? O que eu posso fazer para aliviá-lo do sofrimento? Não tenha medo de mim! Fale comigo, por favor!

Com a voz embargada pela emoção, rogou o jovem.

- Salve-a!

- A quem devo salvar? - Natanael carecia de uma explicação -

Olhe para mim!

Assustadoramente, o jovem levantou a cabeça, o fitando por alguns instantes.

A emoção o fez gritar, despertando Raquel que assustada o sacudia.

- Natanael! O que aconteceu? Acorde!

O rapaz delongou a assimilação do sucedido, dizendo-lhe pausadamente.

- Eu apenas cochilei e assustei-me com o sonho! Estou bem agora!

Embora as suas palavras soassem de modo tranquilizador, Natanael escondeu os fatos que o levaram ao seu pavor, em seu sonho ele se viu no lugar do jovem acorrentado, todavia, permaneceu descrente de tudo o que lhe foi apresentado.

- Olhe! - Raquel flagrou os visitantes se encaminharem aos portões do Castelo - Já podemos entrar! - sem esperá-lo, saiu do carro, seguindo os demais.

Natanael irritou-se por via da sua impulsividade ao correr em sua direção.

- Podia ter me esperado!

- Perdoe-me, não era essa a minha intenção! Fiquei empolgada e fui descortês - Raquel não tirou a sua razão, estavam juntos, sendo admissível a sua zanga.

- Eu sei que não fez por mal! Só não se afaste de mim, não conheço o lugar e as pessoas que o frequentam - o rapaz se esforçou

para reverter à situação, apesar de impulsiva, sabia o quanto Raquel era sensível, magoando-se por qualquer motivo - Sorria! Vou tirar uma foto para registrar a nossa passagem pelo Castelo.

Se fazendo de durona, Raquel desviou o rosto para o lado oposto, escondendo o sorriso malicioso por entre os lábios, ciente de que seria inútil continuar com os joguinhos, virou-se ao contemplá-lo, os seus olhos refletiram o brilho do sol, o seu doce sorriso foi capturado pelo flash de um celular.

Natanael forçou um sorriso, deixando a jovem intrigada.

- O que houve? Garanto que a foto ficou horrível!

- Pelo contrário! Está belíssima como sempre! - em verdade, a beleza da jovem realçou a paisagem de fundo, podendo-se observar uma grande extensão da mata verde e árvores, contudo, algo o surpreendeu, de relance ao olhar a foto, obteve a impressão de ter visto a imagem de outra mulher, de cabelos longos e ruivos, não havendo tempo para reconhecer o rosto, confuso, guardou para si o sucedido, não querendo alarmar a jovem ao contar-lhe sobre a sua hipotética alucinação.

Sem a nada mencionar, segurou a mão de Raquel, conduzindo-a até a entrada do Castelo, facultando-lhe as explicações prometidas.

- O Castelo de Doune foi construído no ponto de vista militar, atendendo aos objetivos estratégicos de guerra, as suas torres de proteção formam uma sólida muralha defensiva, apesar de tanta segurança, nunca foi habitado por uma nobre família que o influenciasse ao ponto de atingir o status de um palácio real. Olhe para cima! - Natanael apontou o dedo indicador para uma bandeira azul hasteada em uma das torres.

- Ah! - suspirou Raquel, soltando a mão de Natanael,

impulsionada a tocar as paredes de pedras, sentindo-se entontecida ao fazê-lo sem que ele apercebesse - Lamentável vermos que a sua edificação foi drasticamente consumida pela ação do tempo e as autoridades locais nada fizeram para manter a sua bela estrutura.

- Quando visitar Stonehenge verá que as condições estruturais das suas pedras estarão tão precárias quanto à deste Castelo - alegou o rapaz.

- Fico imaginando quantas histórias se escondem por detrás dessas muralhas, obviamente histórias nunca idealizadas ou sonhadas por nós, simples visitantes. Agora, vamos naquela direção, quero ver o que há! - a jovem recordou-se da sua indelicadeza anterior à espera de Natanael.

Durante a visitação, um recinto se destacou dos demais, o salão principal, onde em épocas remotas eram realizadas as reuniões de estratégias militares.

As suas estruturas foram construídas de madeira em mogno, cobrindo parte das paredes, num dos lados avistava-se alguns brasões, no teto dois lustres de ferro, o piso quadrangular nos tons de bege e castor concedia acesso a outros cômodos do Castelo, e foi exatamente num desses acessos que Raquel desmaiou ao ver um vulto descer as escadas andando em sua direção ao estabelecer de uma ordem.

- Alison! Eu estou lhe avisando pela última vez, fique longe de Stonehenge ou sofrerá as consequências dos seus atos!

Natanael desesperou-se ao presenciar da mesma cena, sem deixar-se dominar, retirou Raquel o mais rápido possível do ambiente que havia se tornado hostil.

Sem tempo de reanimá-la, a conduziu para a pousada dando por encerrado o passeio com receio de que ela ousasse desvendar os mistérios que permaneciam no esquecimento de um passado que não seria prudente remexer.

Capítulo 3

O desmaio de Raquel perdurou por horas, aflito Natanael ponderou a presença de um médico residente na região, porquanto, ao anoitecer a jovem atribuiu o primeiro indício da sua melhora, ainda sonolenta, recobrava a sua consciência.

Sentado na beira da cama, Natanael rezava cabisbaixo, sentindo-se responsável por ter partido dele, a ideia de induzi-la a conhecer o Castelo de Doune.

- Onde estou? O que aconteceu comigo?

Absorto em culpa, Natanael assustou-se ao ouvir as suas indagativas.

- Tranquilize-se, está em seu quarto, na pousada dos meus pais. Não se lembra de nada? - disse num abraço terno que o aterrorizou- Está gelada! Voltarei assim que possível! Pedirei para cozinheira preparar um Scotch broth (sopa típica da culinária escocesa).

- Espere! - Raquel o impediu de se retirar, segurando bruscamente o seu braço - Diga-me que presenciou o mesmo que eu! Diga-me que eu não enlouqueci! Por favor, diga-me algo que me tire dessa agonia! - entre soluços e lágrimas, Raquel demonstrou um lado desconhecido da sua existência, o pavor evidenciado em seu olhar e o medo do desconhecido tomou-lhe por completo, ela que sempre havia sido uma jovem determinada e destemida, implorava por uma explicação que a confrontasse entre o limite do real e do surreal. Natanael tencionava negar, no entanto, achou apropriado não esconder-lhe a verdade, talvez para a sua própria segurança ela precisasse se assegurar da sua sanidade mental.

- Não sei o que dizer para atenuar a sua angústia, mas saiba que a demência está fora de cogitação. Eu também o vi! - revelou sem melindres - Não sei o que está acontecendo, tampouco, compreendo o que a aparição quis nos alertar, só lhe peço encarecidamente que tire Stonehenge dos seus planos.

- Depois do que presenciamos, eu não ficarei de mãos atadas sem nada fazer, preciso saber o que há em Stonehenge e porque a aparição deste homem dizia-me para me afastar deste lugar num tom ameaçador - acariciando a face de Natanael, prosseguiu com o

coração acelerado - Se existe algum mistério neste lugar, eu o desvendarei! Conhece-me melhor do que ninguém, com a perda dos meus pais nada mais me prenderá a este lugar - quase a sussurrar e enrubescida, acrescentou - Exceto você!

- Se eu sou tão importante como diz, fique ao meu lado, temo por sua vida, se algo lhe acontecer jamais me perdoarei - conforme o previsto, as suas palavras não possuíram o poder de coagi-la.

- Não posso fugir do inevitável! Em meus sonhos, eu me vejo em Stonehenge e acredito piamente que o Castelo de Doune tenha sido à ponta do iceberg para que eu tomasse a inciativa de seguir as minhas intuições - sorriu a jovem ao notar a excessiva preocupação de Natanael - Não se preocupe comigo, a minha partida para Stonehenge já estava decidida, eu iria de qualquer jeito!

- Eu imaginei que a sua teimosia falaria mais alto e nada do que eu dissesse a persuadiria mudar de ideia - extremamente sério, clamou - Embora a sua partida seja contra a minha vontade, não a impedirei! Pelo menos me prometa que ligará todos os dias para que eu saiba o que está ocorrendo em sua viagem, sem a nada esconder. Não quero que entenda a minha preocupação como forma de controle, entretanto, ao primeiro sinal de socorro largarei tudo e correrei até você!

- Eu sei que correrá! - Raquel o abraçou, depositando a cabeça em seu peito, sentindo o calor do seu corpo, buscando o conforto que tanto precisava - Prometo que ligarei sem a nada esconder! - sem mais palavras, permaneceram no caloroso abraço até que Natanael se recordasse da sopa - Trarei o seu Scotch broth antes que a cozinheira se recolha, após alimentar-se, anunciarei o seu estado de saúde aos

meus pais que se afligiram ao vê-la chegar carregada em meus braços.

Em seu retorno, observou-a boquiaberto saciar vorazmente a sua gastronômica fome, deixando-a sozinha após o jantar, o cansaço e as emoções arrebataram-na por completo, fazendo-a se entregar ao sono profundo e reparador.

Deixando-a descansar e antes de também se recolher, Natanael dirigiu-se até a recepção na intenção de informar aos seus pais o estado de saúde de Raquel.

Os pais de Natanael poderiam se intitular um casal feliz, mesmo perante as divergências impostas pela vida, eram amáveis, assim como ele, todavia, tinham o lado do comportamento agressivo quando a ocasião exigisse o empenho de tal conduta, principalmente, ao se tratar dos hóspedes que se embriagavam e faziam balbúrdia na pousada que sempre foi conhecida e respeitada pelo seu ambiente estritamente familiar.

O senhor Manuel era um homem maduro, na faixa dos seus cinquenta anos de idade, alto, robusto, olhos e cabelos castanhos escuros, possuía a pele bronzeada como o filho, vestia-se informalmente, optando por calças ou bermudas jeans, camisetas e tênis, o seu árduo trabalho não lhe permitia desfrutar do luxo, quando não estava cortando lenha, estava cuidando do seu pequeno pomar, do qual sentia orgulho, contudo, não renunciou a sua extrema vaidade.

A senhora Júlia não ficou atrás no quesito vaidade, como toda mulher, adorava se vestir na moda, no entanto, não excedia os limites

da sua extravagância com receio de afastar os hóspedes que os procuravam em virtude da simplicidade, do bom preço e das facilidades de pagamento, dispunha de uma beleza comum que era iluminada mediante a sua simpatia, tinha por volta dos seus quarenta anos de idade, estatura mediana, peso ideal, olhos amendoados, tez morena clara, cabelos castanhos claros, ligeiramente ondulados de modo a cobrir-lhe a nuca, trajava-se com vestidos leves e soltos,

dando preferência a estampas de cores vibrantes, somente à noite, com a queda brusca da temperatura, agasalhava-se melhor.

Mesmo com toda a amabilidade, Natanael recebeu um severo corretivo do pai.

- Depois de tanto tempo resolveu nos dar o ar da sua graça!

- Perdoe-me! Eu me senti tão culpado por tê-la levado ao passeio que não quis sair do seu lado até que recobrasse a consciência - respondeu o rapaz, estagnado ao lado da mãe que ao notar a sua triste feição, interveio ao seu favor.

- Deixe o garoto, não vê o quanto sofre! - com o sorriso escancarado sussurrou no ouvido do filho - O cupido do amor te flechou, não é mesmo?

- Não! - exclamou Natanael com os olhos esbugalhados.

- O que estão cochichando às escondidas? - resmungou o pai desconfiado.

- Nada pai! Não estamos cochichando! - embaraçado com a colocação da mãe, informou o real motivo que o levou até a recepção

- Raquel está melhor, jantou e repousa em seu quarto! Permitam-me que eu me retire agora? Estou cansado e amanhã cedo irei para a faculdade.

- Vá, meu filho! Descanse em paz e tenha uma boa noite de sono!

- replicou o pai sem prolongar o assunto.

Como de hábito e por respeito, beijou a face da mãe,

seguidamente, fez o mesmo com o pai, caminhando em silêncio até

as escadas, virou-se abruptamente ao se lembrar de algo.

- Raquel viajará para Stonehenge!

- Como assim viajará? Ela não tem maturidade o suficiente para

se aventurar pelo mundo afora, não sozinha! - indignou-se o senhor

Manuel, posto que ele e a esposa fossem padrinhos de batismo de Raquel, sentindo-se responsáveis por ela - Irão juntos, não é mesmo?

- Eu não poderei me ausentar da faculdade, se o fizer, perderei as provas e os trabalhos que virão - lamentou-se na tentativa de reverter à situação para que não houvesse empecilhos na viagem de Raquel - Eu tentei convencê-la a ficar, mas fracassei em todos os meus argumentos, ela dificilmente aceitará que alguém a impeça de fazer o que já planejou.

- Ele está certo! - assegurou a mãe - Raquel herdou o temperamento impulsivo do pai, ninguém a convencerá do contrário, acredito que seja uma boa ideia viajar - sob o olhar inquisidor de ambos, deu continuidade a sua linha de raciocínio - Com a drástica perda dos pais, ela perdeu o direcionamento da sua própria vida, está confusa, entristecida, por certo um tempo sozinha lhe será benéfico.

Em parte a senhora Júlia estava certa, no entanto, Natanael não poderia trair a confiança de Raquel ao revelar o que de fato a teria encorajado.

O rapaz subiu para o quarto, enquanto os pais aguardavam impacientemente por um hóspede que havia realizado a reserva de um quarto, sem que houvesse o cumprimento do horário estabelecido

por ambas às partes, ou seja, o horário que efetivaria o fechamento da pousada para a segurança de todos e no recolhimento dos donos para que pudessem desfrutar do descanso merecido após um longo e atribulado dia de trabalho.

A espera ocorreu mediante ao pagamento adiantado de um mês, dinheiro que os ajudariam nas despesas, sobretudo, na ampliação de novas instalações com a finalidade de disponibilizar um serviço modernizado ao agregarem a tecnologia informatizada na pousada.

Em seu quarto, Natanael tencionava ordenar os pensamentos, exaurido, acabou por adormecer.

A busca pela verdade mudará a percepção da vida, chegando a real conclusão de que tudo o que vivenciamos provêm dos resquícios de uma vida pregressa e consequentemente, das escolhas que fizermos, sejam elas certas ou erradas.

Capítulo 4

Amanheceu em Scottish Highlands.

- Bom dia, meu filho! Vejo que acordou disposto para ir à faculdade?

- Bom dia, mãe! Não é disposição, e sim obrigação! - replicou ao reparar o seu semblante cansado - Não dormiu bem essa noite?

- Não! - afirmou ao bocejar - O novo hóspede chegou por volta das duas horas da madrugada, nem eu e nem o seu pai conseguimos descansar, pelo jeito o dia não será produtivo para nós.

- E quem é esse hóspede que se achou no direito de fazê-los perder uma boa noite de sono? - Natanael denotou o seu aborrecimento.

- Ele é um homem de muita influência na cidade de Edimburgo, possui o seu próprio negócio no ramo turístico, pela sua aparência, eu acredito que seja rico - explanou a mãe.

Natanael suspeitou que se tratasse de mais um escocês esnobe ao esbanjar a sua fortuna, intrigado, elaborou uma curiosa questão.

- Se é tão rico como diz, o que faz aqui em nossa humilde pousada?

- Ele disse que escolheu esta pousada como um retiro pessoal com o objetivo de se afastar dos problemas e relaxar - olhando para o seu relógio de pulso, a mãe o apressou - Chega de tantas desconfianças, não conhece o homem para avaliar o seu caráter, não foi assim que eu lhe eduquei. Vá tomar o seu desjejum antes que se atrase para a sua faculdade.

Antes de obedecê-la, Natanael fez um breve comentário sem esperar por uma resposta, na certeza de que levaria um novo corretivo da sua mãe.

- Tenha cuidado com o novo hóspede! Sinto que sob a sua influência advém uma energia negativa.

Vendo-o se retirar, a senhora Júlia analisou o teor das suas palavras, posto que raramente o filho fizesse críticas aos hóspedes, mesmo que fossem construtivas, certa de que as suas intuições não falhassem, ficaria de alerta a qualquer estranho comportamento que presenciasse no decorrer do dia.

Embora cavalheiresco, o novo hóspede tinha uma feição carrancuda, opondo-se aos belos traços de uma singela beleza que sutilmente deixava transpassar, não detinha mais do que trinta e cinco anos de idade, era alto, forte, pele clara, olhos castanhos, cabelos negros e um cavanhaque bem aparado, habituado a viajar pelo mundo, trajava-se na moda, apresentando-se com requinte ao vestir um terno de fino corte italiano num estilo mais ousado, deixando os ombros largos e a cintura fina, acompanhando a calça

mais acertada, num tom discreto de azul-cobalto com finas listras verticais, porém, mais escuras, conferindo-lhe um ar extremamente jovial. O seu nome era Logan! Logan Grant!

O senhor Grant acordou por volta das onze horas da manhã, após a sua higiene pessoal, dirigiu-se para a recepção da pousada, na certeza de que havia perdido o desjejum matinal, com a intenção de pelo menos ingerir uma xícara de café puro.

Ao avistar o hóspede, a senhora Júlia ficou boquiaberta em face da sua nova vestimenta, desta vez ao trajar-se num terno verde-escuro, sem o uso de uma gravata, deixando a camisa parcialmente aberta.

- Bom dia, senhor Grant! Em que posso servi-lo?

- Bom dia, senhora Júlia! - sorriu ao disfarçadamente contemplar a presença de Raquel sentada na cadeira de balanço no hall de entrada, absorta em sua leitura - Admito ter acordado tarde, no entanto, poderia me servir uma xícara de café?

- Eu lhe prepararei um café fresco, decerto o que restou está frio e requentá-lo o deixará amargo demais, sente-se e fique à vontade enquanto o preparo!

- Eu não quero dar trabalho! - retrucou o senhor Grant.

- Não dará trabalho algum!

Ao vê-la se direcionar para a cozinha, o senhor Grant aproximou-se de Raquel, ofuscado por sua beleza jovial, ela trajava um simples e gracioso vestido na cor creme, na altura dos joelhos com estampas floridas em seu barrado tonalizadas em vermelho terra, os seus cabelos estavam soltos e perfumados, galantemente, pronunciou-se sem nenhum subterfúgio.

- Perdoe-me por interrompê-la! A sua beleza me encantou de tal forma que a partir desse instante eu me colocarei ao seu total dispor - ajoelhou-se ao apanhar e beijar as delicadas mãos da jovem - Eu serei o seu escravo se assim o desejar!

Raquel levantou-se ruborescida, ao mesmo tempo em que envaidecida pelas palavras do desconhecido que a cortejava.

- Pare com isso! Eu sou uma moça qualquer, não sou tão bela como diz!

- Engana-se! Durante toda a minha vida eu nunca fui agraciado com a imagem de uma jovem tão bela que pudesse aprisionar o meu coração - o nobre senhor persuadia a cair em suas garras, continuando melosamente no fito de alcançar o seu objetivo - A propósito, ainda não me apresentei, o meu nome é Logan Grant! - declarou ao reverenciá-la como se fosse uma dama da realeza.

Retribuindo a gentileza, Raquel com toda a graciosidade, segurou as laterais do vestido ao igualmente reverenciá-lo.

- O meu nome é Raquel Lamont! Mas por favor, me chame simplesmente de Raquel como eu já estou acostumada, não sou adepta as formalidades, porquanto, o chamarei de senhor Grant - sorriu sem atinar as suas reais intenções.

- Logan será o suficiente entre nós, sem formalidades para que possamos nos entrosar em nossos futuros encontros - ao notar a aproximação da senhora Júlia com uma bandeja em suas mãos, mudou o rumo da prosa.

Ao degustar o café, o nobre senhor a elogiou, conquistando-a com a sua lábia, mesmo ao ter sido advertida pelo filho.

- Divino! Eu nunca provei um café com tanto prazer, não posso crer que tenha sido a senhora a prepará-lo.

- Lisonjeia-me a sua gentileza! - ao apanhar a xícara e constatar que ele havia ingerido até o último gole, abriu um largo sorriso de satisfação, ao inquiri-lo - Eu creio que não precisarão de apresentações?

- Não será preciso! Acabei de conhecer a senhorita Raquel e garanto que a sua filha é uma jovem encantadora - novamente encabulada, Raquel o interrompeu.

- Houve um equívoco! A senhora Júlia é minha madrinha de batismo, os meus pais faleceram - prosseguiu em desolamento - Eu sou grata por ela me criar com o mesmo carinho e dedicação com que cria o seu filho Natanael.

- Embora eu não tenha sido a sua mãe genitora, em meu íntimo, a tenho como se fosse! - em sutil aproximação da jovem, a senhora Júlia ofertou-lhe com um afetuoso beijo em sua bochecha.

- Nada de tristeza neste lindo rostinho! - declamou o senhor Grant.

- Estou bem, ainda que a saudade dilacere o meu coração! Não se preocupem! Logo essa angústia passará... sempre passa!- revelou Raquel a fim de se esquivar do seu irremediável sofrimento.

- Então a senhora tem um filho? Onde ele está? Ainda não tive o

prazer de conhecê-lo! - questionou o senhor Grant ao desconfiar que Natanael fosse um empecilho para a sua conquista.

- Natanael está na faculdade e só voltará no final do dia, terá a chance de conhecê-lo nesta noite. Ele é um rapaz admirável! - precipitou-se Raquel em responder, deixando-o enciumado.

O senhor Grant ambicionava o controle da situação com o propósito de não perder a proximidade com Raquel, sendo assim, simulou um pretexto que o permitisse ficar a sós com a jovem sem

que houvesse intervenções ao dirigir a sua fala a senhora Júlia com excedente respeito.

- Eu preciso com urgência me descolocar até a cidade mais próxima no intuito de comprar roupas novas. Evidentemente a senhora deve ter notado que as roupas que eu visto não condizem com o clima pitoresco das regiões montanhosas, por certo algo mais confortável cairia bem. Não tenho um gosto apurado para escolha de roupas que não sejam trajes sociais, se a senhora não se opuser, gostaria que Raquel me acompanhasse, eu tenho confiança na intuição feminino, sobretudo no que diz respeito ao quesito elegância. Eu prometo que a trarei com segurança e durante o passeio não permitirei que nada de mal lhe aconteça.

- Creio que não seja uma boa ideia! - receosa a senhora Júlia se opôs de modo sutil, posto que só conhecesse a origem que o senhor Grant havia apresentado e nada mais - Raquel não está acostumada a sair desta pousada sozinha, quem sabe numa próxima ocasião não possamos ir todos juntos!

Ao obter tudo o que desejava o senhor Grant se arriscou ao ter o conhecimento de que os padrinhos de Raquel não poderiam se ausentar da pousada.

- Então eu farei o convite abertamente para que a senhora e o seu marido nos acompanhem no dia de hoje, ficarei honrado com a presença de vocês!

- Eu sinto muito! Não poderemos aceitar! A pousada não pode ser fechada em virtude da nossa ausência, em breve os hóspedes que saíram a passeio retornarão para o almoço e sozinha a cozinheira não dará conta de todas as tarefas.

Ao fingir o seu desalento, o senhor Grant disse-lhe cabisbaixo.

- Entendo que o trabalho nesta pousada seja árduo, contudo, não me ofenderei com a recusa, irei sozinho e talvez regresse após o anoitecer. Não me esperem para o jantar!

- Espere! - gritou Raquel - Irei também!

- Irá? - atônita perante a afirmativa, a senhora Júlia arregalou os olhos ao puxá-la para uma conversa em particular.

- Madrinha! São raras as vezes que eu saio desta pousada, por isso eu lhe peço que me deixe ir.

- Não conheço o senhor Grant para lhe dar a permissão. Ele é um estranho, não se esqueça disso! - segurando ambas as mãos de Raquel, olhou nos seus olhos, em acréscimo - Natanael acha apropriado tomarmos cautela, todavia, não tiro a sua razão, de fato não sabemos quais são as reais intenções desse homem ao se hospedar por tanto tempo nesta pousada, sem o luxo do qual está acostumado.

- O senhor Grant me parece ser um homem de boa índole, não caberá a nós julgá-lo sem antes nos darmos a chance de conhecê-lo. Além do mais, eu não sou criança, saberei me defender se assim for preciso. Confie em mim! Ligarei para a senhora se porventura surgir um único imprevisto, o que me diz? - Raquel torceu os lábios ao

suplicar-lhe com o olhar.

- Está bem! Eu confio em você, porém, deixe o seu celular ligado para que eu também possa ligar se acaso a minha aflição extrapolar os limites da ansiedade - duvidosa da sua concessão, olhou seriamente para o senhor Grant ao bradar - Cuide bem de Raquel!

- Cuidarei! - o senhor Grant deixou escapar um sorriso malicioso por entre os lábios, observando-as de longe, comemorando silenciosamente a sua vitória.

Entusiasmada, Raquel fez um comentário direcionado ao senhor Grant.

- Se não se importar, trocarei de roupa! Não estou adequadamente vestida para acompanhá-lo! Não quero envergonhá-lo!

- A senhorita está deslumbrante neste vestido, eu me sentirei ofendido se trocá-lo - ofereceu-lhe o braço a fim de conduzi-la para o lado externo da pousada onde o seu carro permanecia estacionado - Dei-me a honra da sua companhia!

Mais uma vez Raquel sentiu-se fascinada pelo cavalheirismo do senhor Grant, que não deixou apanhar a sua bolsa para uma eventual despesa surgida durante o passeio, levando consigo apenas um cardigã vermelho de lã por precaução.

- Em minha presença uma dama nunca pagará uma conta! - foram essas as palavras ditas por um homem que não precisava se preocupar com o dinheiro.

Após uma breve viagem, ambos chegaram à Inverness, uma cidade da Escócia, Raquel conheceu as lojas mais luxuosas que ela nem imaginava existir, sentindo-se útil ao ajudá-lo nas escolhas das suas roupas, constrangendo-se ao frequentar um restaurante impecavelmente organizado, com toalhas e guardanapos de linho

branco sobre a mesa, talheres de prata, pratos de porcelana e copos de cristais, ao testificar o seu desajeitamento, o senhor Grant, segurou as suas mãos ao sorrir, apoiando-a no que fosse preciso para se sentisse o mais confortável possível.

Antes de retornarem, Raquel lhe fez um pedido que não foi recusado, visto que o senhor Grant realizava as suas vontades.

- Quando pequena, o meu pai me contava as histórias ocorridas no lago Ness. Se não for pedir demais, eu gostaria que me levasse para conhecê-lo?

- Claro que a levarei! Devemos nos apressar, não quero que a sua madrinha se aborreça com a nossa demora e nos proíba de um próximo passeio.

- Próximo passeio! - surpresa, Raquel achou conveniente contar-lhe da viagem programada - Assim que voltar, acertarei alguns detalhes pendentes com Natanael e se tudo der certo, partirei amanhã cedo para a cidade de Stonehenge. Desculpe-me por não ter lhe dito antes, estou tão empolgada com o nosso passeio que me esqueci desse pormenor.

- Se entendi, viajará com Natanael? - questionou ao camuflar a sua fúria.

- Viajarei sozinha! Natanael através de um amigo de faculdade me informará o melhor trajeto a seguir e o lugar que poderei me hospedar. Eu sou brasileira nata, nunca me atrevi a percorrer o mundo, apesar disso, sinto a necessidade de me distanciar um pouco das pessoas que amo, às vezes, a solidão é a única maneira de reencontrarmos a nossa paz interior - Raquel elucidou em parte o

motivo da sua partida.

Ao presumir que havia encontrado em Natanael um forte adversário sem tê-lo conhecido, arriscou-se.

- E se acaso sentir saudades, eu poderei viajar ao seu encontro?

- Será um imenso prazer tê-lo em minha companhia! - Raquel respondeu-lhe sem refletir nas consequências das suas palavras.

Diante do lago Ness a imaginação da jovem reavivou as histórias lendárias de um mostro aquático conhecido por Nessie que teria

aterrorizado os habitantes locais, a sua fidedigna existência permanece uma incógnita para a Escócia e para o resto do mundo ocidental.

Durante o retorno, partilharam das maravilhas vivenciadas, o entrosamento e a confiança encorajaram Raquel, fazendo-a se sentir à vontade na presença do senhor Grant.

Ao chegarem, foram imediatamente recepcionados pela senhora Júlia.

- Graças a Deus! Vocês chegaram a salvo!

- Tenha calma, madrinha! Tudo ocorreu bem, por que toda essa agitação?

- Liguei para você o dia todo e não me atendeu! Onde estavam? - sem notícias, a senhora Júlia deixou-se dominar pelo pavor - Você está bem?

- Sim, eu estou bem! - replicou a jovem - Desculpe-me, mas não há nenhuma ligação perdida em meu celular.

- Creio que estivesse fora de área, se houverem pedidos de desculpas a serem feitos, decerto partirão de mim! - mentira descaradamente o senhor Grant, visto que minutos antecedentes a sua partida ele tivesse obtido esse informe - Perdoe-me, senhora Júlia! -

ajoelhou-se ao beijar-lhe as mãos em exibição de um sorriso ludibriador, convicto de que as suas desculpas seriam aceitas sem objeções.

De longe, observando a tudo, Natanael não acreditou no teatrinho apresentado, a sua atenção voltou-se para Raquel ao ponto de não reparar que a sua mãe havia passado ao seu lado no intuito de retornar aos afazeres da pousada, porém, não se conteve ao ouvir a jovem se dirigir ao hóspede de maneira dulcificada.

- Logan! Eu não tenho palavras para agradecer pelo dia formidável que me propôs ao deixar-me desfrutar do encantamento de uma bela cidade ao seu lado.

- Logan? Quanta intimidade para um hóspede! - corroído pelo ciúme, Natanael não mediu as palavras, entoando-as num tom sarcástico.

- Natanael, não seja indelicado! Junte-se a nós, creio que serão grandes amigos - sugeriu Raquel inocentemente.

Natanael aproximou-se do homem ao estender-lhe a mão em cumprimento, o seu gesto foi subitamente retribuído, entretanto, os seus olhos demonstravam o que as palavras não poderiam dizer, um sentimento de repulsa eclodiu entre eles e o ódio seria o início de uma disputa acirrada entre o amor genuíno de Natanael e o sentimento de posse do senhor Grant.

Desvencilhando-se de uma situação dissimuladora, Natanael atraiu a jovem para uma conversa a sós sem comentar o mau presságio sentido, naquele instante, qualquer coisa que dissesse contraditoriamente ao caráter daquele homem, seria revertido contra ele.

Natanael passou-lhe os informes prometidos a respeito da

viagem, deixando-a entusiasmadíssima ao ouvir que ele havia conseguido uma carona para conduzi-la até as proximidades do local e consequentemente, a uma pensão respeitada e conhecida pelos turistas, por coincidência, os tios do amigo possuíam parentes na cidade de Amesbury e partiriam no dia seguinte para visitá-los.

- Partirá amanhã, a viagem será exaustiva e com poucas paradas, por isso, eu aconselho que leve alguns mantimentos - alertou Natanael entristecido por sua partida, embora na atual circunstância

achasse oportuna a sua viagem, sendo esse o único modo de afastá-la do senhor Grant - Vamos até a cozinha! Prepararei uma cesta recheada com as iguarias da nossa cozinheira, garanto que não se fartará tão bem em Stonehenge - brincou fazendo-a sorrir.

Após arrumarem a cesta de alimentos, Natanael prontificou-se a ajudá-la com as malas, no quarto da jovem, planejavam como fariam para se comunicar.

- Façamos o seguinte! Se porventura não conseguirmos falar pelo celular, nos falaremos todas as noites pela internet, a pensão que se hospedará possui esse recurso. E não pense que a senhorita fugirá de mim! - brincou novamente ao ser surpreendido por um majestoso e caloroso abraço.

- Eu nunca fugirei! Nunca! Obrigado por cuidar de mim!

- Se me deixar, cuidarei de você pelo resto da minha vida! - Natanael sussurrou em seu ouvido ao denotar não só a sua preocupação, mas o imensurável amor por ela nutrido.

Neste exato momento, a caminho do quarto, o senhor Grant passava pela porta que permanecia entreaberta ao presenciar a cena, dominado pela cólera, afirmou para si mesmo.

- Ela será minha! Só minha!

Sem reparar na sórdida presença do senhor Grant a mirá-los, o jovem casal, arrebatado pelo extenuante cansaço do dia, adormeceu lado a lado, na doce ilusão de que a tranquilidade seria duradoura em suas vidas.

Capítulo5

A madrugada nebulosa se fez presente, do mesmo modo que o frio congelante das montanhas ao escabrosamente despertar o sono de Raquel e Natanael.

Entrelaçados como um casal de enamorados acordaram atônitos ao atestarem o ocorrido sem a nada planejarem, ao notar o embaraço mutuamente eclodido, após o saudoso cumprimento matinal, Natanael tomou a iniciativa de se retirar, com o pretexto de deixá-la a sós para que pudesse se arrumar.

Natanael aprontou-se para levá-la ao local combinado com os tios do amigo, disposto, preparava o desjejum absorto em seus pensamentos e na aproximação sucedida com Raquel na noite anterior, motivando-o a não desistir do seu amor.

Ao vê-la se aproximar, dissipou os pensamentos, fazendo menção para que se sentasse, servindo-a.

O desjejum foi ingerido no mais absoluto silêncio, entretanto, alguém teria que quebrá-lo, sendo ele próprio a fazê-lo.

- Apresse-se! Partiremos em quinze minutos ou perderá a sua carona.

De sobressalto, a jovem correu contra o tempo, Natanael a seguiu no intento de apanhar as malas e colocá-las no carro, contudo, embasbacou-se ao se certificar de que não estivessem prontas, alertando-a severamente.

- Raquel, não há tempo!

- Desculpe-me! Pretendia arrumá-las ontem à noite, mas acabei por adormecer ao seu lado. Arrumarei tudo em cinco minutos, prometo! - sem tempo de dobrar as peças de roupas, jogou uma a uma no interior da mala, fazendo o mesmo com os pertences pessoais, deixando Natanael boquiaberto com a bagunça ocasionada, todavia, não havia outra solução.

O auxílio de Natanael foi recusado, sendo assim, aguardou na recepção até que fosse chamado.

No tempo estipulado, Raquel organizou-se de modo

surpreendente, posto que estivesse ciente do seu inevitável trabalho ao desfazer as malas, agitada, chamou por Natanael ao topo da escada, sem alterar o timbre da sua voz por respeito aos que dormiam.

Sem visualizá-lo na recepção, desceu as escadas, levando um susto ao trombar de frente com ele que apreensivo pela demora foi tomar um copo de água no fito de se acalmar.

- Ajude-me com as malas, por favor! - solicitou Raquel.

Ao adentrar no quarto, Natanael abismou-se com a quantidade de bagagens a serem levadas.

- Quanto tempo permanecerá em Stonehenge?

- Talvez uma semana, duas ou até mesmo um mês! Por que me olha com essa cara? - indagou a jovem sem atinar o seu exagero.

- Bem! - coçando a cabeça, zombou - Pelo tanto de malas que levará, eu diria que a sua permanência excederá o prazo de um ano.

- Acha que eu exagerei? - Raquel franziu a testa, sem tempo de refazê-las.

- Sinceramente, eu acho sim! - com demasiado esforço, Natanael carregou as três malas pesadas de uma só vez, enquanto Raquel se encarregou de levar uma pequena frasqueira de mão.

Após colocarem tudo no carro, partiram rumo à cidade, durante todo o trajeto, ambos os olhares se encontraram, faltando-lhes coragem para declarar o amor.

Próximos ao local, Natanael atestou a presença de uma caminhonete ao piscar incessantemente os faróis.

- São eles! Em breve a sua aventura começará!

Raquel cerrou os punhos no anseio de minimizar o seu nervosismo, assim que estacionaram o carro atrás da caminhonete,

Natanael foi de encontro a jovem, abrindo cavalheirescamente a porta para que descesse, segurando com delicadeza a sua mão excessivamente gelada e trêmula.

- O que houve? Quer desistir?

- De modo algum! - sem contar o real motivo do seu assombro, sorriu-lhe, à vista de que numa ínfima distância, a jovem flagrou a manifestação de um vulto, coincidentemente ou não, o associou com a aparição do Castelo de Doune.

Depois das prévias apresentações, Raquel sentiu-se um pouco mais segura com o acolhimento caloroso do casal Forbes, embora fossem maduros, por volta dos cinquenta anos de idade, eram carismáticos e brincalhões o que deixaria a viagem menos exaustiva.

- Está na hora de partir! Não se esqueça de mandar notícias! - findando-se o tempo, Natanael conscientizou-se de que não escaparia da despedida.

- Não esquecerei, contudo, no dia de hoje, eu não prometerei, decerto chegarei alquebrada na pensão e após uma longa e demorada ducha, cairei na cama em sono profundo - esclareceu a fim de não deixá-lo preocupado.

- Certo, por hoje eu deixarei passar! - debochou ao disfarçar a dor gerada pela separação - Por favor, cuide-se!

- Eu me cuidarei! - Raquel lançou-se em seu pescoço, abraçando-o fortemente, deixando com que algumas lágrimas rolassem por sua face iluminada, sem mais esconder o seu verdadeiro sentimento.

- Ei! Por que está chorando? - perguntou-lhe ao enxugar suavemente as suas lágrimas com as pontas dos dedos - Queria tanto essa viagem e agora a vejo triste em sua partida!

- Estou triste por nosso distanciamento! Eu sei que nem sempre

estive presente em sua vida por morar no Brasil, entretanto, após a perda dos meus pais, escolhi a Escócia como a minha única morada - admirada perante a sua própria audácia, acrescentou - Portanto, escolhi estar para sempre ao seu lado, sem permitir que nada nos separe.

Natanael foi pego de surpresa, sem reação, calou-se por alguns segundos, há tempos esperava por um sinal de que o seu amor fosse correspondido, e agora, o que fazer com essa certeza ao ver a mulher

que ele amava partir, levando consigo parte do seu coração, dilacerado pela ausência que ela causaria em sua vida.

Acariciando o rosto da amada, embalado pela suavidade da sua tez, sentiu a felicidade fugir-lhe do controle, e sem rodeios, roubou-lhe um beijo, transmitindo num curto espaço de tempo o sentimento contido em seu ser.

Raquel ruborizou-se, o seu coração suplicava por sua permanência na Escócia, mas a razão não permitiria a sua desistência, uma força misteriosa a puxava para Stonehenge, fazendo-a acatar os impulsos que a salvariam de cometer os mesmos erros de um passado obscuro, afastando-a de pessoas que outrora se opuseram a sua felicidade.

O senhor Forbes acionou a buzina da caminhonete para chamá-la, não havia mais tempo para despedidas, Natanael vendo-a se derramar em mais lágrimas, proferiu com a voz rouca.

- Eu esperarei por você o tempo que for preciso!

Raquel partiu e ao ver a caminhonete se distanciar, Natanael retornou para a pousada, cabisbaixo, desanimado, entristecido, porém, a sua mãe ao vê-lo subir as escadas a caminho do quarto, estranhou a sua conduta, na certeza de que o seu sofrimento tivesse o

nome de uma mulher, perguntou-lhe.

- Raquel já foi embora?

- Sim! No entanto, não saberei informar quando se dará o seu retorno, e se de fato retornará - respondeu-lhe sem fitá-la no olhar, no almejo de ficar a sós com os seus pensamentos, sobretudo, com a sua dor.

- Claro que retornará, não diga tolices! - replicou a mãe certa de que as suas palavras não bastariam para animá-lo.

Natanael trancou-se no quarto até a hora do almoço, aliviado por não ter que ir para a faculdade ao somente se encarregar das tarefas corriqueiras da pousada no período da tarde, quando haveria o maior fluxo de movimento entre os hóspedes, sendo requisitado o seu auxílio de forma a não sobrecarregar os seus pais.

Por sua vez, Raquel fingiu cochilar para que pudesse refletir sobre os últimos acontecimentos.

A viagem transcorreu sem imprevistos, as paradas tiveram o objetivo de suprir as necessidades fisiológicas de cada um e dar o mínimo de descanso ao casal Forbes que trocava de lugar ao volante, embora o casal quisesse comprar algo para se alimentar nos Fast-food locais, a jovem sugeriu que partilhassem da cesta de alimentos fornecida por Natanael, no qual foi aceita de bom grado.

Raquel chegou à pensão por volta das onze horas da noite, o senhor Forbes ajudou-a com as malas, entretanto, não aguardou o seu registro, exaustos, todos anelavam uma deleitável e acolhedora noite de sono.

Após uma rápida e amistosa despedida, de posse da chave do quarto, Raquel arremessou-se por cima da cama sem desfazê-la, o cansaço não a fez reparar no gerente da pensão, no rapaz que

carregou as suas malas, tampouco, nas mobílias que compunham o ambiente.

Um novo dia resplandeceria, trazendo obscuros enigmas de um passado a ser desvendado, não havendo subterfúgios para o que já estamos predestinados a vivenciar.

Capítulo6

Raquel espreguiçou-se após uma noite de sono revitalizante, abriu os olhos em lentidão e só então, pôde constatar a simplicidade com que havia se hospedado.

Um quarto sem luxo, porém, impecavelmente limpo e organizado, a minúscula toalete não lhe conferiu a liberdade de movimentos com que estava acostumada, mesmo assim, arrumou-se ao optar por um visual extravagante e diferenciado se comparado a tradição local, ao trajar uma calça fuso marrom, uma minissaia justa por cima no mesmo tom, uma blusa bege, uma bota de cano curto marrom e um casaco de couro verde.

Descendo as escadas que a levaria à recepção, deparou-se com o velho senhor que a recepcionou na noite anterior, aparentando não mais do que setenta anos de idade, pele alva, cabelos brancos, olhos castanhos e sobrancelhas espessas, sendo impossível descrever as

suas vestimentas, visto que o senhor Edwin raramente se ausentasse do seu posto de trabalho, atrás de um balcão, contudo, foi educado ao lhe explicar onde seria servido o seu desjejum matinal e as posteriores refeições.

O local em si lembrava as velhas construções inacabadas onde o chão era de madeira, acompanhado por móveis antiquários que precisavam de uma boa mão de verniz, não querendo se aprofundar nos pormenores da pensão, serviu-se de um copo de leite morno, na ânsia de se esquentar, retirando-se a seguir, rumo à agência de aluguéis de carro, indicada pelo senhor Edwin.

Raquel alugou uma pick-up prateada, apesar da distância entre a cidade de Amesbury e Stonehenge serem próximas uma da outra, arriscou-se a burlar os meios de transportes públicos que eram designados ao turismo no anseio de ficar mais tempo do que o estipulado pelos bilhetes comprados que não ultrapassavam a marca de uma hora.

Ao adentrar na cidade de Stonehenge, Raquel sentiu uma leve sonolência, o seu corpo estremecido parecia não mais obedecer aos seus comandos.

- Vá embora! Esse lugar não lhe pertence mais - uma voz

masculina exigia o seu retorno imediato - Isso é uma ordem!

Encorajada pela curiosidade, estacionou o carro numa curta distância para que pudesse caminhar até as pedras no intento de conhecer toda a sua extensão.

A jovem se deslumbrou com a paisagem, algumas pessoas caminhavam por entre as pedras, enquanto outras optavam em aproveitar o passeio sentados na grama ou até mesmo deitados ao

tirar um cochilo como que se a energia do local os transportassem para outras dimensões.

Ignorando a voz que se fazia presente, entrou no círculo de pedras ao sentir fortes náuseas, com receio de se entregar a esse mal súbito sem um conhecido que lhe estendesse a mão em auxílio, sentou-se na grama ao se recostar numa das pedras, aos poucos foi perdendo o comando das suas ações, deixando-se conduzir a uma desconhecida existência, séculos anteriores eclodiram em sua mente como por um passe de mágica, e lá estava ela, diferente em suas roupagens, mas com a mesma leveza em seu caminhar e doçura no olhar.

Raquel contemplava a si mesma numa vida pregressa, exceto a idade, os seus cabelos eram vermelhos como o fogo, longos, levemente cacheados nas pontas, os seus olhos eram esverdeados e a sua roupagem digna de uma camponesa, um vestido de fundo claro com delicadas flores estampadas, deixando os ombros à mostra, um lenço prendia os seus cabelos como se fosse uma tiara a lhe enfeitar, andava descalça ao cantarolar enquanto colhia flores no bosque, depositando-as cautelosamente sobre um avental amarelo, amarrado em sua cintura.

Distraída, não notou a sutil aproximação de um rapaz ao elegantemente trajar um uniforme da guarda real, composto por uma calça branca, um dólmã militar azul e um coturno preto de cano alto. Surpreendida ao ser pega pela cintura, a jovem camponesa soltou um grito de pavor, deixando as flores caírem ao chão, virando-se a fim de constatar quem havia sido o responsável por seu descuido, soltou um novo grito, desta vez, de plena felicidade.

- Ian, é você! - por ímpeto, o abraçou fortemente, ao ser rodopiada entre risos pelo nobre oficial.

Ian Campbell dispunha das mesmas características da sua vida atual, no qual se apresentava como o jovem Natanael, ao depositá-la no chão, ajoelhou-se ao beijar-lhe afetuosamente as mãos.

- Alison, eu disse que viria, esqueceu-se?

- Não! Apenas me pegou distraída! - a jovem agachou-se a fim de apanhar as flores derrubadas ao ser impedida por Ian, que as recolheu em seu lugar.

- Até quando o nosso amor será proibido? Não tolero mais essa situação! - Ian lamentava a recusa do seu pai em aceitá-lo na família, sem imaginar que ele teria traçado outros planos para a filha.

- Não se aborreça, o meu pai é um bom homem - Alison vivenciava um terrível dilema, por um lado não podia ficar contra o pai, e por outro, não queria perder o amor de Ian.

Na tentativa mútua de se consolar, não notaram os olhares impetuosos de dois homens que se aproximavam rapidamente.

- Alison! O que está fazendo, afaste-se deste oficial - ordenou um dos homens.

- Papai! O que faz aqui? - Alison buscou proteção em Ian, como a

se esconder por detrás de um escudo humano, pressentindo que o pior estivesse por vir.

- Senhor, por favor, não a culpe por minha transgressão, se há algum culpado nisso tudo, sou eu, por amá-la demais! - cansado das preliminares, Ian foi direto ao assunto - Senhor Dilaurentis! Conceda-me a mão da sua filha em casamento, prometo honrá-la e respeitá-la enquanto viver.

Alison não esperava ser pedida em casamento, abalada ao testemunhar a cena entre os dois homens que mais amava no mundo, olhou para o pai, com os olhos a transbordar de lágrimas ao intimamente suplicar que o pedido fosse aceito.

Após o falecimento da esposa, o senhor Thomas Dilaurentis tornou-se um pai dedicado, quanto à educação e boa qualidade de vida oferecida a Alison, desde os seus sete anos de idade.

No ofício de lenhador e carpinteiro, a sua fonte de renda baseava-se no corte de árvores, transformando os troncos em belíssimas mobílias, por vezes, passava o dia inteiro embaixo do sol escaldante sem se queixar.

Apesar dos seus cinquenta e dois anos de idade, o seu aspecto físico era de um homem sofrido, batalhador e envelhecido em virtude da sua exposição ao sol.

De estatura mediana, robusto, olhos castanhos escuros e expressivos, cabelos grisalhos, uma barba cuidada e bem aparada, as suas vestimentas eram compostas por velhas calças com suspensórios, um gorro preto, botinas e camisas xadrezas.

Contudo, o senhor Dilaurentis demonstrava uma conduta diferente da habitual, especialmente, na presença do homem que

permanecia ao seu lado, aguardando por sua decisão sem nenhuma interferência.

Embora fosse inegável o desejo de propiciar infindáveis alegrias para a filha, entre elas, conceder o pedido de casamento feito por Ian, admitindo para si, que ele seria um excelente partido, concordaria de bom grado, se já não houvesse concedido a sua mão a outro homem. Um homem perverso que visava satisfazer o seu próprio ego, conseguindo essa façanha ao ameaçá-lo de morte, sobretudo, ao

assegurar-lhe que se a jovem não se casasse por bem, seria escravizada e acorrentada com o propósito de sucumbir aos seus desejos libertinos, de qualquer jeito, ele se apossaria da jovem.

E neste momento decisivo em que teria que facultar uma resposta contrária a sua vontade, estava presente o terrífico Barão Edward Murdock.

Sob o seu olhar perscrutador, o senhor Dilaurentis com o coração dilacerado pelo sofrimento que causaria ao informar a filha sobre o seu derradeiro destino, respondeu ao jovem oficial.

- O seu pedido está negado! Por favor, retire-se e não volte a procurá-la!

- Senhor, eu lhe suplico, reavalie o meu pedido! - Ian denotou o seu desespero ao caminhar na sua direção.

- Pare onde está! O senhor Dilaurentis já lhe outorgou a resposta, portanto, não seja insolente ou sofrerá as consequências da sua rebeldia - vociferou o homem ao impedir a sua aproximação.

- Quem é o senhor para me dar ordens? - inquiriu Ian ao afrontá-lo.

- Eu sou o Barão Murdock! Acredito que já tenha ouvido falar de mim! - sorriu sarcasticamente - Aconselho que retorne ao Castelo de

Doune e por lá permaneça sem mais importunar a senhorita Alison - conhecendo a audaciosa coragem do jovem oficial em batalhas, acrescentou na intenção de coagi-lo - Eu conheço os seus superiores e um desacato a minha pessoa não lhe será benéfico.

- Ele não está me importunando! - ao atinar que um completo estranho decidia sobre a sua vida, Alison intercedeu em prol do amado - Eu o amo!

- Amor! - zombou o Barão - O que uma camponesa sabe a respeito do amor, se nada mais é do que um jogo de poder e status social.

- Essa é a sua explicação para o amor? - questionou Alison ao ser impedida de prosseguir por Ian, antes que ela fosse covardemente insultada - Papai, diga algo, por favor!

O senhor Dilaurentis não teve escapatória, a verdade era a sua única saída e sem prorrogar o irremediável, sentenciou a filha.

- Alison, eu não posso deixá-la se casar com o oficial, uma vez que...

- Papai, o que lhe aflige? - segurando firmemente a mão de Ian, ficou à espera de um esclarecimento que sanasse toda a confusão.

Por fim, o senhor Dilaurentis criou coragem ao concluir.

- Uma vez que já está prometida ao Barão Murdock!

- O senhor não tem o direito! - sem forças devido ao impacto da notícia, Alison desmaiou, ao ser agilmente amparada por Ian sem que a deixasse cair no chão.

- Afasta-se da minha noiva! - enraiveceu-se o Barão ao soltar faíscas escarlates pelos olhos.

- O Barão não percebe o mal que acarretará na vida desta jovem

ao forçá-la a um casamento sem amor - disse Ian.

Ao atentar o agravante da situação, o senhor Dilaurentis, temeroso que uma luta fosse travada pela honra da jovem, interferiu em defesa de Ian ao postular que o Barão fosse embora, prometendo conversar com a filha, assim que ela se refizesse do abalo emocional, a fim de convencê-la a aceitá-lo como marido.

- Honrarei a minha palavra! - assegurou o senhor Dilaurentis ao contemplar a partida do Barão Murdock, respirando em alívio por ter

se livrado da sua terrífica presença, correndo em auxílio da filha, que se restabelecia nos braços de Ian, um pouco mais corada.

- Perdoe o seu pai! - o pobre homem, vítima das ameaças do Barão, buscava remissão da sua má conduta, certo de que não haveria outro caminho a seguir.

Estremecida, a camponesa apoiou-se em Ian com excedente dificuldade para se levantar, recusando a ajuda do pai que lhe estendeu a mão.

- Por que o senhor concedeu a minha mão a este homem repulsivo? Quanto ele pagou por mim? Por que me odeia tanto?

Aos prantos e entre soluços, o senhor Dilaurentis revelou.

- Se não casar com o Barão Murdock, decerto nos matará!

- Não precisará de muita coisa para a concretização desse ato! O senhor, meu pai, já o fez por ele! - ao vê-lo esbugalhar os olhos, acrescentou - Ao entregar-me a este homem, matou-me por dentro! Eu já estou morta!

As suas austeras palavras acertaram em cheio o coração do pai, nada poderia ser feito para remediar a situação, a não ser entregá-la a própria sorte e rezar para que Deus a poupasse de uma vida de infortúnios.

Alison amava o pai acima de tudo, entretanto, achou pertinente se afastar antes que dissesse algo que o magoasse ainda mais, Ian ficou ao seu lado por horas, discutindo sobre o ocorrido até chegaram a uma mesma conclusão: O senhor Dilaurentis sofreu inúmeras ameaças, sendo forçado a aceitar tal proposta, no anélito de preservar a vida da filha, era doloroso pensar desse modo, mas naquele momento encarar a realidade de frente era o sensato a se fazer.

- Finja que aceitará se casar com o Barão Murdock e não deixe que o seu pai desconfie do nosso plano! Lamentavelmente, eu terei que me afastar para a sua segurança! - Ian acertava os detalhes - Não desistirei de você, meu amor!

Com os olhos inchados de tanto chorar, o semblante da jovem camponesa se iluminou uma vez mais, diante da possibilidade de estarem juntos.

Uma triste despedida sucedeu, a dor da separação era inevitável, conquanto, a esperança depositada em seus corações os fariam prosseguir com as suas vidas.

Como ao despertar de um sonho, Raquel Lamont voltou a si, constatando que tudo permanecia como o deixado anteriormente, porém, ao apanhar o seu celular, pasmou-se ao verificar que haviam se passado vinte minutos, o que para ela teria representado horas.

Cedo para retornar à pensão, decidiu aproveitar o dia, revivendo em sua mente os próprios devaneios, contudo, um fato inusitado a intrigou, tanto o aspecto físico como os trajes do Barão Murdock pareciam estar envoltos por uma espessa camada de névoa escura, dificultando o seu reconhecimento, fator este, que não a amedrontaria em face das drásticas lembranças de uma existência

deixada no esquecimento.

Capítulo 7

Raquel regressou para a pensão por volta das cinco horas da tarde, faminta, comeu alguns petiscos, posto que estivesse fora do horário estabelecido a serem servidas as principais refeições.

Apesar de não ter feito nenhum esforço físico, sentiu-se esgotada.

Em seu quarto, antes de tirar um rápido cochilo, decidiu procurar pelo senhor Edwin com a intenção de autorizá-la a usar o computador local para que mais tarde pudesse se conectar com Natanael, conforme o combinado,mas antes de concluir mentalmente os seus planos, deparou-se com o vulto que obstinado pela jovem a perseguia onde quer que fosse, fazendo-a adormecer, sendo novamente transportada ao seu terrífico passado.

Cercada pelas flores, Alison caminhava sozinha a chorar, angustiada ao refletir sobre a sua desventura.

O destino havia lhe pregado uma peça da qual não se encontrava preparada para aceitar, ainda imatura para compreender o quanto desumano e cruel um ser humano pode se tornar na ânsia de satisfazer o seu próprio ego.

Nas proximidades da sua cabana, localizada na costa escarpada da Cornualha, no Sudoeste da Inglaterra, a jovem camponesa avistou o pai na porta, sofrendo tanto quanto ela pela decisão tomada, sem recursos financeiros, não teriam a quem recorrer, ou tão somente, fugir das garras do Barão Murdock, que decerto os caçariam como animais.

O seu coração comprimiu-se ao visualizar a lastimável cena, recordando-se de tê-lo visto nesse mesmo estado uma única vez, na súbita morte da mãe, enquanto dormia, ciente da sua austeridade, correu ao seu encontro.

- Papai, eu sinto muito! Desesperei-me e não medi as palavras ditas, eu sei que o senhor está tentando me proteger! - as lágrimas brotavam dos olhos da jovem sem o menor esforço - Aceitarei me casar com o Barão Murdock, jamais me perdoarei se algo de mal lhe acontecer em razão da minha desobediência!

- Não, minha filha, você está certa! Eu não posso exigir que

desfrute de uma vida indigna ao lado de um homem que lhe causa repulsa por devoção ao seu velho pai - trêmulo com que iria lhe dizer, pensou primeiramente na felicidade da filha - Fuja enquanto ainda é possível! É o que a sua mãe lhe diria para fazer! É o que eu quero que faça!

- Não papai! Ele o matará, eu sei que o matará! - desesperada com a proposta do pai, alterou bruscamente o seu comportamento que

antes era comedido - Na presença do Barão Murdock certifiquei-me que o mal habita o seu ser! Não o deixarei a mercê deste homem!

- Ouça o seu pai! Fuja! - ao segurá-la firmemente pelos ombros, olhou em seus olhos, em súplicas de desespero - Eu já estou velho e as poucas alegrias que me restam nesta vida provêm do seu sorriso, portanto, se por algum instante houver a certeza da sua felicidade longe dessas terras, terei uma morte feliz!

- Não papai, não me peça isso, por favor! Como almejarei a felicidade se o deixar para morrer? - a jovem não entendia a persuasão do pai em fazê-la aceitar o risco da sua própria vida em troca da sua felicidade.

- Obedeça-me! Estou lhe ordenando a fugir! - rispidamente mudou a sua tática para convencê-la - Talvez Ian lhe ajude!

- Pensei que o senhor não gostasse dele? - espantou-se a jovem.

- Como eu não gostaria, se todas as tardes ao voltar do seu passeio no bosque vêm com um sorriso de ponta a ponta e os olhos a brilhar. A sua mãe dizia que os olhos são os reflexos d’alma e através deles podemos contemplar a felicidade que o coração anseia camuflar - recordou-se da sua amada esposa em comoção - E é exatamente isso que eu presencio em você todas as tardes!

- Eu nunca reparei que o senhor contemplasse a minha felicidade sem a nada dizer - a jovem sentiu um leve rubor queimar-lhe a face ao atinar que havia sido pega em flagrante, sem deixar-se abalar, retornou ao assunto principal - Eu me casarei com o Barão Murdock e nada do que disser me fará mudar de ideia! – notificou-lhe com firmeza nas palavras.

O senhor Dilaurentis tentou convencê-la ao contrário, porquanto, não obteve êxito em nenhum dos seus argumentos, a questão não era

baseada no capricho de uma jovem, e sim, no amor fraternal, forte o bastante ao ponto de fazê-la suportar qualquer adversidade para que a sua vida fosse poupada.

Naquele dia, exaustos e abalados, pai e filha recolheram-se mais cedo.

Na intenção de animar o pai, Alison preparou a sopa que ele apreciava, uma receita exclusiva de temperos da sua finada mãe, ao sentir o agradável aroma que lhe abriu o apetite, o senhor Dilaurentis direcionou-se até a panela.

- Não se atreva! Não está pronta! - ralhou a filha, ao surpreender o pai que agia como uma criança a roubar um doce.

Embora estivessem na Inglaterra, Alison dominava a arte de cozinhar pratos típicos de outras regiões e países, e neste dia em especial, mesmo que desolador, escolheu uma sopa denominada Cock-a-leekie.

Na Escócia é um prato tradicionalmente camponês, igualmente apreciado por Ian Campbell que sem sombras de dúvidas era considerado um legítimo patriota.

Após saborearem a sopa, Alison organizou a sua bagunça, recusando o auxílio do pai, induzindo-o a descansar, não demorou

muito para que ele caísse em sono profundo, desvencilhando-se do remorso que corroía o seu ser.

Ao término, a jovem seguiu os passos do pai ao aconchegar-se numa rede que se encontrava do lado externo da cabana no anseio de se refrescar com a brisa de ar que soprava aprazivelmente em seu rosto.

No propósito de não fraquejar perante a sua própria decisão, dúvidas pairaram em sua cabeça.

- O que Ian fará ao descobrir que me casarei com o Barão Murdock? Entenderá os meus motivos? Receberei o seu ódio e repugnação como recompensa?

O que mais a angustiava era o fato de abrir mão da sua felicidade ao lado de Ian, nunca mais poder contemplar a imagem do seu alumiado sorriso, ouvir a sua voz rouca sussurrar-lhe juras de amor eterno, sentir o toque firme das suas mãos acariciar-lhe a face, abrigar-se em seu peito em busca de amparo ou até mesmo os seus olhos suplicar-lhe a cumplicidade de dois amantes.

Entre os devaneios de uma jovem sonhadora, algo em seu íntimo dizia que Ian corria o mesmo risco de vida do seu pai se acaso desistisse, não importando qual fosse à barbárie que viesse a mente do Barão Murdock, o certo é que ela não arriscaria a vida dos dois homens que amava por imprudência.

De tanto pensar, Alison esgotou as suas energias caindo em adormecimento, porém, o seu sono foi interrompido pelo galopar de um cavalo, ainda sonolenta, abriu os olhos lentamente e de sobressalto, gritou ao ver quem era o intruso.

- Papai! Corra até aqui!

O senhor Dilaurentis correu em defesa da filha ao segurar-lhe a

mão.

- Barão Murdock! O que quer aqui? Dei-lhe a minha palavra de que tudo será arranjado conforme o combinado! Poupe-a até o dia do casamento, por favor, eu imploro! - soltando a mão da jovem, o senhor Dilaurentis ajoelhou-se aos pés do homem, humilhando-se para que não a levasse antes do dia estabelecido.

- A sua filha tem o ar de rebeldia estampado no olhar, eu não me arriscarei que fuja com o oficial que me afrontou momentos atrás,

isso seria um ultraje a minha pessoa! - de olhar perverso, puxou Alison pelo braço sem medir a força imposta, machucando-a - A partir de hoje, fica declarado a minha íntegra posse e direitos sobre a jovem camponesa.

O senhor Dilaurentis fez de tudo para impedi-lo, entretanto, as suas palavras e ações não surtiram o menor efeito perante a gélida presença de sentimentos do Barão Murdock.

- Pare já com essa encenação senhor Dilaurentis! Nós dois sabemos que as suas súplicas e lágrimas de nada adiantarão. Em comum acordo terá a sua vida poupada e em troca desposarei a sua filha! - vociferou o Barão.

- Largue-me, está me machucando, eu não fugirei! O imensurável amor que nutro pelo meu pai é o tesouro mais precioso que possuo em minha vida, eu nada farei para colocar a sua vida em perigo - garantiu Alison, não derramando uma lágrima sequer, fingindo uma força inexistente para que o seu pai a deixasse partir na doce ilusão de que tudo estivesse bem - Deixe-me levá-lo para o interior da cabana a fim de nos despedirmos a sós, assim que o fizer, eu prometo que o acompanharei sem nenhuma tentativa de me esquivar das suas garras!

- Garras? Acha mesmo que eu possua garras? - gargalhou o Barão

- Você me faz rir com as suas citações hilárias. Vá logo e não se demore, não tenho tempo para essa choradeira inoportuna que o seu pai simula obter. Irá se casar minha jovem, deveriam festejar!

- Festejar? - irritada, atacou-o - Eu serei breve, porquanto, o advirto que o meu pai não finge como o insinuado. As suas lágrimas refletem o que o coração não quer calar. Isso sim é amor! Um sentimento que nunca compreenderá!

O senhor Dilaurentis permanecia ajoelhado aos pés do Barão, Alison o ajudou a se levantar tirando-o da situação constrangedora que ele havia se colocado.

- Papai, não se humilhe para este homem! Ele não merece a nossa compaixão! - sussurrou a jovem antes de adentrar na cabana.

Alison o confortou da melhor maneira possível e com uma leve suavidade na voz, declamou.

- Eu ficarei bem, não se preocupe! Prometa-me que se cuidará de agora em diante, por favor, eu necessito dessa certeza para prosseguir. O senhor é o meu alicerce, se o seu mundo desmoronar, o meu irá junto!

- Eu farei tudo o que estiver ao meu alcance, mas nada prometerei! A sua ausência trará muita tristeza em meu coração! - a despedida foi interrompida por via das queixas do Barão, apressando-a para que arrumasse os pertences a serem levados - Não faça o Barão esperar, ele facilmente se aborrece quando algo não sai conforme o planejado! - beijou-lhe a fronte, vendo-a partir cabisbaixa com uma pequena trouxa de roupas em suas mãos - Adeus, minha filha!

- Adeus, papai! Tão logo o Barão permita, eu o visitarei!

Não suportando a dor da despedida, o senhor Dilaurentis fechou os olhos e após ouvir o trotar do cavalo indicando a sua partida, falou para si mesmo.

- Eu duvido que a deixe me visitar! Rezarei por você! - abatido, voltou para a cama agarrado na única esperança de salvação que estaria depositada nas mãos de Ian para que pudesse libertá-la.

Por outro lado, Alison desprendeu-se de toda e qualquer esperança, convicta de que estaria condenada a morte ao viver pele imposição de um homem que lhe era totalmente desprezível.

Ao chegarem numa taberna, o Barão conduziu a jovem aos fundos, onde uma senhora os aguardava.

- Cuide dela como havíamos combinado, se a deixar escapar, pagará com a sua própria vida! - sem nada mais a dizer, partiu sem olhar para trás.

Alison apavorou-se ainda mais, sem entender o que estaria acontecendo ao ser entregue como uma mercadoria barata.

- Quem é a senhora? Que lugar é esse? Trabalharei aqui?

- Aqui não! Falaremos no quarto que lhe foi reservado! - alertou ao vê-la estremecida e nitidamente abalada.

Fugindo dos olhares maliciosos dos homens que ali se embriagavam, Alison a seguiu timidamente ao verificar o quarto que a abrigaria.

Embora limpo, não haviam acomodações adequadas, o recinto era composto por duas camas, separadas por um pano velho, ao notar a perturbação da jovem, a estranha senhora elucidou o seu destino e como ela faria parte dele.

- Me chame de Sophie! Não tenha medo de mim, de agora em diante a servirei como criada! O Barão Murdock encarregou-me de zelar pelo seu bem-estar até o seu retorno. Ficaremos aqui por esta noite, ao amanhecer partiremos para o seu castelo, onde será a sua nova morada. Descanse agora, a viagem será longa!

- Castelo? E onde fica situado? - Alison desesperou-se ao saber que se afastaria bem mais do que o imaginado.

- Nas proximidades da cidade de Stonehenge - ao dar-lhe os esclarecimentos, a senhora sobressaltou-se ao reparar uma vez mais a perturbação que lhe afligia - Não sabe a real localização do castelo do seu noivo?

- Não! - debochou a jovem - Noivo? Se é que eu possa considerá-lo como um!

A senhora Sophie não fez nenhuma observação em relação aos últimos dizeres da jovem camponesa, de família humilde, aparentava em torno dos seus quarenta anos de idade, estatura baixa, morena clara, olhos castanhos e cabelos negros suspensos por um coque levemente frouxo, uma beleza comum, trajava roupas ousadas e de tonalidades vibrantes, no entanto, por determinação do Barão, as trocou por vestidos longos e discretos, folgados na cintura, disfarçando a bela silhueta que a definia.

Sentia em sua pele a dor da jovem, ao recear que viesse a levar a mesma vida sofrida que a dela, havia perdido os seus pais ainda criança durante um ataque ao seu vilarejo, sendo escravizada por um homem que a obrigou trabalhar na taberna humilhando-a ao forçá-la oferecer o seu corpo como premiação aos homens que ali frequentavam, ironicamente, ela obteve a sua chance de ouro ao ser

vendida ao Barão para que pudesse trabalhar como criada de uma família nobre.

Obviamente o Barão possuía outras intenções ao comprá-la, e caridade estava fora de cogitação, ou seja, ela seria a sua informante ao vigiar todos os passos de Alison, sobretudo, ao relatar-lhe com minuciosidade tudo o que ocorreria em sua ausência, agora basta-nos saber se ela será capaz de trair a confiança do Barão Murdock em favor de Alison?

Capítulo 8

Raquel despertou, voltando a sua realidade.

Recordando-se da promessa feita a Natanael, convicta de que a sua ausência o tivesse magoado, enviou-lhe uma mensagem com os seguintes dizeres: “Perdoe-me! Exausta, acabei por adormecer, prometo não falhar novamente”.

Por sorte a resposta foi imediata e inesperada, fazendo-a esboçar um enorme sorriso de satisfação: “Descanse! Aguardarei ansioso por um novo contato! Eu não a tiro dos meus pensamentos!”.

Após a troca de mensagens, Raquel colocou um pijama, voltando para cama, sem sono, refletiu no seu sonho e no quanto ele havia se prolongado, passando-lhe por sua cabeça infindas bobagens, uma delas seria adormecer e não retornar a realidade.

Na ânsia de esvair os pensamentos negativos, dois deles vieram à tona: Quem de fato era o Barão Murdock? E por que não o teria visualizado com nitidez?

A sua linha de raciocínio foi interrompida ao escutar uma voz persistentemente a lhe chamar.

- Alison! Alison! Alison!

- Quem me chama por Alison? - perguntou a jovem ao procurar dentro de si uma coragem que não a fizesse fraquejar diante do vulto manifestado - Por que me persegue? O que realmente quer de mim?

- Não desejo o seu mal! Afaste-se de Stonehenge para o seu próprio bem, deixe o passado para trás, este é o seu devido lugar - desta vez, o vulto se expressou com brandura na voz - Não queira reviver o sofrimento de uma cidade esquecida.

- Por que deseja me poupar de tal infortúnio? Afinal, quem é você? - inquiriu a jovem - Não se esconda atrás de um vulto, mostre a sua face!

- Não está emocionalmente preparada para me ver! - o vulto sumiu diante dos seus olhos como uma névoa ao dissipar-se pelo ar.

Raquel contentou-se com o que lhe foi dito, minimizando o seu nervosismo ao acreditar na amistosidade do vulto.

A teimosia e persistência eram o combustível da sua alma, porquanto, não se daria por vencida, buscando formas de desvendar os mistérios que a rondava.

Tentou dormir um pouco mais no almejo de ser conduzida ao passado, apesar de ter adormecido por mais algumas horas, nenhum efeito positivo surtiu em sua estratégia, aborrecida, levantou-se por volta das sete horas da manhã, na certeza de que o seu retorno à cidade das pedras facultaria o acesso às portas fechadas do seu subconsciente, portas estas que o vulto clamou por não abri-las. Raquel apanhou a primeira roupa avistada em sua bagagem ainda não desfeita e amassada, não atribuindo importância a esse

pormenor, ao trajar-se com uma bermuda jeans, uma camisa de viscose acetinada com estampa de oncinha e uma sapatilha preta.

Ao dirigir-se a recepção, cumprimentou o senhor Edwin, não lhe dando tempo de retribuir o seu saudoso “Bom dia!”, ingeriu apressadamente o seu desjejum matinal e saiu rumo à Stonehenge como se estivesse em fuga.

Chegando ao destino, surpreendeu-se ao observar que o local estava deserto, e só então, depois de alguns minutos a cogitar o que teria ocorrido com os turistas e visitantes locais, se deu conta de que se tratasse de uma tranquila e ensolarada manhã de domingo.

Embora o silêncio lhe causasse arrepios, caminhou ao centro das pedras como se houvesse intimidade com o local, sem rodeios, deitou-se ao sentir o esvair das suas forças, entregando-se ao passado obscuro da sua alma com uma intensidade maior do que a anterior.

Raquel retornou ao passado, num ambiente hostil, a longa viagem que faria da costa escarpada da Cornualha até a cidade de Stonehenge havia se concretizado.

O dia alvoreceu tão quente e radiante como o presente vivenciado, ao lado da sua nova criada, se viu deslumbrante num longo vestido azul que demarcava graciosamente a sua silhueta,

ousando apenas num pequeno decote princesa, longe da vulgaridade frequentemente presenciada nas damas da sociedade, em particular, as que se encontram no patamar mais elevado da nobreza.

Ao presenteá-la com o vestido, o Barão ordenou o seu uso imediato no fito de garantir a sua elegância para acompanhá-lo.

Antes de avançarem as imediações do castelo, numa das paradas, o Barão se aproximou da jovem que descontraidamente conversava com a criada.

- O que tanto confabulam? Sophie! Espero que não esteja tramando algo que coloque a sua vida em risco! - durante todo o percurso, o Barão não demonstrou cordialidade com as mulheres, tratando-as somente como servas a lhe seguir.

- Não, meu senhor! São conversas fúteis de duas mulheres, assuntos que por certo o aborrecerá! - adiantou-se Alison, com receio de que a criada fosse punida.

- Está certo! Estamos a poucas milhas do meu castelo. Sorria minha querida, em breve será anunciado o nosso noivado! - a notícia causou-lhe repulsa.

Montado em seu cavalo negro, o Barão seguiu a carruagem em que ambas as mulheres permaneciam, em alerta contra os possíveis saqueadores da região.

Aleatoriamente vozes desconhecidas foram ouvidas, Alison não conteve a sua curiosidade ao espiar pela janela, abrindo a cortina que as isolavam do mundo afora, os seus olhos esbugalharam ao avistar o imenso castelo que as abrigariam e os inúmeros soldados que andavam lado a lado com o Barão fazendo-lhes a escolta final.

O castelo possuía uma arquitetura rudimentar, construído numa elevação de pedra sobre pedra, escondendo o luxo que estaria por vir.

O Barão Murdock adentrou as imediações do castelo com a cabeça erguida e ares de triunfo, esnobando a fidalguia, sobretudo, a plebe que havia comparecido em massa com o propósito de conhecer a sua noiva em decorrência dos boatos propagados por toda a Inglaterra.

Ao descer do cavalo, andou em direção ao coche no fito de auxiliar a jovem, que se ruborizou defronte os olhares desejosos dos homens e os invejosos das mulheres que não disfarçaram o despeito

ao recepcioná-la, pois muitas das que se encontravam presentes haviam tentado conquistar o Barão usando de artimanhas que não condiziam com a educação recebida, apercebendo o constrangimento de Alison, a criada que permanecia em seu encalço, murmurou.

- Logo se acostumarão com a sua presença no castelo e os olhares cessarão!

Ao testemunhar a estranha multidão ao seu redor, Alison presumiu que todos servissem ao Barão e qualquer coisa que dissesse ou pedisse chegaria aos seus ouvidos sem chance de retaliação, essa hipótese causou-lhe pavor.

Ao término das apresentações, o Barão denotou amabilidade com a jovem perante aos que a contemplavam, declamando que em breve seria anunciada a data da cerimônia do seu casamento, e que de momento, ofereceria uma festa em homenagem a sua futura esposa para que fosse brindada a felicidade do casal, por conseguinte, todos estariam convidados.

- Um baile de máscaras! - gritou um homem em meio à multidão.

- Sem dúvida essa é uma excelente ideia! - bradou o Barão - Entretanto, a festa é para a minha noiva, vejamos o que ela decidirá?

Todos os olhares se voltaram para Alison à espera de uma

resposta, sem graça, em simulação da sua alegria, comunicou-lhes a decisão.

- Sim! Poderemos ter um baile de máscaras!

O contentamento foi generalizado, há tempos o Barão não os ofertava com uma festa, onde o luxo e a fartura eram a sua marca registrada.

O Barão ordenou que o baile fosse realizado no prazo de três dias, tendo pressa em se casar, ao seu modo de pensar, o casamento lhe

daria a solidificação da sua posse sobre Alison, deixando-a submissa aos seus caprichos sem o perigo de se rebelar contra ele.

Por precaução para que nada viesse atrapalhar os seus planos, o Barão levou a jovem para o interior do castelo, porém, ao distanciar-se dos olhares da multidão, ocorreu uma assombrosa transformação em seu comportamento, conferindo lugar a sua verdadeira personalidade.

Segurando-a fortemente pelo braço, arrastou-a para torre contra a sua vontade, machucando-a ao fazê-la subir uma extensa escadaria em forma de caracol, o acesso era restrito a criadagem, somente autorizado à senhora Sophie para que servisse a futura Baronesa Murdock.

Na torre, Alison foi arremessada ao chão, suplicando ao Barão para que não a punisse daquela forma, desconhecendo a razão do seu confinamento.

A criada que os acompanhava, a mando do seu senhor, não se conteve ao presenciar o desespero da jovem, interpelando de joelhos ao seu favor.

- Senhor, eu lhe imploro, não aprisione a senhorita Alison, ela nada fez! Se imprescindível for, eu a vigiarei dia e noite para aliviá-

la da sua punição - receosa por sua audácia ao afrontar o Barão com o seu pedido, prosseguiu ao entregar em extrema confiança a sua vida nas mãos da jovem - Eu me responsabilizarei por seus atos e pagarei com a minha própria vida se assim for preciso!

- Está ciente do que diz criada? Quanto disparate ao colocar a sua própria vida nas mãos de uma camponesa imatura! - o Barão gargalhou ao ridicularizar o seu pedido - Quer lhe fazer companhia

criada, fique à vontade! - mais gargalhadas foram dadas, arrepiando as duas mulheres com a sua nítida frieza.

- Deixe-a em paz, é a mim que o senhor deseja punir! - rogou Alison - Aceito o meu confinamento sem contestá-lo, não desconte a sua ira em pessoas inocentes - ao fitar a criada, falou-lhe entre soluços - Obrigada! Eu nunca esquecerei o seu gesto benevolente no anseio de me salvar!

- Pare com as lamúrias! - enfurecido com a fácil aceitação de Alison, ordenou a criada que fosse buscar algo para que a jovem pudesse se alimentar, apesar de mantê-la como a sua prisioneira, era essencial que a exibisse com vigor no dia do baile de máscaras, mormente, no dia do seu casamento.

Antes de se retirar da torre e incumbir à criada com novas instruções a serem seguidas, entregou-lhe uma cópia da chave para que pudesse manter o seu acesso à torre acaso ele se ausentasse, ameaçando novamente a sua vida se ousasse trair a sua confiança como tática de permanecer no controle da situação.

Uma última frase direcionada a Alison foi dita, deixando-a irritada.

- Não se preocupe, terá o mais primoroso vestido de baile que

possa almejar!

Controlando-se ao máximo para não retribuir a sua provocação,

Alison calou-se ao vê-lo se afastar de si.

A torre não oferecia recursos que lhe proporcionasse conforto,

somente uma cama, duas cadeiras e uma pequena mesa com um

candelabro fariam parte do seu irrevogável e injusto confinamento.

A luz do sol pouco iluminava o ambiente, a janela

excessivamente alta não lhe permitiria observar o lado externo do

castelo, em meio aos pensamentos, a jovem foi interrompida com o retorno da criada que equilibrava dificultosamente em suas mãos uma bandeja de prata farta de alimentos como lhe foi ordenado.
Ao depositá-la sobre a mesa, encontrou-a jogada ao chão no mesmo estado em que foi deixada, movida pelo impacto da cena, sugeriu.

- Venha, precisa se alimentar!

- Eu não estou com fome! Leve de volta ou coma você mesmo! - sem forças, Alison derramou-se em lágrimas.

- Por favor, faça-o por mim! - ao vê-la erguer a cabeça e mirá-la, acrescentou - A sua fraqueza não lhe ajudará a se defender do Barão e eu não poderei ampará-la se for punida por sua desobediência.
Neste instante a senhora Sophie se lembrou das ameaças do Barão Murdock ao coagi-la a desempenhar o papel de informante, por um impulso, ajoelhou-se na frente da jovem ao também chorar.

- Sophie, o que houve? Por que chora? - sem a compreensão das suas lágrimas, abraçou-a ternamente - Quer desabafar? Não tenha receio, sei o quanto o Barão é cruel, e se porventura fizer algo ao seu mando não a julgarei!

- Perdoe-me! - ao olhar para a porta a fim de se certificar de que

realmente estivessem a sós, deu continuidade - Não posso acatar as ordens do Barão e ir contra os meus princípios! Eu pouco a conheci, entretanto, foi o suficiente para asseverar-me de que é uma jovem especial, renunciou a tudo por amor, abrindo mão da sua jovialidade ao entregar-se nas mãos de um homem inescrupuloso. A senhorita tratou-me com carinho e respeito há tempos abdicado a minha pessoa - após uma breve pausa, encorajou-se a revelar - Ele ordenou que a

vigiasse! Eu não farei, eu juro, por favor, não conte isso a ninguém! O Barão jurou me matar!

- Acalme-se! Eu não contarei a ninguém, prometo guardar este segredo a sete chaves em nome da nossa amizade. Só me resta você a quem confiar! - desabafou a jovem.

- Senhorita! - exclamou a criada admirada com as suas gentis palavras.

- Me chame de Alison! Afinal, nós somos amigas ou não? - embora desolada, a certeza de contar com alguém abrandaria a sua dor.

- Alison! Sim, nós somos amigas, prometo não decepcioná-la, porquanto, eu a chamarei de maneira formal na presença do Barão para que não venha a castigar-me por minha insolência - os olhos da criada radiavam de alegria por não mais carregar em seus ombros a culpa de uma traição - Obrigada por não julgar-me! Agora se alimente, enquanto eu buscarei os seus pertences, e posteriormente, limparei esse lugar que está uma imundície.

- Estou zonza! Seguirei o seu conselho e me alimentarei antes que venha a desmaiar. Faça-me companhia! - a criada pasmou-se mediante o convite, mesmo faminta, acabou por recusar não

querendo abusar da amizade que nascia entre as duas - Eu insisto, por favor! Não darei conta de tudo, é um sacrilégio jogar essa exorbitância de alimentos ao lixo com tantas pessoas passando fome no mundo - atinando que o seu receio fosse o Barão flagrá-la ao comer, arquitetou um astuto plano - Façamos assim! Eu me sentarei de modo a olhar diretamente para a porta, enquanto você se posicionará do lado oposto, caso sejamos surpreendidas pelo Barão, isso lhe dará tempo para ingerir o alimento, e assim disfarçar.

De acordo, ambas fartaram-se com os alimentos.

A criada imensamente agradecida foi buscar os seus pertences, em seguida, limpou o local, dispensando a ajuda de Alison ao temer o retorno do Barão.

A jovem sentiu-se inútil em não poder auxiliá-la nas tarefas corriqueiras, se passado uma hora, a criada finalizou a tarefa, deixando-a sozinha para descansar.

Nessa ocasião, a realidade de Raquel era outra, o tempo havia mudado, o sol se escondido por detrás das inúmeras nuvens carregadas que traziam consigo uma escuridão aterradora, como se o dia virasse noite, alertando aos habitantes locais e turistas que uma forte tempestade não tardaria a chegar, afastando-os do desejo de visitarem a cidade de Stonehenge.

Inconsciente, imersa no passado, a jovem se manteve inerte, não pressentindo o real perigo que a rondava, sem ninguém pelas proximidades para socorrê-la.

O destino ironicamente brincava com Raquel.

Capítulo9

Três dias haviam se passado com lentidão, Alison não escondia a tristeza que a dominava, por vezes, sozinha e encolhida em seu canto, chorava ao lamuriar-se por sua vida insignificante, a criada pouco comparecia na torre para lhe fazer companhia ao seguir à risca as instruções do Barão Murdock.

Ao dispor de um sorriso, o Barão abriu a porta, encontrando-a sentada no chão, cabisbaixa sem o esboçar de uma única reação em face da sua presença, embora preocupado, não exprimiu a sua aflição ao testificar o desprendimento do vigor jovial que o enfeitiçou, aos poucos o seu coração gélido perdia a potencialidade e sem o entendimento da mudança ocorrida dentro de si, ignorou tais sentimentos.

- Vejo que a futura Baronesa aprecia mais a comodidade do chão do que a cama que lhe foi ofertada! - ao observar a sua imobilidade,

depositou um pacote sobre a cama ainda desfeita e com cautela, aproximou-se no intento de averiguar o seu estado de saúde - Está doente? Sente algo?

- Eu estou bem! - Alison contraiu o corpo com receio de que a machucasse, no entanto, admirou-se com o carinho transmitido ao tocar-lhe o semblante.

- Eu não a machucarei! Só quis verificar se estava com febre, mas não está! Levante-se, tenho algo que talvez lhe agrade! O baile de máscaras se concretizará hoje à noite, estará disposta para recepcionar os convidados ao meu lado? - ao reparar na sua excedente dificuldade de se levantar, o Barão ofereceu-lhe a mão sem que houvesse rejeição, indagando-a - Tem se alimentado?

- Sim, eu tenho! A senhora Sophie é pontual ao trazer-me as refeições e só vai embora quando esvazio a bandeja que me traz. E quanto ao baile, não há com o que se preocupar, eu me apresentarei como uma verdadeira dama! - Alison se sentou na beira da cama ao fitar o pacote.

- Se a alimentação a satisfaz, explique-me de onde veem essa melancolia que visivelmente a consome?

- Eu confesso sentir uma imensa solidão ao confinamento que me

foi imposto, não há nada para fazer neste lugar, o meu corpo padece devido à falta de espaço para locomover-me, a minha mente encontra-se vazia sem nada que a ocupe, eu me sinto inútil, vivendo somente por viver - declarou a jovem em lágrimas - Eu sinto falta do meu pai que nunca se ausentou da minha vida!

Enfim, Alison havia mexido com as emoções do Barão como nenhuma outra mulher foi capaz de fazer, aos poucos a sua aparência

tornava-se nítida, podendo-se atestar a maturidade do homem que se entregava aos encantos de uma jovem camponesa.

O Barão aparentava cerca de quarenta e cinco anos de idade, moreno claro, estatura mediana, digamos que no peso ideal em relação ao seu porte físico, os cabelos negros cediam lugar aos grisalhos, conferindo-lhe um discreto fascínio, os olhos castanhos expressavam o sofrimento de uma vida inteira, trajava roupas escuras, sobretudo, o preto.

Dono de uma extrema elegância que despertava o interesse das mulheres não só por sua aparência, mas pela fortuna herdada do seu pai, um homem de coração generoso, ludibriado ao acreditar que toda a sociedade almejasse o seu bem, em contrapartida, a sua mãe era uma mulher de origem humilde, denotando a sua fibra ao sacrificar a sua vida para criá-lo na ausência do marido covardemente assassinado por conveniência política da época, pouco respeitada por sua posição feminina perante aos negócios, ao amargamente sofrer para garantir que a fortuna permanecesse intacta até que o filho atingisse a sua maioridade, havendo uma discórdia familiar pela custódia do patrimônio.

Dois anos após lhe ser outorgado em cerimônia restrita o título de

Barão, a vida da sua mãe ceifou-se por intermédio de uma repentina doença, uma cólera que aterrorizou as regiões próximas à Stonehenge, vindo a falecer.

As muitas tragédias vivenciadas pelo Barão explanariam a sua conduta de não expor os seus sentimentos, talvez o medo de sofrer os mesmos dissabores fosse maior do que o amor que habitava em si.

Voltando a realidade dos fatos, o Barão esforçou-se a fim de animá-la.

- Após o baile terá o recanto de um aposento particular onde ficará até o nosso casamento com a ampla possibilidade de caminhar por todas as imediações do castelo, contanto, que não se aproveite da minha benevolência e fuja - as palavras surtiram um efeito positivo em Alison - Eu não lhe prometerei a presença do seu pai, todavia, emitirei uma mensagem ao Duque de Albany que em recíproca de alguns favores por mim prestados, decrete uma ordem aos seus soldados para buscá-lo sob a sua proteção. Eu soube que ele está numa missão de incumbência real pelos arredores de Stonehenge, se tudo ocorrer conforme o planejado, o seu pai estará conosco após a concretização do nosso enlace matrimonial, enquanto isso, eu exigirei a presença da senhora Sophie para lhe fazer companhia, se assim for da sua vontade!

Alison não acreditava na transformação do Barão ao lhe dar a liberdade, ainda que limitada sob as suas exigências, confusa, expressou a sua gratidão.

- Eu juro que farei por merecer o seu voto de confiança, aceitarei de bom grado a presença da senhora Sophie a fazer-me companhia e saberei esperar pela vinda de meu pai. Não sabe o quanto eu fico grata por sua imensa generosidade, a mim, que sou apenas uma

jovem sem grandes perspectivas de um futuro venturoso - ajoelhando-se aos seus pés, beijou-lhe as mãos - Obrigado, senhor!

- Por favor, levante-se! Não faça isso! Estranho o que vou lhe dizer, porquanto, nos últimos dias em que mantive a minha presença afastada da senhorita, refleti sobre o modo que agi ao trazê-la em minha submissão - uma breve pausa o fez se ajoelhar como Alison - Mediante a sua doce jovialidade, eu reconheci os meus erros e arrependido, almejo a sua felicidade. Não me tenha como um ser

atroz, do qual eu me apresentei. Sinto que eu posso me tornar um homem melhor ao seu lado! - caindo em si, o Barão levantou-se num só impulso, ao deduzir que tivesse passado dos limites ao abrir o seu coração para uma jovem que nunca o amaria, recordando-se das juras de amor eterno feitas ao oficial Ian diante de si, que por ironia do destino, servia ao Duque de Albany.

Alison emocionou-se, lágrimas encheram os seus olhos ao contê-las para que nenhuma delas viesse a transbordar, sem a compreensão da dor que dilacerava a sua existência em cada pronunciar.

- Eu preciso ir, há muito a ser organizado até o início do baile! Espero que seja do seu agrado, determinarei a criada que suba para ajudá-la a provar o vestido, e caso haja a necessidade, ela mesma fará os acertos cabíveis para que se apresente deslumbrantemente - indicando o pacote que não havia sido aberto, retirou-se.

Alison o seguiu com o olhar, sozinha, abriu o pacote desfazendo o laço que o cingia ao soltar um grito misto de espanto e alegria, sendo incontestável a precisa escolha do Barão ao agraciá-la com um vestido que apresentava um toque de glamour e elegância, no tom de rosa claro, longo, no estilo tomara-que-caia, com alguns detalhes bordados delicadamente em prata na altura que compreendia o busto

e a cintura, um par de luvas rosa, sapatos prateados e uma máscara em ambos os tons, rosa e prateado, combinando com o vestido, atribuindo à sensação de que teria sido bordada à mão, tamanha a delicadeza e perfeição dos detalhes.

Não suportando a ansiedade da espera, a jovem camponesa o colocou e para o seu contentamento o vestido ajustou-se perfeitamente em sua bela silhueta, ao rodopiar pelo minúsculo

ambiente foi surpreendida pela criada que ao chegar, estranhou o motivo de tanta felicidade.

- Bom dia! De onde provém essa alegria que a ilumina na manhã de hoje?

- Bom dia, Sophie! - puxando-a para que se sentasse numa das cadeiras com o objetivo de lhe contar a prosa sucedida com o Barão, foi rispidamente advertida pela criada ao lançar-se sobre a cama.

- Alison! Amassará o seu vestido e o Barão Murdock me punirá se não estiver impecavelmente apresentável.

A jovem retirou o vestido ao colocar os trajes habituais, sem nenhum reparo a ser executado, iniciou o relato, deixando a criada boquiaberta defronte a nova condição de vida proposta pelo Barão.

- Sei que a minha felicidade não será completa! - desabafou a jovem - O Barão prometeu a presença do meu pai que muito me contentará, mas eu...

A criada previu a resposta, mas esperou que ela tivesse a coragem de declamar o que o seu coração guardava para si.

- Eu não terei a chance de reencontrar o grande amor da minha vida e suplicar pelo seu perdão por ter aceitado, mesmo que contrariada, o pedido de casamento do Barão - o seu semblante

entristeceu-se ao figurar Ian em sua mente.

- Se esse rapaz te ama com a mesma intensidade e pureza de sentimentos que demonstra nutrir por ele, não suplicará pelo seu perdão. Ele entenderá as suas razões sem julgá-la! - a criada tinha dúvidas sobre as suas próprias palavras e sem permitir que o desalento a desmotivasse, falou - Não importa os obstáculos enfrentados, tampouco, o tempo transcorrido, o amor verdadeiro prevalecerá!

Horas depois, a conversa foi pausada para que a criada lhe trouxesse o almoço, após ambas se fartarem como o combinado, a jovem optou por um repouso que perdurou por toda à tarde, despertando com o chamado da criada.

- Alison! Alison! Acorde preguiçosa!

- Acordar! Acabei de deitar! - alarmou-se ao esfregar os olhos.

Alison havia dormido por seis horas ininterruptas, período em que a criada lhe faria companhia, voltando para trás no almejo de não importuná-la.

- Acabou nada! Apresse-se, logo mais o Barão virá buscá-la! - a criada notou a confusão mental da jovem, ainda sonolenta - Tão logo escurecerá e a luz de um candelabro não será o suficiente para ajudá-la a se arrumar com a pompa exigida pelo Barão.

Acatando a solicitação da criada, o seu entusiasmo voltou ao vestir o traje, conquanto, Alison afligiu-se com um detalhe que completaria o seu visual.

- Sophie, o que farei com os meus cabelos? Eu queria prendê-los, mas não há nada que eu possa usar!

- Eu tive uma ideia! - engenhosamente a criada usou a sua imaginação ao se utilizar de uma fita rosa que cingiu o pacote para

amarrar os cabelos da jovem - Farei uma linda trança, transpassando-a em todo o seu comprimento - ao término, indagou apreensiva entregando-lhe um pequeno espelho de mão - O que acha do seu novo penteado?

- Esplêndido! - Alison a surpreendeu com um abraço e um beijo na face - Obrigada, eu não sei o que seria de mim se não estivesse ao meu lado!

A criada sorriu, porém, conteve-se em não retribuí-lo, afastando-se da jovem que atinou a sua reação em decorrência das fortes batidas na porta.

- Entre! - bradou Alison.

O Barão entrou eufórico e ao contemplar a sua graciosidade, embasbacou-se, atropelando a própria fala ao gaguejar.

- Perdoe-me pelos modos! - pausou para que pudesse recuperar o fôlego - Sem dúvida é a mais bela mulher que eu conheci em toda a minha vida, agradeço a Deus por colocá-la em meu caminho para que eu possa através da sua estonteante beleza e pureza de sentimentos, redimir-me de todo o sofrimento ocasionado.

Enrubescida, Alison não soube se expressar, a criada que ainda permanecia ao seu lado, testemunhou a mudança do Barão ao estarrecer-se.

- Nos deixe a sós! - ordenou ao dirigir-se a criada, que sem contradizê-lo, saiu rapidamente.

O Barão se aproximou da jovem camponesa e de joelhos lhe entregou uma caixa de camurça preta, de modo a não ofendê-lo, apanhou, mas ao certificar o seu conteúdo, recusou.

- Oh, eu não posso aceitar! Já me deste esse lindo vestido! Eu não

posso!

- Por favor, não o rejeite! - suplicou o Barão ao segurar-lhe afavelmente uma das suas mãos - É um reles presente de noivado, ou talvez, de perdão!

Alison o aceitou de bom grado ao intuir a sinceridade das palavras do Barão, que ao se levantar, fez questão de colocar a gargantilha.

O presente compunha uma magnífica e delicada gargantilha de madrepérolas de três voltas, Alison colocou o restante das joias, sendo eles, um par de brincos e uma pulseira.

- Logo mais, ao ser anunciado o nosso noivado, será agraciada com mais um mimo, portanto, acostume-se! - segredou o Barão ao esconder em seu bolso um inestimável anel de brilhante.

- Desculpe-me por minha insolência! O meu pai me criou com uma vida sem regalias, eu não estou habituada ao refinamento de uma nobreza. Por favor, não esbanje a sua fortuna no anseio de me agradar - o seu pedido estremeceu o Barão que havia se acostumado com mulheres gananciosas ao seu lado, no aguardo da ocasião oportuna para lhe dar o bote como uma cobra venenosa, todavia, Alison era diferente, de origem extremamente humilde, possuía em seu ser a essência do caráter incorruptível que a moldava.

- Não se desculpe, eu a compreendo perfeitamente e confesso que me deleito ao saber que não é o tipo de mulher fútil que fingi simpatia em troca de mimos. Apesar disso, terá que se acostumar! - ao notar o seu abrupto espanto, esclareceu - Após o casamento, receberá o título de Baronesa, será cortejada pela nobreza que tentará me conquistar através da sua angelical inocência.

- Eu receberei presentes para se aproximarem do senhor? -

confusa, a jovem balançou a cabeça.

- Quase isso, minha querida! Há vários interesses políticos do

qual eu estou indiretamente ligado visando a minha fortuna para

darem andamento nas suas invenções estapafúrdias ao arriscarem

tudo o que eu construí ao longo dos anos - pressupondo a falta de

entendimento da jovem, encerrou o assunto, oferecendo cortesmente

o braço para que o acompanhasse - Chegou a hora tão esperada de recepcionarmos os nossos convidados.

Nervosa, Alison sentiu uma leve e fugaz vertigem, seguindo o Barão, desceu a escadaria que propiciaria a sua liberdade, despedindo-se do seu confinamento.

Caminharam por um corredor que não se recordava de tê-lo visto, atinando que este fosse um trajeto desconhecido, vozes foram ouvidas ao longe, uma passagem secreta deu-lhes acesso a um dos aposentos do Castelo, recompondo-se, Alison ajeitou o vestido, munida de coragem para enfrentar o seu destino.

Enfim, estavam a poucos passos do salão, a jovem pressionou com moderada força o braço do Barão que compreendendo o seu temor, nada mencionou.

O salão era maior do que o conjecturado, decerto Alison se perderia entre os convidados, a sua beleza fez com que os cavalheiros parassem para contemplá-la e reverenciá-la, porém, as damas, por despeito, cochichavam fatos inexistentes da sua vida pessoal no desejo de elevarem a própria autoestima.

Alison retribuiu acanhadamente o cortejo ao esboçar-lhes um sorriso singelo e respeitoso, sabendo de antemão que isso ocorreria,

o Barão a encaminhou para duas poltronas que lhes foram reservadas ao canto do salão, quase a escondê-los.

Ao indicar-lhe a poltrona, Alison sentou-se ao observar com minúcia a riqueza que a circundava, o salão vermelho como era conhecido e fazendo jus ao nome, dispunha de algumas paredes no tom de vermelho, alternando com paredes em ocre e outras com extensos espelhos a cobri-las, amplas janelas decoradas com belíssimas cortinas nos dois tons, o teto parecia ser entalhado à mão

tamanha a perfeição dos detalhes, inúmeros lustres de cristais com cordões de seda branca dependurados sofisticavam o ambiente, algumas poltronas em veludo vermelho, macias e confortáveis idênticas ao que havia se sentado, conferiam o toque final.

Em relação aos convidados, todos estavam apresentáveis, embora o nível social de cada um fosse apercebido pelos trajes que os compunham, os de maior poder aquisitivo esbanjavam o luxo, em especial, as mulheres que ousavam com vestidos decotados, cores vibrantes, sobrecarregadas de joias, os de menor poder aquisitivo ostentavam a modéstia de uma vida desigual, não se deixando abater por aqueles que os tratavam com desdém.

Atendo-se a simpatia do Barão que lhe proporcionava uma sensação agradável de proteção, após incontáveis dissabores, a jovem pôde contemplar o homem que se camuflava por detrás de uma reputação que ela mesma havia estabelecido.

Em seu convencional traje preto e uma máscara branca que realçava o olhar, estremeceu-se ao se lembrar das injúrias e julgamentos errôneos que lhe imputou.

Em meio aos seus devaneios e reflexões, a jovem foi desperta por um rapaz que se aproximou do casal em trajes discretos no tom de

verde-musgo, cobrindo parcialmente o rosto com uma máscara dourada.

- Perdoe-me a minha indiscrição, creio que não se lembre de mim, eu sou o filho de uma antiga serviçal que o serviu há cerca de vinte e seis anos atrás.

O Barão não queria ser rude, mas realmente não se lembrava do rapaz.

- Como pode afirmar uma data tão precisa? Diga-me o nome da sua mãe, talvez eu me lembre de você? A sua fisionomia não me é estranha!

- Vinte e seis anos é a minha idade atual, infelizmente a minha mãe veio a falecer ao ato do meu concebimento - pronunciou-se ao fixar os olhos no Barão em surpreendente revelação - Megan Chisholm! Lembra-se agora!

O Barão delongou a responder uma simples questão ao ser acometido por uma crise de tosse, amparado por Alison, disse-lhe pausadamente ao recuperar o ar que lhe faltava nos pulmões.

- Sinto muito, meu rapaz! Sinceramente, não me recordo da sua mãe! Na época eu era um adolescente, o meu tempo era tomado pelos estudos e pouco me atinha aos nomes das serviçais.

- Perdoe-me novamente! Hoje é uma data festiva, não quero importuná-lo com assuntos que não condizem com a celebração de um noivado - antes de se retirar, enunciou algumas palavras direcionadas a Alison que não agradaram o Barão - Como futura Baronesa, tenha em suas mãos a riqueza que possa usufruir em vida, entretanto, não entregue o seu coração a quem não conheça, este é um conselho que lhe dou!

- Insolente! - vociferou o Barão.

- Deixe-o ir! - rogou a jovem segurando-o pelo braço no anseio de evitar que o pior acontecesse - A minha honra se mantém intacta, nada do que foi dito será levado em consideração, prometa-me que ficaremos em paz no dia de hoje!

- Prometo! - o Barão beijou-lhe ternamente a testa em gratidão, ciente de que teria arruinado o baile com um desastroso escândalo - Obrigado, minha querida!

Alison não era ingênua, ao se conscientizar de que existisse um segredo escuso por detrás do comportamento hostil do rapaz agregado ao assombro do Barão.

Curiosa, se arriscaria a desvendar o segredo, afinal:

Quem foi Megan Chisholm?

E o que ela teria representado na vida do Barão Murdock?

Capítulo10

Uma chuva torrencial caía sobre a cidade mística de Stonehenge, presa em seu passado, Raquel permanecia inconsciente no interior do círculo de pedras.

Ao findar da tarde, um homem a procurava ensandecidamente e ao encontrá-la desfalecida no chão, correu em auxílio.

- Raquel! Raquel! Por favor, acorde!

Sem êxito, vasculhou o bolso da sua bermuda ao deparar-se com a chave do carro, antes de levá-la para a pensão, dispensou o taxista ao agraciá-lo com uma generosa gorjeta para que o guiasse até a entrada de Amesbury, informando-o que fosse um mero turista a passeio.

O homem seguiu o taxista até o local estabelecido, por sorte, a distância entre as duas cidades era irrisória, facilitando a sua localização.

Na entrada da pensão, o senhor Edwin que raramente se retirava do seu posto atrás do balcão, reconheceu de imediato a jovem que carregava nos braços, sem forças para ajudá-lo, ou tão somente, subir as escadas com a mesma agilidade dos jovens, tocou a campainha que ficava em cima do balcão, na intenção de chamar o rapaz que ali trabalhava.

Assim que surgiu na sua frente, entregou-lhe uma cópia da chave do quarto de Raquel ao ordenar que abrisse a porta, ajudando-o no que fosse preciso, o homem que também havia se hospedado na pensão, requisitou ao senhor Edwin.

- Por favor, eu sei que será difícil arranjar um médico debaixo dessa chuva... - ao depositar uma pequena quantia de dinheiro sobre o balcão, completou - Ao menos tente! Diga ao médico que será bem remunerado pelos seus préstimos. Quanto ao dinheiro que eu estou lhe entregando, o tenha como uma gratificação por ajudar-me!

Acaso, alguma moça trabalha neste local?

- Sim, temos a arrumadeira e a cozinheira! Por que o senhor quer

saber? - sem entender o real motivo da pergunta, olhou-o contrariado.

- Não me leve a mal! Eu preciso de uma moça que se prontifique a trocá-la, as suas roupas estão encharcadas e não ficará bem se eu o fizer - o homem elucidou o mal entendido.

- Desculpe-me pelo inconveniente! Eu darei as novas instruções à camareira - encabulou-se ao vê-lo subir as escadas e desaparecer das suas vistas.

Após o feito, o senhor Edwin telefonou para o médico, que em questão era o seu cunhado, enquanto a camareira trocava as roupas de Raquel, por um pijama xadrez de flanela.

Raquel apresentava uma feição serena, ao seu lado, o homem acariciava o seu rosto, entregue a visão angelical jamais vista em toda a sua vida, entretanto, essa mesma visão foi interrompido pelo médico que adentrou o quarto esbaforido, sem apresentações, ao imediatamente atender a jovem, pedindo que se retirasse.

Assim que a examinou, saiu do quarto ao proferir o diagnóstico.

- A paciente apresenta um quadro típico de choque térmico, associado à baixa de temperatura ao qual o seu corpo foi submetido, a mantenha bem agasalhada, prescreverei alguns medicamentos que a restabelecerá dentre alguns dias - sem muita prosa, o médico recebeu o pagamento, grato pelo montante, enunciou - Ela recobrou a sua consciência, porém, disse-me incoerências, um descanso será o apropriado. Se houver qualquer agravante em seu quadro de saúde, por favor, não deixe de me contactar!

Desejando assimilar o significado das incoerências ditas por Raquel, o homem bateu sutilmente na porta do quarto, sem resposta, adentrou e para a sua decepção a encontrou em seu novo adormecer.

As suas indagativas não seriam sanadas, não lhe restando opção, saiu à procura dos medicamentos, por indicação do senhor Edwin, localizou uma farmácia pelas imediações, decidindo que após a efetivação da compra, desfrutaria do descanso merecido.

Mais um dia transcorrido sem um meio de comunicação entre a jovem Raquel e Natanael, coincidência ou não, o rapaz também passava por complicações em sua saúde, tirando o fato de não ter apanhado nenhuma friagem, foi acometido por um estado febril, no

qual os seus pais suspeitavam do uso de entorpecentes, devido ao relato de uma linda mulher de cabelos vermelhos que assediava os seus pensamentos.

A mulher era a mesma da sua visita ao Castelo de Doune, sem reconhecê-la, fascinado pela misteriosa visão, entregou-se ao desânimo, ao contrário do que os seus pais pensavam, Natanael era um rapaz ajuizado e utilizar-se de drogas seria um recurso jamais considerado.

Sentado na cama, num dos momentos da sua lucidez, Natanael solicitou o seu notebook, na esperança de conseguir naquela mesma noite, notícias de Raquel, desapontado, não atinou a razão do seu silêncio e da promessa quebrada.

Sem possibilidade de locomoção, arquitetou um modo de encontrá-la assim que houvesse uma melhora significativa em sua saúde que o permitisse dirigir até a cidade de Stonehenge, numa viagem que faria com ou sem o aval dos seus pais.

Vinte dias se passaram, Natanael sentia-se revigorado, aproveitando a ocasião em que a sua mãe o teria chamado para o almoço, expôs a sua preocupação com Raquel e o almejo de ir ao seu encontro.

Sem a nada esconder, a mãe revelou que ela e o seu pai estavam dispostos a contratar um investigador para procurá-la, não havendo modo de se ausentarem da pousada, justamente no inverno em que a procura por uma boa hospedagem era superior se comparada às demais estações do ano ao contarem com o lucro obtido para se manterem nos demais períodos.

Em meio à troca de confidências, a senhora Júlia comentou.

- Em sua convalescência, o senhor Grant deixou a pousada de madrugada sem nos avisar, nem fez questão de que reembolsássemos o valor adiantado da sua estadia, embora a suma importância que nos foi deixada não lhe fará falta - decepcionada, disse incrédula - Nem ao menos um bilhete!

- Creio que tenha ocorrido uma divergência em seu trabalho que o fez assumir o cargo antes do tempo previsto - Natanael não acreditou em suas palavras, ainda que nada lhe ocorresse sobre a sua rusticidade do senhor Grant - Um homem rico não dá satisfações das suas ações! Não sei o que a senhora e Raquel viram nesse sujeito?

A senhora Júlia não ousou responder, de fato o senhor Grant não havia agido conforme o esperado de um homem que denotou demasiada educação e gentiliza ao cortejá-las.

Sem prorrogar o assunto, foram almoçar, Natanael teria que ser paciente ao feito da sua mãe convencer o marido a deixá-lo ir atrás de Raquel, visto que o senhor Manuel já havia se posicionado contra qualquer decisão do filho.

Raquel e Natanael, dois jovens, duas almas, dois espíritos afins que sentiam a necessidade mútua de aproximação, sem o entendimento dos reais desígnios de Deus e do destino que trilhariam

em busca da própria elevação espiritual.

Um factível resgate de débitos reencarnatórios?

Talvez! Só o tempo traria as respostas almejadas.

Enquanto isso, Raquel restabelecia-se, irritada por via dos medicamentos que a induzia ao sono, impedindo o seu regresso à cidade das pedras, as suas visões se esvaíram, como que se a sua ausência ao lugar místico bloqueasse a sua mente.

O misterioso homem desapareceu, frisando a absurda ocorrência do seu nome ter sido apagado do livro de registros da pensão, eliminando assim, a única pista que a faria desvendar o nome do seu “Anjo Protetor”, pois era assim que ela o denominava, ciente de que poderia morrer de hipotermia, se acaso ele não a tivesse socorrido há tempo.

Estranhamente, as características físicas foram anuladas da memória do senhor Edwin, da camareira e do rapaz que o ajudou a abrir a porta do quarto, incluindo o médico que foi indagado a respeito desse pormenor, citando apenas a extrema afeição atribuída a jovem e uma deficiência em sua mão esquerda, possivelmente ocasionada por uma má formação fetal.

Quem seria o estranho que a socorreu?

Por que trataria uma desconhecida com tanta afeição?

Por que desapareceria sem deixar pistas do seu paradeiro?

Raquel facultou a certeza de que sanaria as suas dúvidas ao retornar à cidade das pedras, aonde novas descobertas viriam à tona, revelando o que tencionava compreender.

Capítulo11

Movida pelo extremo desejo de desvendar o mistério que atemorizava os seus pensamentos, Raquel não atribuiu importância ao seu restabelecimento.

Estremecida, trajou um conjunto plush no tom de azul klein e um par de tênis branco, embora o sol resplandecesse no céu, optou por não correr riscos.

Ao estacionar o carro no local costumeiro, aterradoras sensações a dominaram, contudo, sem dar-se por vencida, enfrentou os seus temores.

Observando os turistas que ali se encontravam, apreensiva de como faria a sua ligação espiritual com o passado, distanciou-se de todos, abrigando-se num canto isolado para que obtivesse tranquilidade e concentração.

Assim sendo, colocou uma manta sobre a grama úmida, deitando-se por cima, ao perder a noção do tempo e do espaço, fechou os olhos, entregando-se às forças desconhecidas que a conduziriam ao baile de máscaras.

Deslumbrantemente, a jovem camponesa dançava com o Barão Murdock, ao cessar da música, sentaram em seus respectivos lugares, inúmeros cortejos foram realizados ao surpreendê-los com a presença de uma figura bizarra a lhes falar em sutil reverência.

- Trago os sinceros votos de felicidade ao nobre casal.

- Grato por sua gentileza! - disse o Barão, sugestionando a sua apresentação - Senhor?

- Senhor Leodegrance! - respondeu-lhe ao criticá-lo - Juntar a nobreza com a escória, um ultraje nos expor dessa maneira!

O Barão outorgou altas gargalhadas ao ouvir as comparações do homem.

- Caro, senhor Leodegrance! Se não estima a presença dos meus convidados, eu presumo que deva se retirar - Alison o fitou boquiaberta, o Barão expulsava o homem em defesa dos plebeus - Eles possuem o direito de estarem aqui! Aliás, porque eu ofereceria farta comida para a nobreza se empanturrar feitos porcos, se há

tantos a passarem fome!

- O Barão ofende-me perante a sua descortês comparação! -

exclamou o senhor Leodegrance, contendo-se para não agredi-lo.

- Eu não quis ofendê-lo, dado que eu estaria a ofender os porcos!

- achincalhou o Barão ao vê-lo se retirar em nítida exibição de furor.

Admirada com a conduta majestosa do Barão em prol dos menos afortunados, Alison controlou-se para não rir da situação hilária que havia testemunhado, no entanto, ao ser fitada pelo Barão não se

conteve e para o seu espanto, as risadas foram por ele compartilhadas.

Na realidade, a intenção do Barão era alfinetar a nobreza, provocando a ira de muitos, sobretudo, ao agir com naturalidade.

Diante dos olhares fixos de dois homens, Alison disfarçou o seu nervosismo, entretanto, um havia se apresentado, apesar da indelicadeza de não ter informado o nome, o reconheceu como sendo o filho de Megan Chisholm, enquanto o outro, não possuía a menor ideia de quem o fosse.

- Conceda-me a honra de acompanhar-me numa nova dança? - levantou-se o Barão Murdock ao reverenciá-la como um perfeito cavalheiro, estendendo-lhe a mão no fito de encaminhá-la ao centro do salão.

- Sim! - concordou a jovem ao sorrir.

Todos os convidados fixaram os olhos no casal que espetacularmente conduzia a dança, Alison deslizava como a andar pelas nuvens, surpreendendo a si mesma, sentindo-se mais à vontade em relação à dança anterior, ambos dialogavam como se fossem bons e velhos amigos, esquecendo-se das mágoas preexistentes.

- Eu não sabia que dançava tão bem! - pronunciou-se o Barão na

ânsia de que Alison o perdoasse por seus atos insanos e o visse como um homem respeitável e confiável, e quem sabe, talvez um dia, merecedor do seu amor!

- Eu lhe asseguro que a companhia ideal me torne uma excelente dançarina - confessou ao apresentar uma leve ruborização.

A jovem começava a sentir uma pequena afeição pelo Barão que a incitava a uma vida de esperanças, evidenciando o seu lado humano e protetor.

A dança estendeu-se por duas músicas, havendo trocas de casais, afastando a nobreza que não desejava se misturar, Alison divertia-se para o aprazimento do Barão Murdock, porquanto, ele foi chamado para uma prosa de cunho político, ausentando-se do salão.

Com receio de deixá-la sozinha, ordenou a um dos oficiais graduados que a vigiasse até o seu retorno, a ordem foi acatada, mas levianamente não cumprida, embriagado, o oficial esqueceu-se das suas obrigações.

Diante da oportuna ocasião, um dos homens que observava Alison, encorajou-se a se aproximar, sem premeditar as suas ações, a agarrou com extrema firmeza pela cintura, conduzindo-a na dança, de modo a afastá-la dos demais convidados, mas não do olhar malicioso do filho de Megan Chisholm.

- Senhor, o que pensa que está fazendo? - indagou a jovem ao percorrer o salão com os olhos a procura do Barão.

- Dançando! - retrucou o homem ao caçoar-lhe.

- Solte-me ou gritarei! - a jovem debateu-se para que a soltasse, empurrando-o grotescamente.

- Por favor, não vá embora! Volte! - o homem rogava por sua presença - Alison Dilaurentis, não seja teimosa, volte já aqui!

Alison sentiu o corpo estremecer, um leve rubor moldurou a sua face, levando em conta que somente uma pessoa a chamaria no tom proferido.

- É você Ian?

- Sim, meu amor, sou eu! - revelou ao se identificar por detrás de uma máscara prateada ao cobrir-lhe o rosto, ainda que trajasse o uniforme da guarda escocesa, posto que muitos oficiais se apresentassem da mesma forma.

Por certo, a jovem não notaria a sua presença se não fosse abordada.

Ao ter o impulso de se atirar em seus braços, foi austeramente impedida.

- Devemos agir como dois estranhos, se eu for pego neste baile, serei expulso pelo Barão Murdock.

- O Barão não o expulsará! - garantiu Alison - Ele tem se revelado um homem com virtudes jamais idealizadas, por trás de um ser rude, existe um ser bondoso.

- Agora o defende? O que aconteceu com você? Pressuponho que minha vinda ao baile tenha sido em vão - enciumado, Ian não a deixou se defender - Eu notei a sua felicidade ao lado do Barão, irei embora, eu sinto que esteja sobrando em sua vida!

- Espere Ian! Não o defendo, eu disse o que tenho evidenciado ao transcorrer dos dias - a jovem camponesa retirou a sua máscara, os seus olhos marejados de lágrimas começavam a transbordar, no entanto, Ian fingiu indiferença - A minha felicidade é aparente, só Deus sabe das minhas dores, então, por favor, não me julgue se não as conhece!

- Não a julgarei, contudo, certifico-me do óbvio! - de orgulho

ferido, Ian não mediu a austeridade das suas palavras - Terá a riqueza que toda mulher almeja obter e que eu nunca poderei ofertar. Seja feliz em seu matrimônio! Adeus!

- As suas palavras me insultam! Se tiver a convicção de que eu sou do tipo de mulher aventureira a caça de fortunas, peço que se retire e nunca mais volte a me procurar - aos prantos, a jovem acrescentou - Cheguei à triste conclusão de que nunca me conheceu!

- Conheço-a melhor do que a mim! Perdoe-me! Você o ama? - arrependido, Ian demonstrou o seu temor, enxugando com as pontas dos dedos as lágrimas da sua amada, todavia, recuou para que não fossem vistos com excedente intimidade.

- Se eu o amo? - pasmou-se Alison - Asseguro-lhe de que o único e verdadeiro amor da minha vida se encontra diante de mim!

- Ah, meu amor! Eu queria oferecer o aconchego dos meus braços, sussurrar doces palavras ao seu ouvido e beijá-la ternamente para que assim pudesse sentir a imensidão do meu amor por ti - declarou o jovem oficial.

- Seria louvável se pudéssemos desfrutar de um tempo a sós! - Alison lembrou-se de que em breve seria anunciado o seu noivado ao se entristecer - Um sonho impossível!

- Fuja comigo! Eu a protegerei com a minha vida se for preciso - propôs Ian - O meu cavalo está atrelado a uma árvore próxima ao castelo, fugiremos antes que o Barão note a sua ausência e nos impeça.

- Eu não posso fugir! Compreenda-me, por favor, as coisas não são tão simples como aparentam ser - Alison mordiscou os lábios, atestando o seu nervosismo.

- A compreenderei se me disser o que aparenta ser tão importante ao ponto de impedir a sua fuga? - questionou Ian confuso com a sua recusa.

- Eu temo pela vida do meu pai, se eu provocar a ira do Barão Murdock, por certo descarregará a sua fúria sobre ele - desabafou a jovem.

- Me ouça com atenção! O seu pai adoeceu após a sua partida - Ian outorgou a notícia com cautela, escondendo alguns fatos que a

deixariam abalada - O senhor Dilaurentis procurou-me rogando a minha ajuda a fim de resgatá-la, desesperado, deixou que o remorso o consumisse vertiginosamente, em seu íntimo, não aceitou a fraqueza de entregá-la ao Barão Murdock sem oferecer-lhe resistência. O seu pai acredita que você o odeie!

- Eu nunca odiaria o meu pai! Ele é o alicerce da minha vida! Criou-me ao encher-me de mimos, supriu todas as minhas necessidades, inclusive, a falta de minha mãe - Alison balançou a cabeça ao discordar do pai - Como poderia lutar se não lhe foi dada a opção, ele sofreu ameaças, deixar-me partir foi uma decisão sensata.

- O seu pai está sob a proteção de um mosteiro - preocupado, Ian a pressionou - Não há tempo, decida-se agora!

- Eu irei com você! - respondeu com amargura em seu coração ao feito de trair a confiança do Barão.

- A sua ausência nos será benéfica! Irei primeiro para não levantar suspeitas, estarei à sua espera no portão principal do castelo - disse Ian ao se retirar.

Alison aguardou alguns instantes para reencontrá-lo, porém, flagrada pelo filho de Megan Chisholm ao sair, foi abruptamente impedida.

- Me solte! Chamarei o Barão para que o puna por tamanha afronta.

- Eu presumo que isso seja impossível! - gargalhou o rapaz.

Apavorada, a jovem reparou no tumulto entre os convidados, até que um deles se dispôs a gritar.

- Assassinaram o Barão Murdock! Enforquem o culpado!

- Foi você! Por quê? - Alison o interrogou sem entendimento.

- Nunca provará a minha ligação com o assassinato! - asseverou o rapaz.

Ao ouvir o grito advindo do salão, Ian voltou, supondo que o Barão enfurecido com a descoberta da fuga, tivesse capturado Alison.

- O assassino está ali! O prendam e o sentenciem a forca como determina a lei - o filho de Megan Chisholm o acusou publicamente.

- Ele é um dos nossos! - um dos soldados graduados partiu em defesa de Ian - Jurou fidelidade a serviço da coroa.

- Mas nada disso o impediu de cometer um crime hediondo! Decerto o Duque de Albany não ficará satisfeito com a desonra de um oficial sob o seu comando - fora de si, o rapaz espumava de raiva.

- Não! - contestou Alison - Não podem sentenciá-lo sem provas, todos sabem disso, não sabem?

- Cale-se! - ordenou o rapaz - Se insistir será enforcada ao lado do seu amante pelo crime de traição e conspiração - Deixe que o levem e receba a sua liberdade como gratificação!

A intervenção de Alison não surtiu efeito, ciente de que a ajuda tencionada não seria facultada pelos convidados, que numa ação

covarde, baixaram as cabeças no intuito de não fitá-la no olhar.

Encurralado pelos soldados que visavam o cumprimento da ordem decretada, ainda que não acreditassem em sua autoria no crime, Ian Campbell foi conduzido em escolta ao Castelo de Doune. Em sua chegada, foi diretamente levado ao calabouço, onde espessas correntes o prenderiam a parede, privando-o da sua mobilidade.

Inicialmente o jovem oficial foi acorrentado pelos punhos e tornozelos, porém, em decorrência das novas ordens, foi acorrentado pelo pescoço.

Por desventura do destino, a jovem camponesa ficou nas garras de um homem que não conhecia a sua origem, nem sequer, o seu nome, possuindo a irrefutável certeza de que o verdadeiro martírio da sua vida estaria prestes a começar.

Capítulo 12

O dia alvoreceu sombrio, Alison não encontrou forças para reagir em face das recentes ocorrências, mais uma vez prisioneira na torre, agora pelo homem que ocasionou a sua desgraça.

Após a encenação maquiavélica do filho de Megan Chisholm, Alison voltou ao confinamento em virtude da traição da sua criada Sophie que demonstrou não ser confiável ao relatar tudo o que havia sucedido no castelo em troca de um mísero colar de pérolas falsificado, provando assim, a lei da ação e reação, ou seja, ao trair a confiança de Alison, ela mesma foi traída ao se apossar de uma bijuteria de valor irrisório, fato este que a levou ser escorraçada do castelo, retornando a sua vida medíocre na taberna.

O nome do seu novo algoz era Willian Turner, filho do Barão Murdock.

Na época da sua adolescência, num envolvimento fugaz com uma serviçal que durou unicamente o período da primavera, ela

engravidou, o Barão quis assumir as suas responsabilidades, no entanto, a sua mãe atormentou-lhe ao colocar em dúvida a sua paternidade, sobretudo, ao recear que o filho largasse os estudos e não seguisse os passos do pai ao se aventurar num romance leviano que decerto não lhe geraria bons frutos, desonrando o nome da família.

Sem argumentos que o convencesse a se afastar da serviçal, a sua mãe agiu impiedosamente ao enviá-la para terras distantes, ordenando que a esquecesse.

A serviçal partiu, não por ameaças, mas sim por amor, queria que o Barão se integrasse na sociedade e se tornasse um homem respeitável e sucedido, todavia, a distância entre os dois a fez adoecer, ainda que a sua única alegria fosse gerar um pedacinho do amor que lhe restou.

Durante o parto ocorreram complicações e momentos após a concepção de um lindo menino, chegou aos ouvidos do Barão que ambos não teriam sobrevivido.

Sem conhecer o real motivo que levou o Barão a não reconhecê-lo como filho legítimo, movido pela vingança, Willian ambicionava se apoderar de tudo o que lhe pertencesse sem medir as

consequências dos seus atos.

Entre a tomada do castelo e a transferência do título de Barão para si, estava Alison, a jovem camponesa da qual ele não abriria mão ao ato de arquitetar um modo de enfraquecê-la.

Willian obteve êxito, Alison emagreceu, as suas olheiras profundas e roxeadas revelavam o seu sofrimento, sem notícias de Ian e do pai, entrou em depressão, um abismo que poucos conseguem sair.

Nas principais refeições do dia, recebia a visita de Willian acompanhado de uma jovem e bonita criada ao lhe trazer uma bandeja farta de alimentos, vigiando para que ela fizesse o trabalho ordenado, sem conversas paralelas.

Willian a mirava com satisfação, como se apreciasse o seu definhamento.

Certo dia, a jovem foi surpreendida ao receber a visita do seu novo senhor sem a companhia da criada, de ímpeto desejou gritar, sem forças, não se rebelou como tempos atrás o faria.

Em busca dos seus interesses pessoais, ao descobrir que o Barão Murdock teria formalizado um testamento antecedente à confirmação dos seus votos, Willian tentou sem sucesso alterar as cláusulas por ele manuscritas, em que passava todos os seus bens materiais, assim como a transferência do seu título de nobreza para Alison, tornando-a não só uma Baronesa, mas a mulher mais rica de Stonehenge, contudo, planejou com meticulosidade uma saída, encobrindo a verdade para que a jovem continuasse a submeter-se aos seus caprichos.

- Em breve a desposarei! - anunciou sem atestar qualquer reação adversa em seu comportamento - Compreende-me?

- Sim, eu o compreendo! - afirmou a jovem.

- O seu amante foi enforcado na manhã de hoje! - Willian demonstrou a sua insensibilidade diante de um evento doloroso - Deveras, não o amava ao ponto de se enternecer! - sem resposta, se retirou ao suspeitar que lhe restasse o mínimo de forças para enfrentá-lo.

Alison obteve o entendimento, ao contrário do presumido, o seu sofrimento era tão intenso que lágrimas não mais brotavam dos seus

olhos, o sofrimento tornou a jovem apática a tudo o que lhe viesse acontecer.

De modo inusitado, a criada faleceu, Willian alegou se tratar de uma doença e mediante o transtorno, levava as suas refeições, não passando tal incumbência a nenhuma outra serviçal ao gerar uma terrífica desconfiança em Alison.

Tempos depois, Alison entrou em desespero ao reparar os primeiros sinais da sua doença, entre os mais perceptíveis se destacavam: vertigens, exaustão, perda excessiva de peso e falta de ar, por vezes, fortes dores abdominais seguidas de náuseas e diarreias, descamação da pele, unhas quebradiças, queda de cabelos, arcada dentária fragilizada e gengivas edemaciadas.

Willian denotou desdém ao negligenciar assistência, como se já estivesse à espera dos resultados apresentados, no ápice da doença, se aproveitou da sua vulnerabilidade para marcar a celebração do enlace matrimonial.

Intimou que a jovem trajasse um vestido de noiva branco em zibeline no estilo medieval, de forma a delinear a sua esguia silhueta, em corte reto, pouco volume foi atribuído ao comprimento, mangas longas e largas do mesmo tecido foram confeccionadas ao conferir

graciosidade aos movimentos, porém, uma imensa cauda facultou um toque de glamour.

Por importuna exigência de Willian, a jovem enfeitou-se com o conjunto de madrepérolas que outrora foi presenteado pelo Barão, com os cabelos soltos, finalizou a sua aparência com a utilização de um fino véu de leve transparência ao cobrir-lhe o rosto, porquanto, o vestido transferia uma sensação harmoniosa de contato com a

natureza não permitindo que as suas raízes de camponesa fossem esquecidas.

Alison idealizou o impossível ao visualizar em sua mente, Ian como o seu noivo ao proporcionar-lhe uma vida repleta de felicidade.

Nesse dado momento, Raquel despertou do sonho ao sentir uma forte angústia comprimir-lhe o peito, em seu âmago, não aceitava o sofrimento pelo qual havia passado em sua vida anterior e reviver cada episódio a fragilizava em sua vida atual, mesmo que tal sofrimento a conduzisse as respostas que tanto ansiava.

O dia passou sem que o aproveitasse, Raquel decidiu retornar para a pensão, no entanto, uma mão lhe foi estendida no fito de ajudá-la a se levantar, aceitando-a, ficou diante do homem que agora lhe ocasionava pavor.

Ao trajar uma bermuda xadreza em tons de verde, uma camiseta branca e uma sandália de couro legítimo, os seus fortes e expressivos traços a fizera se lembrar de Willian Turner.

Algumas semelhanças foram comparadas quanto ao seu modo de falar e agir, sem dúvidas, o senhor Logan Grant havia sido o seu algoz em sua vida passada.

- Não suportei a saudade! - disse o senhor Grant entre sorrisos.

- Como soube onde me procurar? O que faz aqui? - inquiriu Raquel perplexa por via do inesperado reencontro.

- Afirmo-lhe que eu sou um homem de bastante influência e localizá-la não foi uma tarefa difícil - garantiu em sua obstinação de conquistá-la - Confesso que desde a primeira vez que a vi, senti uma imediata afeição que ao desenrolar do tempo veem crescendo em meu coração, fiquei desolado ao partir sem ao menos se despedir, não a julgarei mediante as suas ações, creio que os motivos que a

trouxeram a este lugar sejam fortes, apesar disso, sinto falta da sua presença em minha vida - Raquel foi pega de surpresa sem a nada pronunciar - Me apaixonei por você, no instante em que nossos olhares se encontraram, e soube desde então, que você é a mulher da minha vida. Eu preciso de uma chance para fazê-la feliz!

- Eu não posso! Perdoe-me, mas eu não posso! - Raquel correu em direção ao carro, no intuito de fugir, porém, o senhor Grant a alcançou.

- Eu te amo, Raquel! Não pode simplesmente ir embora e me deixar sozinho! - proferiu-lhe ao segurá-la bruscamente pelo braço.

- Solte-me! Está me machucando! - esbravejou a jovem.

Na tentativa de beijá-la contra a sua vontade, Raquel o esbofeteou, feito este que encolerizou o senhor Grant, por hora, não concretizou o beijo por intermédio de um grupo de turistas que caminhavam na direção de ambos, com receio de ser linchado, acovardou-se, partindo de imediato.

- A senhorita está bem! - perguntou um dos turistas.

- Sim, eu estou, foi apenas um mal entendido! Obrigado! - Raquel agradeceu pela gentileza ao ser convidada a se juntar ao grupo, no qual era composto por homens, mulheres e crianças, partilhando de

um piquenique por entre as pedras.

O grupo era animado, Raquel trocou informes com cidadãos de outros países, ingerindo alguns dos deliciosos petiscos que lhe foram servidos ao se esquecer da ocorrência sucedida, a sua saúde revitalizou-se, a natureza comprazia-se com os pensamentos harmoniosos, pequenos momentos de lazer e descontração era o que lhe faltava.

Ao cair da noite, se despediram entre abraços, sorrisos e lágrimas ao seguirem o seu caminho, Raquel retornou à pensão, relembrando-se do transtorno ocorrido com o senhor Grant, por várias vezes, tentou contactar Natanael pelo celular, mas não obteve sorte.

Raquel procurou pelo senhor Edwin na intenção de que ele autorizasse a usar o computador da pensão, ao receber a afirmativa, beijou-lhe a fronte em gratidão.

A sala era modesta, havendo três mesinhas com os respectivos computadores e três cadeiras giratórias, uma ao lado da outra, escolheu a do meio, um leve tremor foi apercebido ao cogitar que Natanael fosse de muitas outras vidas também.

Natanael estava conectado e sem demora a chamou para conversar, ao ligar a webcam, o coração de Raquel acelerou não sabendo como exprimir em palavras a emoção sentida, por outro lado, Natanael sentiu o mesmo.

Controlando a avassaladora paixão que o entorpecia, Natanael apreciou o seu sorriso, voltando a si, tomou a iniciativa de fazer-lhe perguntas, atordoando-a.

- Eu não acredito que esteja aqui! Onde esteve por todo este tempo? Por que não atendeu o celular? Por que não respondeu as

minhas mensagens? Por que não entrou aqui, como havíamos combinado? Por que sumiu da minha vida? Já não me ama mais? Munida de paciência, explanou-lhe o ocorrido, desde os seus sonhos até a sua doença, no entanto, deixou a sua desavença com o senhor Grant para o final da conversa, no anseio de não aborrecê-lo. Natanael contou sobre as suas visões e de como havia enfraquecido, ao notar o clima tenso e a preocupação da jovem, zombeteou a respeito de uma citação.

- Quer dizer que eu fui o seu grande amor em outra vida! E será que eu serei nesta também?

Acanhada, Raquel gaguejou ao lhe dar o parecer final.

- Bem! Quer dizer! Foram as visões! Os meus sonhos!

- Ah, Raquel! Diz logo que me ama! - Natanael deleitava-se ao vê-la sem jeito, todavia, foi ele a se declarar a fim de tranquilizá-la - Por favor, volta logo! Sinto a sua falta! Falta das nossas conversas, das nossas brincadeiras e até mesmo das nossas briguinhas! Eu não consigo mais viver sem a sua constante presença em minha vida, eu te amo! Na verdade, sempre soube que te amava, tentei enganar a mim mesmo ao colocar a nossa amizade acima de tudo com receio de perdê-la, se porventura, esse amor não fosse correspondido. Mas hoje eu sei o quanto estava enganado e me arrependo por não ter lhe contado há tempos sobre os meus reais sentimentos, desperdiçando prazerosos momentos ao seu lado! O que mais posso dizer para convencê-la desse meu amor por você? Eu te amo!

- Não será preciso me convencer! - Raquel emocionou-se ao comparar o amor nutrido por ele ao amor de Ian - Fomos tolos e imaturos ao sentirmos o amor e nunca vivenciá-lo. Por vezes, sinto uma tremenda vontade de largar tudo e voltar correndo para os seus

braços, porém, uma força maior me retém a este lugar, então, eu lhe peço que tenha um pouco mais de paciência comigo, prometo que em breve voltarei! - nervosa, a jovem arriscou um modo de expressar o seu amor - É tão mais fácil nos declararmos aqui! Faltaria-me coragem olhar em seus olhos como o faço agora e dizer-lhe o quanto te amo!

- Então diga por aqui! Desse modo! Eu te amo! - Natanael debochou do seu acanhamento na ânsia de ajudá-la, ao aprazer-se da sua timidez momentânea.

- Vou tentar! - riu a jovem ruborizada - Eu te amo!

As declarações e juras de amor perduraram por alguns minutos, por fim, Raquel não teve escolha, a não ser contar-lhe sobre a visita inoportuna do senhor Grant.

Natanael exaltou-se em face da petulância do homem que desde o início teria sentido um mau agouro, receoso com um possível reencontro de ambos, resolveu viajar para a cidade de Stonehenge e desta vez, ninguém o impediria.

Ao se despedirem, Natanael dirigiu-se até a recepção da pousada ao atestar que os seus pais permaneciam acordados, comunicou-os sobre o ocorrido, sobretudo, da sua decisão.

- O senhor Grant enganou a todos, eu avisei que ele não prestava!

A senhora Júlia, pasmou-se ao se inteirar do seu grotesco comportamento.

- Pelo que eu entendi você não está pedindo a nossa autorização, e sim, nos informando da sua decisão, estou certo? - indagou o senhor Manuel apreensivo - É arriscado confrontá-lo! Se me der

alguns dias para organizar tudo na pousada, eu o acompanharei!

- O senhor está certo, meu pai, eu estou informando! Agradeço pela ajuda, contudo, recusarei! Receio que... - Natanael não concluiu a frase.

- Não faça isso conosco, termine o que começou! - solicitou a mãe.

- Temo que o senhor Grant se aproveite da fragilidade de Raquel e use de força física para realizar o que a sua mente insana devaneie - esclareceu Natanael.

- Não tiro a sua razão! Raquel é de nossa responsabilidade, eu devo muito aos seus pais que sempre nos prestaram auxílio, portanto, consentirei a sua partida. Cuide-se, meu filho! Se o perigo lhe rondar, volte e a traga em segurança, não o afronte! - aconselhou o pai.

- Não o afrontarei! Grato pela compreensão! - ao evidenciar as lágrimas da sua mãe, Natanael abraçou-a.

- Eu reconheço que é um rapaz ajuizado e dono de um imenso coração, não deixe que a raiva o transforme e revele características de caráter que não lhe pertence. Eu confio em você, meu filho! - a mãe beijou-lhe a fronte ao também aconselhá-lo - Já se faz tarde, vá descansar! Precisará de uma boa noite de sono para suportar a fatigante viagem que o aguarda.

- Boa noite, mãe! Boa noite, pai! - Natanael foi tolhido de retornar ao quarto ao ouvir o chamado do pai.

- Como pretende viajar? - sem resposta, o senhor Manuel entregou-lhe um molho de chaves - Sem as chaves do carro não irá a lugar nenhum!

- Obrigado! - Natanael esbugalhou os olhos ao ter julgado que fosse perda de tempo pedir o carro emprestado, sem delongas, agraciou o pai com um caloroso abraço - Eu não o desapontarei!

- Eu sei que não! - replicou o senhor Manuel, ao vê-lo se retirar, aproximou-se da esposa, confortando-a em seus braços - Será que eu agi corretamente? Tenho as minhas dúvidas!

- Acredito que sim! Natanael puxou a sua determinação e se ele decidiu viajar, não há quem o faça mudar de ideia - aflita, a senhora

Júlia outorgou um último e irrefletido comentário, abalando visivelmente as estruturas emocionais do marido - Que Deus me ajude estar enganada, eu tenho maus pressentimentos em relação à viagem do nosso filho!

123

Capítulo13

Na manhã seguinte, Natanael partiu antes dos seus pais acordarem ao trajar-se com uma velha calça jeans, uma camiseta cinza e um par de tênis, a viagem seria longa, fator este que o agoniaria até o momento da sua chegada.

Por vezes, suplicava pela proteção divina para que protegesse não só a ele, mas a sua amada contra qualquer investida do senhor Grant, recordando-se dos relatos de Raquel a respeito dos seus sonhos, sobretudo, com a incrível semelhança que ele aparentava ter com o temível Willian Turner.

Natanael postulou que ela não fosse à cidade de Stonehenge, evitando sair do quarto, certo de que o senhor Grant havia descoberto o local da sua hospedagem.

Por volta das seis horas da manhã, Raquel ainda de pijama, desceu as escadas sorrateiramente ao deduzir que apenas o senhor Edwin estivesse na recepção.

- Bom dia, senhor Edwin! Poderia me informar se um homem bem-afeiçoado me procurou no dia de ontem?

- Bom dia, senhorita Raquel! Ah, sim! Eu me lembro de um homem alto, se não me engano dispunha de um belo cavanhaque. Espere só um minuto! Anotei o nome em algum lugar! - em meio à bagunça, vasculhou o interior de uma gaveta ao encontrar um minúsculo pedaço de papel - Aqui está! O nome deste senhor é Logan Grant! É da mesma pessoa que estamos falando? Aconteceu algo?

- Sim é da mesma pessoa! Não! Nada aconteceu! - forçou um sorriso ao fazer-lhe uma nova interrogativa - Por acaso, o senhor passou-lhe a informação de que eu estivesse na cidade de Stonehenge, mais precisamente, por entre as pedras?

- Sim! Ele parecia muito ansioso para reencontrá-la! Disse-me que era o seu namorado e eu presumi que a senhorita ficaria feliz com a surpresa - o senhor Edwin era um homem experiente, entretanto, se deixou enganar pelas aparências, sentindo que havia

cometido um deslize, desculpou-se - Perdoe-me se agi errado!

- Não se atormente! - confortou a jovem - A propósito, o senhor Grant não é o meu namorado!

- Não! - bradou atônito - Seria rude perguntar quem é este homem?

- Eu o conheci na pousada dos meus padrinhos em Scottish Highlands, sai em sua companhia uma única vez, ao seu pedido para ajudá-lo nas compras, pareceu-me um homem adorável e educado,

contudo, ao me procurar ontem, tentou me beijar a força, quase a me machucar, por fim, consegui escapar - sem fôlego, alertou-lhe - Creio que hoje ele virá a minha procura, estarei em meu quarto e não sairei até a chegada de um amigo - ruborescida, retificou - Aliás, a chegada do meu verdadeiro amor! O seu nome é Natanael Fortunato, eu só estarei para ele e mais ninguém!

- O que eu direi para o senhor Grant? - transtornado, a questionou para que não viesse a cometer nenhum outro deslize.

- Diga-lhe que eu retornei para a cidade de Stonehenge e por lá ficarei o dia inteiro, o deixe me procurar, o senhor Grant merece esse tipo de tratamento! - irritada, apressou-se a tomar o seu desjejum a fim de se recolher novamente.

Como forma de se redimir, o senhor Edwin delegou ao seu ajudante a tarefa de levar as próximas refeições em seu quarto, ansioso pela chegada de Natanael, no fito de propiciar a proteção da qual um velho homem não estaria mais apto.

Entediada, trancada no quarto, Raquel andou de um lado para o outro sem nada a entretê-la, tornando a espera por Natanael um martírio.

Ao transcorrer de duas horas, o senhor Grant surgiu na recepção,

deixando o velho senhor atemorizado, como o combinado, despistou o real paradeiro de Raquel, fazendo-o ir até a cidade de Stonehenge à sua procura.

Ao findar do dia, o senhor Grant retornou para a pensão espumando de raiva, insultando o velho senhor que permanecia de prontidão na recepção, entre os incontáveis cochilos para que pudesse atender todos os hóspedes com eficiência.

- Me fez de idiota, seu velho tolo! Onde está Raquel?

- Senhor, eu lhe disse a verdade! A senhorita Raquel saiu minutos antes da sua chegada, dizendo-me que iria a cidade de Stonehenge como tem feito todos os dias desde a sua estadia nesta pensão - ao vê-lo alterado, suspeitou um ataque, desse modo, chamou o seu ajudante através de uma campainha instalada debaixo do balcão.

- É mentira, velhote! Diga-me a verdade ou senão... - sem terminar a frase, o senhor Grant foi surpreendido com a aparição do ajudante, não que o rapaz representasse perigo, visto que não possuísse mais do que vinte anos de idade, porém, de uma bravura excepcional para enfrentar com moderado respeito os hóspedes que arranjavam confusão, neste caso em particular, ele não era hóspede da pensão para receber um tratamento privilegiado.

- Senão o quê? - interpelou o ajudante.

- O assunto não lhe diz respeito moleque! Não me faça perder a paciência! - o senhor Grant revidou agressivamente.

- Diz-me respeito a partir do momento que desacatou deliberadamente o senhor Edwin e consequentemente, está a importunar os hóspedes que estão recolhidos! - respondeu-lhe com bravura - As suas ameaças são perdas de tempo, retire-se imediatamente daqui!

- Moleque petulante! Ninguém fala assim comigo! - o senhor Grant ergueu o braço na intenção de esbofeteá-lo, todavia, foi impetuosamente tolhido por uma mão ao segurar-lhe, ao virar-se para trás, arregalou os olhos - Você!

- Não arranje confusão! Eu o aconselho ir embora antes que eu chame a polícia - determinou o homem.

Coagido, o senhor Grant achou conveniente partir com receio de sofrer as consequências dos seus atos, no entanto, não se deu por vencido ao ameaçá-lo.

- Pagará caríssimo pelo constrangimento que me fez passar! Assinarei o meu nome em sua própria lápide com o sangue que escorrer do seu peito - sem mais nada a dizer, saiu com o andar firme ao esbarrar propositalmente nos objetos que se encontravam pelo caminho.

Passada a tensão, vieram os agradecimentos, em principal, do senhor Edwin.

- Se os anjos celestiais existem, eu presumo que seja o nosso anjo da guarda! - olhando de cima para baixo, arriscou - Natanael?

- Sim, sou eu! - afirmou perplexo - Como sabe o meu nome?

- Eu já esperava por você! A senhorita Raquel avisou-me da sua chegada e solicitou-me que a acordasse antes mesmo de ser realizado o seu registro - explanou o senhor Edwin - Pedirei para o meu ajudante chamá-la!

- Espere! - rogou Natanael - Não é uma boa ideia acordá-la, deixe-a descansar!

- Não quer me ver? - indagou Raquel em reconhecimento da sua

voz.

Ao ignorarem a presença do senhor Edwin e do ajudante, um instante mágico eclodiu entre o jovem casal, Natanael correu ao seu encontro e ao agarrá-la pela cintura, a rodopiou pelo ar num beijo terno, selando assim, o amor que os unia.

Raquel sentiu-se protegida, decorrido o extasiante momento do reencontro, o jovem casal regressou ao mundo real e com ele os problemas gerados pelo senhor Logan Grant vieram à tona.

Natanael tentou ocultar o transtorno sucedido, ao caçoar dos seus trajes.

- Costuma sair do seu quarto desta maneira?

- Hã! - sem jeito, Raquel notou que não havia se trocado, trajando assim, o seu pijama xadrez e uma pantufa.

- Estou brincando Raquel! - gargalhou ao preencher os dados solicitados pelo senhor Edwin para registrar-se na pensão.

- Eu desci nesses trajes em reconhecimento da voz do senhor Grant - relatou a jovem - Pelas vozes alteradas, concluo que tenha ocorrido uma discussão. Estou enganada? - os três homens entreolharam-se, sem nada a dizer.

- Uma discussão irrelevante - replicou Natanael, esquivando-se da verdade.

- Nunca houve mentiras entre nós! - Raquel denotou a sua decepção ao fitá-lo no olhar - Não confia em mim para contar-me a verdade?

Natanael intuiu que ela teria ouvido as ameaças, a fim de consertar o seu erro, expôs a sua preocupação.

- Eu confio plenamente! Só quis poupá-la de porvindouros aborrecimentos. O que exatamente ouviu?

- Ouvi todas as ameaças! - declarou ao desesperar-se - Oh, Meu Deus! Ele o matará, temos que prestar queixa na polícia!

- O senhor Grant não fará nada, ele se irritou e proferiu os primeiros desaforos que lhe vieram à mente, no caso, as ameaças - Natanael não acreditava na sua promessa de morte.

Natanael proseou um pouco mais com Raquel, evidenciando a sua admiração mediante os fatos que não haviam sidos relatados na noite anterior.

- Bobagem! Não existem calabouços neste século, portanto, eu não serei preso, acorrentado e enforcado por um crime, aliás, consideraria um crime não te amar! - brincou Natanael

- Não zombe! - Raquel contestou a sua postura de não levá-la a sério - Tudo se encaixa perfeitamente! O que sofremos numa vida anterior, se repetirá nessa, como se houvessem resquícios de uma vida a nos cobrar por algo que não foi devidamente esclarecido.

A conversa foi interrompida com o apagar das luzes, indicando que o senhor Edwin teria fechado a recepção e iria se recolher.

O jovem casal seguiu os mesmos passos numa ardorosa despedida.

Sozinho no quarto, Natanael sentiu uma angústia intensa, trêmulo, sentou-se na beira da cama ao temer por sua queda.

Na ânsia de se restabelecer, respirou profundamente ao ponderar as últimas palavras de Raquel, recordando-se da sua assombrosa visão, diante do Castelo de Doune, num breve adormecer, em que lhe foi apresentado um jovem acorrentado em trajes oficiais, no reflexo da sua imagem.

As suas descrenças ficaram para trás ao atribuir razão para Raquel ao feito de lhe dizer que o passado estava disposto a cobrar algo do

presente.

O que ela queria lhe dizer?

Seria alguma provação?

Deus os puniria por suas transgressões pregressas?

Essas e outras intermináveis questões o fizeram perder o sono.

A temperatura caiu drasticamente, o levando a tomar uma ducha quente a fim de se aquecer e acalmar os nervos, ao posteriormente colocar um pijama.

Recostado na cama, cobriu as pernas, ainda desperto, apanhou um livro que se encontrava sobre uma pequena mesa de cabeceira no anseio de que a leitura o fizesse dormir, porquanto, a sua falta de concentração o fez desistir.

Sem alternativa, apagou a luz de um rústico abajur, depositando o livro sobre a mesma, absorto em pensamentos deitou-se na cama, desta vez, ao cobrir-se por inteiro, no aguardo de que o cansaço físico e mental o fizesse repousar.

Em compensação, Raquel dormia como um anjo, a presença de Natanael lhe dera o conforto carecido, trazendo consigo a chave que solucionaria o misterioso passado que a atormentava.

Capítulo14

Raquel transportou-se para época do seu desalento.

Vestida de noiva, se viu coagida a casar com Willian Turner, numa cerimônia realizada nas imediações do castelo, sem testemunhas que comprovassem a união matrimonial, sem ornamentos, sem festa, enfim, sem preparativos, deduzindo-se que além de restrita, a cerimônia seria às escondidas.

Um homem desconhecido de estatura baixa, cinquenta anos de idade, obeso, bochechas rechonchudas e coradas que contrastavam com a tonalidade da sua pele alva, olhos e cabelos castanhos escuros, esperava-os cabisbaixo.

Impossível afirmar o grau da sua religiosidade sem os trajes adequados, sendo perceptível que o pobre homem se encarregaria de uni-los.

Intimado, ameaçado e humilhado, contestou para que Willian desistisse de um casamento sem amor, fundamentado nos seus interesses econômicos, sobretudo, ao submeter uma jovem indefesa e enferma aos seus caprichos.

As suas súplicas foram em vão e indo contra os seus princípios, celebraria o casamento, porém, não o abençoaria para que no futuro a jovem pudesse lutar pelo direito roubado, ou seja, o de lhe ser outorgado o título de Baronesa, fato descoberto por intermédio da última confissão do Barão Murdock com relação ao testamento, estranho imaginá-lo temente a Deus, mas em virtude do seu amor por Alison, sucedeu uma transformação íntima que o tornou um homem benigno em denotação do seu arrependimento.

O homem realizou a cerimônia, postulando a Deus que o perdoasse por suas ações na sincera alegação de que auxiliaria uma jovem prisioneira.

Achando-se inatingível, Willian foi enganado pelo homem religioso, certo de que estaria de posse de todos os bens do seu pai, assim como a sua futura noiva, que agora havia se tornado a senhora Turner, melhor dizendo, a Baronesa Turner, ainda que não existisse a legitimidade de tal documento.

Ao esboçar um soberbo sorriso colocou no dedo anelar de Alison o anel de brilhante, roubado do bolso do Barão Murdock no dia em que ele o assassinou.

Extremamente debilitada, Alison se apoiou em Willian que deu por encerrada a farsa, dispensando rudemente o homem no fito de levá-la ao seu confinamento.

A jovem se equivocou ao pensar que o casamento a libertaria, de volta à torre, questionou a sanidade de Willian, enumerando os seus

feitos desde o assassinato do Barão Murdock, o enforcamento de Ian, a ausência da criada Sophie, a morte da jovem criada que a substituiu, a sua doença, e agora, intimá-la a se vestir de noiva com todo o deslumbre sem ninguém a recepcioná-los, aprisionando-a de novo na torre, certamente era loucura.

Em meio às reflexões, um fato lhe chamou a atenção, por que Willian trazia as suas refeições pessoalmente?

Pensativa, retirou o vestido, colocando as suas humildes vestes de camponesa, sem armário que acondicionasse as suas roupas, as deixava jogadas ao chão, não por desleixo, Alison sempre foi cuidadosa com os seus pertences, no entanto, não lhe foi dada escolha, compelida a aceitar as aparências de uma luxuosa vida para os demais e a medíocre vida para si mesma.

Exausta, decidiu repousar, ao ser impedida pela entrada de Willian na torre, sem bater na porta como o fazia costumeiramente, no papel de marido e dono.

Transtornado, indagou-a com a voz firme e autoritária.

- Como se atreve dormir sem antes cumprir com as suas obrigações de esposa? Por que tirou o vestido? A tradição diz que o marido deve fazê-lo ao desposá-la!

- Perdoe-me senhor, meu marido! Estou doente e cansada, não quis aborrecê-lo. Agi impensadamente ao retirar o vestido! - elucidou apavorada, sem forças para enfrentá-lo, certa de que haveria de se entregar ao homem que lhe causava repulsa - Cumprirei com as minhas obrigações de esposa, se assim o desejar!

- Gosto quando se torna dócil! - Willian se aproximou ao tirar proveito da sua fragilidade - Eu desejo herdeiros! Aliás, um único herdeiro homem já me basta! - disse-lhe, puxando-a severamente

pela cintura, sem dar-lhe a chance de reação, fazendo-a se entregar aos seus devassos desejos, sem o carinho, respeito e amor que se espera de um casamento.

Após o ato consumado, Willian se retirou da torre ao agir como se nada tivesse ocorrido, ao contrário de Alison que aos prantos, sentiu na pele a violação da sua pureza, sozinha, pensamentos obscuros lhe vieram à mente.

Sobre a mesa, Alison avistou os talheres esquecidos por Willian em sua última refeição, a faca era afiada e serviria ao propósito de tirar-lhe a vida, convicta de que não suportaria uma nova violação em seu corpo.

Relembrando-se dos momentos de felicidade vivenciados ao lado do pai e de Ian, respirou profundamente ao encher os pulmões de ar no fito de se encorajar, trêmula, segurou a faca com o objetivo de cortar o pulso e sangrar até a morte.

Ao realizar uma pequena incisão no pulso, ouviu um barulho advindo da porta, seguido de algumas ligeiras e estrondosas batidas, com receio de ser flagrada, escondeu a faca ao deduzir que Willian voltasse para o seu martírio, estranhando o fato de agora anunciar a sua entrada.

Alison sentou-se na cadeira no aguardo da sua entrada, no entanto, ninguém surgiu, a sua demasiada curiosidade a fez caminhar até a porta ao constatar que a mesma permanecesse trancada pelo lado externo da torre, ao ato de se virar, os seus pés esbarraram em algo na sutil emissão de um barulho, fazendo-a olhar para o chão. Uma carta sem remetente lhe foi enviada com os seguintes dizeres:

Baronesa de Stonehenge!

(Permita-me chamá-la por este nome e perdoe-me pelo meu atrevimento)

Uma conspiração foi planejada com o propósito de enfraquecê-la, não se deixe enganar pelas aparências.

A sua libertação está a um passo de ser concretizada, portanto, não perca a sua crença em Deus.

Ele guiou-me através da sua força para ampará-la.

Convença o Barão Turner a deixá-la caminhar pelas adjacências do castelo, invadiremos assim que nos for outorgada a ordem, desta forma, facilitará a nossa ação, e posteriormente, a sua fuga.

Tenha cuidado com a sua alimentação!

Por favor, aguarde novas instruções e não comente este fato com ninguém.

Livre-se desta carta após a leitura, asseguro-lhe que eu me arrisco em nome de um grande amigo.

PS: Os mortos ainda vivem!

Atônita, releu a carta por diversas vezes, sentindo um forte aperto no coração ao supor que Ian estivesse vivo por via da última observação, porém, não criou expectativas ao temer que fosse uma

emboscada do próprio Willian Turner para se certificar da sua fidelidade ao casamento.

No entanto, quem poderia alertá-la da sua alimentação?

Quem poderia ser o autor desta carta?

Novas incógnitas deram sentido a sua vida, fazendo-a desistir da sua insana ideia, outra questão lhe veio à mente confundindo-a ainda mais.

O Barão Murdock estaria vivo ao ardilosamente planejar uma invasão para retomada do seu castelo?

Seria impossível! Ela o viu desfalecido ao chão, imerso em sangue, com uma adaga cravada em seu peito, um golpe único e certeiro, posto que o assassino ela já o reconhecesse como sendo Willian Turner, que na presente ocasião simulou a sua inocência.

Alison seguiu o recomendado ao esconder a carta num buraco situado atrás da cama, onde Willian não cogitaria procurar.

Esgotada, se recordou em lágrimas do que a sua mãe declamava sobre a dádiva da existência humana, ensinando-a que só Deus possui o direito de conceber a vida e tirá-la quando a missão por Ele designada chega ao fim, salientando que o suicídio não é a salvação do espírito, e sim, o princípio do seu tormento.

A jovem orou fervorosamente a Deus, agradecendo-o por ter sido tolhida de cometer tal barbárie ao pedir a bênção para o autor da carta por desviá-la de um destino terrífico.

A noite findou-se, trazendo consigo uma nova esperança na vida de Alison que almejava fugir das garras do marido, em meios às suas futuras idealizações, a jovem foi surpreendida com a chegada de Willian.

- Boa noite, minha adorável e encantadora esposa! Trouxe-lhe o jantar! - disse-lhe cinicamente ao depositar a bandeja sobre a mesa. Alison encenou a sua amabilidade, e mesmo faminta, recusou os alimentos, temendo falhar em seu plano, que decerto a faria morrer de fome.

- Eu confesso que a agitação do nosso casamento tirou-me a fome! Perdoe-me por minha indelicadeza, mas... - Alison era incrivelmente astuta e ao simular uma afeição por Willian, jogou

com as armas que dispunha em suas mãos, o charme, a beleza e a sedução.

- Diga-me o que pensa! - clamou Willian.

- Se o senhor, meu marido, acompanhar-me poderemos fazer a nossa primeira refeição juntos! O que acha?- sorriu-lhe com graciosidade.

Willian empalideceu, atordoado, apoiou-se na cadeira, gerando uma reação que confirmou a sua suspeita.

- Amanhã! Amanhã faremos juntos a nossa refeição!

- Venha, sente-se comigo! - insistiu a jovem.

- Amanhã! - retrucou Willian, sem argumentos.

- Como esposa, compreendo as minhas obrigações e deveres, no entanto, não é justo manter-me como prisioneira, liberte-me, por favor! Prometo me comportar como uma legítima Baronesa - a jovem mudou o rumo da conversa, deixando de lado a refeição, de modo a não ser forçada a comer.

- Eu não a tenho como prisioneira, se assim o fosse, estaria acorrentada no calabouço - justificou-se Willian - Mas de fato, está certa!

- Estou! - exclamou a jovem perplexa.

- Sim! A nobreza cobra-me a sua presença, digo-lhes que se encontra enferma, sem possibilidade de locomoção! Eu quero que confirme as minhas palavras, se porventura, for questionada! - Willian exigiu seriamente.

- Eu confirmarei! - a jovem conteve a sua ira, achando descabível tal mentira diante da nobreza, como forma de esconder o caráter doentio que o habitava, em parte alegrou-se por não ter a árdua tarefa de convencê-lo quanto a sua libertação.

- Ordenarei a criada que arrume com primor o nosso aposento. Amanhã terá a sua liberdade. E não se atreva a me trair! - falou em tom ameaçador.

- Eu nunca o trairei! - respondeu-lhe cabisbaixa.

- Terá uma vida de glamour! - William beijou-lhe os lábios ao se retirar.

Alison afastou a bandeja de si ao se encaminhar até a dura e áspera cama que ironicamente a confortava, banhando-a com as suas lágrimas.

A imagem do pai dominou-lhe os pensamentos, intensificando o desejo de um póstero reencontro, ainda que não soubesse o seu paradeiro.

Quantos mosteiros existem em Stonehenge?

Teria o meu pai sobrevivido a sua enfermidade?

Quem sabe a ajuda não virá dos homens religiosos?

Ao cair em sono profundo, Alison se esquecera da sua excessiva fome.

Desperto, Willian bebia um cálice de licor ao refletir na repentina mudança de Alison, cogitando que este fosse o indício do seu respeito pelo marido, uma vez que estando casada a jovem lhe seria

submissa para o resto da vida.

O plano de Alison foi bem elaborado, no entanto, Willian teria que suspender o uso do arsênico em suas refeições, posto que ele a envenenasse em ínfimas doses diárias, mesmo ciente do mal irreversível que acarretaria a sua saúde, porém, o remorso não o consumia, os seus sentimentos eram preenchidos pelo ódio e pela vingança, o instigando a praticar a mesma façanha que a mãe do

Barão Murdock havia cometido contra a sua mãe, que ao tomar conhecimento da sua gravidez a envenenou à distância.

Feito alcançado por meio dos seus informantes, ainda que desconhecidos, em disfarce para se aproximar de Megan Chisholm com o falso pretexto de ajudá-la, enfraquecendo-a dia após dia.

Com o falecimento da mãe, Willian foi entregue a um tutor, um bom homem que o acolheu, fracassando nas suas tentativas de arrancar a obscuridade formada em seu coração, recebendo o sobrenome Turner para que a sua identidade fosse preservada, visando unicamente a sua segurança.

Ao se alfabetizar, ainda na sua infância, lhe foi entregue o diário da mãe pelo tutor que nunca o leu por respeito, surgindo o seu desejo por vingança, ao ignorar que essa mesma vingança não devesse recair sobre o Barão Murdock que nunca tomou conhecimento das ações da sua mãe, e nem mesmo sobre a jovem Alison, que em sua inocência se tornou vítima das circunstâncias.

Desconsiderando os apelos da mãe ao narrar através das escritas, tudo o que de fato aconteceu, ao ressaltar que nunca atentasse contra a vida do próprio pai, que tanto amou, Willian deixou compreendido que as suas súplicas foram em vão.

Willian receava a suspensão do arsênico para que Alison lhe gerasse um filho, visto que se engravidasse correria o risco de um aborto espontâneo devido a uma anomalia no sistema circulatório da placenta, ou para a sua aflição, que o futuro herdeiro sobrevivesse com poucas chances de se tornar um homem sadio.

Se lhe fosse conveniente, desonraria o casamento ao gerar um filho bastardo com uma criada, no intento de assassiná-la após a sua concepção, como forma de esconder as provas da sua transgressão e

prevenir-se de porvindouras chantagens, reconhecendo-o como o filho legítimo do casal perante a nobreza, calando Alison em confinamento, se assim fosse preciso, evidenciando que para Willian livrar-se das pessoas não era um problema, e sim, a solução de todos.

Willian Turner encheu o cálice de licor, saboreando-o em pequenos goles, com um sorriso escarnecedor por entre os lábios ao arquitetar os próximos passos a serem dados através da sua mente doentia.

Capítulo15

Willian cumpriu com a palavra e ao despertar foi buscar Alison, atestando o seu repouso, depositou um vestido sobre uma das cadeiras e foi embora.

Se passado duas horas, voltou, e lá estava a jovem ao impacientemente esperá-lo, a doença não foi capaz de atenuar a sua formosura.

Trajando um vestido longo vermelho coral, com acessórios prateados, parecia uma dama da realeza, contudo, um detalhe lhe causou assombro, conhecendo a vaidade de uma mulher, nada mencionou na intenção de não aborrecê-la.

Alison usava um lenço branco cobrindo-lhe a cabeça, outrora presenteado por Ian, o mesmo que habitualmente prendia os seus cabelos como se fosse uma tiara a lhe enfeitar nos tempos de

camponesa, entretanto, o seu uso foi em virtude do envenenamento, do qual perdeu parte das suas lindas madeixas.

O que Willian poderia dizer, a não ser se calar diante da culpa.

Alison tremeu de pavor ao vê-lo, não sabia o que esperar de um homem insano e sem escrúpulos, no entanto, controlou os nervos ao indagar-lhe.

- Bom dia, senhor, meu marido! Veio me buscar?

- Bom dia! Sim! - respondeu-lhe afirmativamente, ao tocar sutilmente em sua cintura - A sua magreza me assombra! De hoje em diante, cuidarei pessoalmente da sua alimentação, no almejo de que o seu restabelecimento seja imediato.

- Agradeço por sua preocupação! - replicou Alison, certa de que havia algo de proveitoso por detrás da sua mudança.

Desconfiança que foi confirmada ao ouvi-lo proferir as suas últimas palavras, deixando-a furiosa, sem que pudesse denotar o verdadeiro sentimento de repulsa nutrido por ele.

- Que isso não demore, um herdeiro espera a sua concepção! -

Willian a puxou fortemente para si, beijando-a contra a sua vontade.

Ao soltá-la, conduziu-a até as escadas, descendo através da penumbra, todavia, no meio do trajeto, Alison não conseguiu

avançar, enfraquecida por uma falta de ar repentina, sendo misericordiosamente carregada pelos braços de Willian até a passagem secreta.

Ao entrarem num dos aposentos do castelo, Willian a colocou no chão, Alison se apoiou nas paredes no fito de se equilibrar, e assim recuperar o fôlego, sendo rispidamente ordenada a prosseguir.

- Temos que ir! A criadagem nos espera para o desjejum!

- Preciso de um tempo para respirar, por favor! - suplicou a jovem.

Em poucos minutos se recompôs, suportando a dor mediante a inquietação de Willian, de braços dados, encaminharam-se até a imensa sala onde seria servido o desjejum matinal, ao adentrar, Alison asseverou o bom gosto do Barão Murdock quanto à decoração.

A jovem maravilhou-se com as cortinas de veludo nos tons de marrom, creme e mostarda, uma combinação estranha de cores que proporcionou sofisticação ao ambiente, lustres de cristais similares ao do salão vermelho, as paredes brancas eram ornamentadas com alguns detalhes no tom de mostarda, uma extensa mesa retangular com 18 lugares em madeira rústica foi cuidadosamente disposta para o casal, sobre a mesa, havia pratos e xícaras de fina porcelana, copos de cristais, talheres de prata e guardanapos de puro linho no tom de creme, com a inicial M de Murdock em marrom, bordado graciosamente à mão em sua extremidade.

Ainda a contemplar o recinto, averiguou uma toalha branca de algodão sobre a mesa sem vinco ou manchas, contendo sobre si, uma variedade de frutas, pães, biscoitos, queijos e guloseimas, porquanto,

uma leiteira de prata chamou-lhe a atenção, fazendo-a desprezar os demais alimentos oferecidos pelos serviçais, que a reverenciavam sem a nada pronunciar, receando uma severa punição do recém-intitulado Barão Turner.

A distância entre ambos era exorbitante, cada qual sentado numa das pontas da mesa, como manda a tradição, Alison constatou que os alimentos servidos, eram os mesmos servidos a Willian, concluindo que não estivessem envenenados.

Ao saciar a fome, Alison surpreendeu-se em face da súbita proposta de Willian e com ela a sua mudança de comportamento.

- Permita-me que eu lhe mostre o castelo! - em rápida aproximação, estendeu-lhe a mão como um nobre cavalheiro.

- Eu gostaria muito! - respondeu-lhe de imediato.

- Um esplendoroso jardim ostenta o castelo com uma fonte a jorrar água. O burburinho das águas associado ao canto dos pássaros lhe devolverá a vitalidade carecida - Willian notou a sua animação ao vê-la se levantar num só impulso.

Alison o seguiu não pelo prazer da companhia, mas para desfrutar da liberdade na atribuição de valores que antes lhe passava despercebido, ansiosa em sentir o calor do sol sobre a sua pele, o vento acariciar-lhe o rosto, o aroma das flores a fasciná-la e o canto dos pássaros ao lhe contar segredos.

As cortesias de Willian não enganaram a jovem que fingia se encantar com os seus bons modos.

Willian usava a sedução como tática de aliciá-la a uma arapuca, no qual o capturado seria o próprio caçador.

- Quem sabe este não seja o nosso refúgio do amor? - arriscou a jovem.

A fisionomia sisuda de Willian se transformou por completo, ao facultar o entendimento de que ele havia caído em sua armadilha. Willian apreciou o atrevimento da esposa, sem hesitar, conferiu-lhe um beijo, entusiasmado por ela não se esquivar como das outras vezes.

A fuga do castelo era o ideal, desse modo, Alison retribuiu o beijo como uma boa amante o faria, proferindo juras de amor em vão, convicta de que a primeira batalha havia sido conquistada, restando-

lhe aguardar pelas novas instruções que lhe seriam enviadas por carta, suplicando a Deus que tudo não fosse uma cilada do destino e que a ajuda não demorasse a vir.

Após o repugnante beijo, Willian a levou conhecer as demais imediações do castelo, nos dias subsequentes, atribuiu à permissão de deixá-la andar livremente, na certeza de que a jovem, entregue aos seus caprichos, cumpria as obrigações do casamento sem resistência.

Ainda que soubesse disfarçar os sentimentos, artimanha aprendida com a vida para tolerar a presença de Willian, o seu pensamento fixou-se no sumiço daquele que imaginou ser o seu salvador, sem nenhuma carta para amenizar a angústia que a consumia.

Quando as esperanças se esgotam, surge o inusitado, Willian viaja a negócios, deixando-a imersa na solidão que se transmutou em instantes mágicos de pura felicidade, sem ter que dissimular cada ação ou cada palavra proferida.

No aposento do casal, o tom acentuado de lilás e branco imperava o ambiente, Alison se encontrava sentada numa banquetinha diante de uma penteadeira ao escovar os fios dos cabelos que haviam recuperado parte das suas madeixas.

Trajava um vestido amarelo, demarcando as curvas da sua silhueta, exibindo um decote provocante que a fez perder a sua doce jovialidade, concedendo lugar a uma mulher madura que não a agradava, avaliando ao se mirar no espelho o grau da sua vulgaridade, sendo este o desejo de Willian, restando-lhe acatar as suas determinações no intento de evitar novos conflitos.

Uma estrondosa batida na porta anunciou a emissão de uma nova carta, Alison correu no anélito de falar com o mensageiro, no entanto, ele havia desaparecido.

De posse da carta, ao se certificar de que não houvesse ninguém no corredor a espreitá-la, fechou a porta cautelosamente para que nenhum ruído fosse emitido a fim de não chamar a atenção da criadagem, em segurança, abriu-a, encorajando-se a ler.

Baronesa de Stonehenge!

Lamento profundamente por minha demora ao lhe enviar novas instruções, contudo, eu precisei me ausentar para que as novas estratégias de ataque fossem revisadas, temeroso quanto à possibilidade dos meus homens sofrerem um confronto injusto, visto que o Barão Turner tenha aumentado colossalmente a sua guarda, desde que a senhora foi liberta do seu confinamento em associação com as suas viagens para a Escócia.

Todavia, eu lhe trago boas novas!

Para o alento do seu coração, assevero-lhe que o seu pai, o senhor Thomas Dilaurentis, goza de perfeita saúde e se encontra sob os nossos cuidados, creio que logo mais se reencontrarão.

Aguardaremos o retorno do Barão Turner para resgatá-la, supondo

que a sua presença nos será benéfica ao reduzir a vigilância do castelo.

Evidencio que a senhora é um bem precioso a ser resguardado.

Aguarde novas instruções!

Em breve invadiremos o castelo, por favor, não se assuste conosco, estaremos encapuzados para preservar a nossa identidade,

mormente, ao zelar pelo bem-estar dos nossos familiares contra possíveis revides.

PS: Espero que um dia possa me perdoar?

Alison surpreendeu-se com os dizeres da carta, existia algo de intrigante como se quem a tivesse escrito a conhecesse intimamente, deixando-a confusa por não compreender a observação final.

Por que alguém lhe pediria perdão?

O que ela deveria perdoar?

A única notificação sensata que devolveu o brilho do seu olhar foi a certeza de que o seu pai continuasse vivo, uma nova esperança surgiu e a persuasão de que a felicidade faria parte da sua vida renovou as suas forças, apesar de ainda sentir a ausência de Ian tirar-lhe a paz.

A tristeza e a alegria se tornaram um misto de sentimentos que Alison deveria aceitar, não podendo dispor de todos os desejos, sendo essa uma lição dolorosa que a vida lhe ensinava.

O dia transcorreu calmamente, a jovem esboçava ares de felicidade por onde passasse, causando estranheza e curiosidade na criadagem que nunca a viu sorrir.

Alison se encaminhou ao jardim no intento de se esquivar dos

problemas ao cantarolar e colher flores, recordando-se dos tempos de camponesa, só que desta vez, ela as colhia para decorar o castelo, criando arranjos que agradava a todos.

O contato com a natureza facultava-lhe proximidade com Deus, e era lá que os seus pensamentos estavam, ao silenciosamente conversar com Ele, por vezes, ao pedir conselhos, por outras, ao

agradecê-lo por tudo o que lhe foi permitido viver, até mesmo os infortúnios, tornando-a mais forte mediante as batalhas da vida.

Convicta de que Willian demoraria em sua viagem, Alison pasmou-se ao vê-lo adentrar o portão principal do castelo montado sobre o cavalo negro que outrora pertenceu ao Barão Murdock.

Alison havia guardado a carta no interior de um porta-joias, arrependendo-se por não tê-la destruído, sobretudo, em relação à carta que ficou na torre, uma vez que Willian se negou a deixá-la buscar os seus pertences pessoais, ao dizer-lhe que não seria digno de uma Baronesa trajar os farrapos de uma reles camponesa, maneira rude de se referir a sua honrosa origem.

Desorientada, Alison não sabia se o recepcionava, ou se corria para o aposento do casal na intenção de destruir a carta.

Entretanto, as suas preces foram atendidas, Willian chegou ensanguentado e desfalecido, conduzido por dois soldados, um deles ao guiar o cavalo negro pelas rédeas em que se encontrava o corpo de Willian.

Ao simular preocupação, Alison correu em direção dos homens, indagando-os.

Meu Deus! O que houve? Quem o matou?

- Acalme-se, Baronesa! - falou o soldado que guiava o cavalo - O Barão Turner está vivo! Fomos pegos numa emboscada por homens encapuzados, no entanto, não compreendemos o motivo do ataque, uma vez que o ouro que carregávamos em escolta não foi roubado.

- Baronesa! - pronunciou-se o outro soldado - O socorro imediato ao Barão é imprescindível para a sua sobrevivência, se a senhora nos permitir, o levaremos até o seu aposento - sem resposta, insistiu - Nos autoriza?

- Sim! Claro que sim! - Alison consentiu atordoada.

Os soldados levaram Willian ao quarto do casal, o depositando sobre a cama, posterior ao feito, o primeiro soldado proferiu em tom amistoso.

- Perdoe a nossa conduta, Baronesa! Temos que partir, muitos soldados foram feridos e necessitam do nosso apoio - em testemunha do seu transtorno e súbito empalidecer, confortou-a - O Barão Turner está em boas mãos e a senhora saberá como ampará-lo!

- Ao menos tentarei! - asseverou a jovem em recíproca da sua cordialidade - A vida dos soldados dependerá da solidariedade de homens como vocês, que Deus os abençoe e os guie com sabedoria na tarefa que lhes foi incumbida.

- Amém! - responderam os dois soldados ao se retirarem às pressas.

Junto ao corpo de Willian, Alison deixou-se levar por sombrios pensamentos.

- Deveria ter morrido pelas mãos dos justiceiros que me libertarão das suas garras! - ao averiguar a gravidade dos ferimentos, a jovem observou um corte profundo no lado direito do tórax, ocasionado por uma espada de lâmina afiada, enquanto conferia as demais lesões,

outro sombrio pensamento veio-lhe à mente - O deixarei agonizar até a última gota de sangue se esvair do seu corpo, afinal, ele foi ferido e não resistiu aos ferimentos - essa poderia ser a solução dos seus problemas, livrar-se de Willian sem levantar suspeitas.

Alison deixará morrer em suas mãos o homem que a condenou ao sofrimento?

Decisão esta, que mudará drasticamente o rumo do seu destino e que só caberá a ela optar pelo caminho da redenção ou da penitência, estando Deus a par das suas ações.

Capítulo16

O dia havia resplandecido e a hora do almoço se aproximava, todavia, Raquel não regressava dos sonhos, causando agitação na pensão pela ação irrefletida de Natanael ao conferir violentas batidas na porta do seu quarto.

Ao feito do senhor Edwin lhe entregar a chave reserva, a jovem abriu a porta, antes mesmo que a colocasse na fechadura.

- Por que esse estardalhaço? - perguntou sonolenta ao bocejar, esfregando os olhos semiabertos.

- Raquel, eu estou batendo há horas na sua porta sem obter resposta. Eu temi por um mal súbito - esclareceu Natanael aliviado por encontrá-la bem.

- Eu juro que não ignorei as batidas - replicou sem graça - Dormi tanto assim!

- Dormiu! - ao se dar conta da sua excessiva preocupação, fez-lhe um convite - Quer dar uma volta pela cidade?

- Eu quero sim! - animou-se ao dispersar a sua preguiça - Confesso que desde a minha estadia na cidade, não fui a lugar nenhum, restringindo-me entre a pensão e a cidade de Stonehenge.

- Que desperdício de tempo! - caçoou Natanael.

- Faltou-me a companhia certa! - respondeu a jovem.

- E agora, será que a encontrou? - instigou o rapaz.

- Creio que sim! - zombou Raquel ao esboçar um lindo sorriso matinal - Dei-me quinze minutos, eu prometo não demorar mais do que isto para me vestir.

- Aguardarei na recepção! - beijou-lhe a face tenuemente ruborescida.

Trajado e bem alinhado, Natanael caprichou no visual ao dispor de uma calça jeans com diversos e amplos bolsos, uma camisa bordo e um par de mocassim preto, transmitindo em sua simplicidade o charme não almejado.

Raquel vasculhou a mala na busca de algo que fosse delicado, porém, ousado.

Um vestido de alcinha estampado foi a sua escolha, na altura dos

joelhos, de tecido leve e solto, calçando sapatilhas e uma bolsa a tiracolo na tonalidade pink, os cabelos foram presos por um rabo de cavalo, em virtude da ventania, embora o clima estivesse quente. Raquel desceu as escadas ao cantarolar uma canção relembrada do seu sonho, deixando Natanael boquiaberto por nunca tê-la ouvido.

- Eu não conheço a autoria da música, onde aprendeu?

- Em meus sonhos! - declarou a jovem.

Natanael conduziu-a ao passeio, enquanto caminhavam, olhavam as vitrines das lojas e o comércio local que se encontrava em pleno funcionamento, estavam tão envolvidos que não notaram um estranho a espreitá-los.

Neste ínterim, ingeriram um lanche, a empolgação havia lhes tirado a fome.

Natanael pediu para que o aguardasse num banco vazio da cidade sem lhe dar satisfações, a jovem não teve opção a não ser esperá-lo conforme o solicitado por cerca de quarenta minutos.

Em seu retorno, perguntou intrigada.

- Onde esteve? Por que não me levou junto?

- Não posso contar! - ao observar a sua triste fisionomia, propôs - É cedo para voltarmos para a pensão, o que acha de irmos juntos até a cidade de Stonehenge?

- Após os meus relatos, estranha-me o seu desejo - espantou-se a jovem.

- Confesso que despertou o meu desejo ao narrar-me os seus sonhos, ainda em Scottish Highlands, na pousada dos meus pais - elucidou o rapaz ao desafiá-la - Se me conceder a honra da sua companhia, prometo contar o que realmente fiz!

- Isso é chantagem! - exclamou Raquel em tom de brincadeira.

- Sim, é chantagem! - debochou o rapaz - Aceitará ou não?

A jovem o provocou com o suspense da sua resposta.

- Sim ou não? - indagou o rapaz ao transpirar gelidamente.

Com um sorriso travesso, Raquel atribuiu-lhe a resposta ansiada.

- Sim, eu o acompanharei!

- Por Deus, me deste a resposta! - retrucou o rapaz num suspiro profundo.

Rumo ao estacionamento da pensão, Natanael abriu a porta do carro para que Raquel o adentrasse, contornando-o a fim de se posicionar ao volante e acionar a partida, sem desconfiar da presença estranha que agora os perseguia de carro.

Na cidade das pedras, Natanael estacionou o carro a uma efêmera distância no fito de percorrerem o restante do trajeto a pé, e dessa maneira, desfrutar do clima ameno que a tarde lhes proporcionava.

Raquel não o esperou abrir a porta do carro para ajudá-la a descer, quem a visse naquele instante teria a impressão de que a jovem nunca havia pisado na terra sagrada e mágica dos seus devaneios.

Sem hesitar, a jovem puxou Natanael pelo braço para que a seguisse ao centro das pedras, eufórica, relatou sobre as sensações vivenciadas.

Natanael a calou com um fervoroso beijo, não tolerando a espera para revelar o motivo que o fez se embrenhar na cidade das pedras.

De joelhos, ao segurar as suas mãos, o rapaz expressou o seu amor.

- Eu sei que parecerei um tolo ao falar de amor, do meu amor, no entanto, não fugirei do óbvio! Desde a nossa infância possuímos uma afinidade que nunca foi compreendida, mas intensamente sentida.

Momentos felizes, outros não muito, mas sempre buscando forças um no outro para enfrentar os obstáculos eclodidos em nossos caminhos. Hoje eu sei o fidedigno significado do amor. Não me refiro ao amor carnal, apesar de sentir uma descomedida atração física por você, eu me refiro ao amor entre almas, o sentimento existente entre dois espíritos encarnados que se reencontram no almejo de reviver o amor que lhes foi tolhido vivenciar. Ah, Raquel! Foi você! Sempre foi! - Raquel olhava-o sem atinar o que de fato ele

queria lhe dizer, e foi neste momento que as suas incertezas se esclareceram - A visão da moça no Castelo de Doune era você em seu passado ao contemplar-me com a mesma doçura de um anjo, dando-me a certeza de que você é a alma que me completa. É você a minha escolha! É você a mulher que me foi enviada pelos Anjos do Senhor! Por isso, eu estou aqui de joelhos a lhe fazer um único, porém, decisivo pedido que mudará a história da minha vida, e creio que a sua também, se porventura aceitar.

Lágrimas escorreram pelo rosto da jovem, como se ela já soubesse o pedido que lhe seria feito, não cabendo em si de tanta emoção, todavia, aguardou a fim de evitar conclusões precipitadas.

- Ora! Ora! Ora! Que belíssima declaração, eu confesso ter chorado - ao bater palmas, zombou o homem que havia se escondido por detrás de uma das pedras, esperando a ocasião oportuna para dar o bote tal qual uma cobra venenosa.

Raquel comparou o homem com Barão Murdock, e posteriormente ao Barão Turner, o primeiro trajava roupas escuras, o segundo o imitou ao roubar-lhe o título, por sua vez, o homem em questão fazia o uso de roupas similares.

Todavia, a voz era inconfundível, tanto para a jovem como para

Natanael que o interrogou destemidamente.

- O que almeja de nós, senhor Grant?

- Garoto, você sabe o que eu almejo! - aproximou-se entre gargalhadas.

- Garoto? Eu não sou nenhum moleque para me chamar desta forma! - Natanael foi contido por Raquel para que não revidasse as provocações.

- Como queira, senhor Fortunato! - zombeteou ao cinicamente sorrir.

- Bisbilhotou a minha vida para descobrir o meu sobrenome? - Natanael cerrou os punhos em denotação do seu furor.

- Não foi preciso dar-me a esse trabalho, a sua mãe é uma senhora ingênua, confidencio-me a história da família numa de nossas conversas - numa distância relativamente considerável do casal, o homem justificou-se, provocando-o uma vez mais - Gostaram do passeio pela cidade?

- Vejo que o senhor nada mais fez no dia de hoje a não ser nos espionar - replicou a jovem em tom sarcástico - Senhor Grant, cometeu a indelicadeza de não responder a pergunta de Natanael. O que almeja de nós?

- Eu almejo você! - sem rodeios, estendeu-lhe a mão, deixando-a estarrecida - Diga a ele que você me ama! Não consigo me esquecer da tarde maravilhosa que juntos passamos na cidade de Inverness. Por uma fração de segundos, Natanael duvidou do amor de Raquel.

- Não pode acreditar na insensatez deste homem. Nunca houve nada entre nós. Eu juro! Por favor, acredite em mim! - a jovem

alegava inocência - Eu te amo, Natanael! Nunca houve ninguém em minha vida, além de você!

- Oh, querida! Por que faz isso com o meu pobre coração? Por que torturar-me de amor? - instigou o homem no fito de influenciar Natanael negativamente.

- Senhor Grant, pare com as provocações! O senhor é insano! Totalmente insano! - esbravejou Raquel.

- Insano de amor! - exclamou o homem.

- Chega! - gritou Natanael - Vá embora, senhor Grant! Não desejo o seu mal, portanto, eu lhe peço encarecidamente que nos deixe em paz. As suas mentiras não surtirão efeito sobre mim. Eu confio plenamente na mulher que amo e nada me fará desistir desse amor.

- Confiaria ao ponto de lhe entregar a própria vida? - inquiriu-lhe seriamente.

- Sim, eu confiaria! - assegurou Natanael.

Ao nitidamente ouvir o estampido de uma arma de fogo, Natanael projetou-se contra a amada, caindo sobre si como um escudo protetor na tentativa de salvá-la.

Ambos ao chão, um único tiro, uma vítima fatal marcada pelo destino.

O autor do disparo fugiu após a transgressão sem prestar-lhes assistência.

Capítulo17

Num desdobramento espiritual, Raquel regressou ao passado, em testemunho da preocupação de Alison que dominada pelo medo não sabia como lidar com a situação, cogitando em deixar Willian perecer para assim, libertar-se das suas garras, entretanto, não haveria como escapar do juízo final, tampouco, da sua consciência. À vista disso, Alison o socorreu, com um elevado diferencial se comparado aos tempos modernos, não possuindo os métodos científicos e tecnológicos para os diagnósticos, nem sequer, as fórmulas que agilizariam a cura da matéria, se utilizando dos recursos disponíveis, baseado nos sábios conhecimentos dos seus ancestrais que consistiam na mistura de ervas encontradas pelas imediações.

O impossível foi concretizado ao ordenar aos soldados a sua permissão para o acesso externo do castelo na alegação de que a vida do Barão Turner dependesse da sua saída para colher às ervas necessárias.

Apesar do êxito, a jovem embraveceu-se, dado que a cada gesto articulado, um soldado a bisbilhotasse, não restando dúvidas de que devotassem total submissão a Willian, morrendo em seu nome no cumprimento do dever, enquanto ele, não daria a mínima para a vida dos homens sob o seu comando.

Alison terminou de colher as ervas, voltando para o interior do castelo, com a ajuda de uma velha serviçal, arranjou um receptáculo e com as mãos limpas, amassou as ervas até adquirirem uma consistência pegajosa, depositando-as por cima dos ferimentos de Willian.

A jovem sentiu uma paz interior em não deixar-se influenciar pelo sentimento mesquinho da vingança, finalizado os curativos, o deixou repousar, porém, antes de se retirar apanhou a carta que havia escondido no intento de destruí-la.

No jardim, Alison certificou-se da sua privacidade ao colocar em prática o seu plano, apesar do receio de ser pega em flagrante, rasgou

a carta em minúsculos pedacinhos, impossíveis de serem reconstituídos, de forma a não incriminá-la por uma futura conspiração, embora não houvesse a consubstancialização de nenhum ato mencionado nas cartas até a presente ocasião.

Ao feito, apressou-se para que a sua ausência não levantasse qualquer suspeita, objetivando o seu retorno ao aposento, permanecendo ao lado de Willian como uma boa esposa o faria, todavia, foi surpreendida por uma voz masculina ao lhe dizer.

- Não deveria jogar a prova do crime juntamente com as folhas das árvores! - o homem se referia a um amontoado de folhas secas ao chão que seriam recolhidas pelos serviçais.

- Quem é o senhor? - atemorizou-se a jovem ao temer uma punição - Por que diz ter sido a prova de um crime? O senhor não tem o direito de me acusar!

- Mantenha a sua serenidade! Eu venho em missão de paz - replicou o homem ao trajar uma longa e esfarrapada capa marrom, retirando o capuz que encobria a sua face - Eu sou o mensageiro das cartas, porquanto, não possuo a permissão de revelar quem as escreve. Arrisco-me por auxiliar o rebanho de Deus, acreditando que esta seja a minha missão.

- O senhor! - exclamou atônita ao efetivar o reconhecimento - Por que anseia me auxiliar, se outrora me uniu a um homem desprezível, mesmo ao evidenciar o meu repúdio e imposição ao casamento?

- Primordialmente, eu creio que uma breve apresentação seja satisfatória! - o homem a conduziu ao banco do jardim, iniciando os esclarecimentos - Eu sou o Padre Duncan! De origem humilde, no entanto, envergonho-me do meu passado - entristecido, prosseguiu sem deixar-se esmorecer - Em minha juventude, roubei para que

pudesse sustentar a minha família, na ausência do meu pai, que foi covardemente assassinado por três soldados. Não procuro uma justificativa, sei que agi errado. Hoje, em íntegro arrependimento, suplico ao Nosso Pai o perdão dos meus pecados. Infelizmente, não posso voltar no tempo para consertar todos os meus erros, contudo, afirmo-lhe que eu tenha me tornado uma pessoa benigna, dedicando o meu tempo aos irmãos que me procuram para receber uma palavra de esperança e alento aos seus sofridos corações - comovido, o padre

apanhou as suas mãozinhas trêmulas - Eu fui pressionado a realizar a cerimônia matrimonial para que o Barão Turner não revelasse aos mesmos fiéis que depositam em mim as suas dores e confiança, as minhas ações passadas, perdendo assim, o carinho adquirido ao longo dos anos.

- Não se puna pelo passado! Todos nós possuímos o lado obscuro que não contamos a ninguém, seja em ações ou em pensamentos. Deus sabe das suas dores e apenas Ele tem o direito de julgá-lo, mas decerto não o fará, acredito que o seu arrependimento e dedicação ao próximo o tenha libertado dos seus pecados. Quanto a mim! O senhor agiu conforme a sua consciência - o padre arregalou os olhos sem entender o seu ponto de vista - O seu trabalho perante a Deus não deve ser interrompido, salvar uma única alma enquanto muitas outras estão clamando por socorro, seria injusto e inadmissível.

- A senhorita tem um imenso coração - comentou o padre.

- Senhorita? - pasmou-se Alison - O padre equivocou-se ao chamar-me desta forma, esqueceu-se de que eu sou uma mulher casada?

- Equívoco? Oh, nenhum! - o padre revelou a verdade por ela ignorada - De fato, houve uma cerimônia matrimonial, entretanto,

não foi realizada com a benção de Deus. Perdoe-me! Eu fui imprudente em não adverti-la das minhas reais intenções, achei que se alegraria, mas vejo que a choquei com a notícia.

- Estaria feliz se não tivesse ocorrido à consumação do casamento, agora o que eu farei da minha vida, não tenho mais a pureza do meu corpo carnal, não sou mais digna do amor de ninguém. Deus me punirá! - a criadagem que assistia a cena, supôs

que a jovem chorasse pelo padecimento de Willian, evitando uma aproximação ao imaginarem que ela estivesse em confissão.

- Como Deus a punirá, se instantes atrás me disseste ao contrário! Existem controvérsias em suas palavras, a sua dor, semelhante a minha, a cega - com o olhar fraterno, aconselhou - Guarde para si todas as revelações, o Barão Turner não pode desconfiar de nada, aliás, nem Barão ele pode ser considerado. Minha jovem, o Barão Murdock escreveu um testamento de próprio punho, declarando que se porventura viesse a falecer, deixaria todos os seus bens, assim como o título da sua nobreza entregue em suas mãos, portanto, essa foi a intenção de Willian Turner, se apossar de tudo o que lhe foi deixado, inclusive, tomar o lugar do seu pai. Eu creio que não saiba da sua herança, ou será que me enganei?

- Não! Quero dizer! Herança? - aturdiu-se Alison - Além de assassinar o Barão Murdock, ele me obrigou a casar para se apossar da herança do pai. Há quanto tempo o senhor obtém o informe da paternidade de Willian?

- Em vida, a senhorita Chisholm, frequentou às escondidas a minha capela, confidenciando-me que o filho gerado em seu ventre fosse do Barão Murdock, que na época não havia recebido o título de

nobreza. Assim como a mãe de Willian, pressupus que a senhorita tivesse sido envenenada ao evidenciar o seu enfraquecimento no dia da cerimônia, mas agora, vendo-a corada, atesto o meu engano.

- Não há engano! Eu tenho a convicção de que realmente fui envenenada e recuperei-me por um único motivo - após uma pausa, Alison confessou - Willian almeja a vinda de um herdeiro!

- Isso não pode acontecer! - esbravejou o padre - Nós precisamos tirá-la daqui! Sabemos que Willian foi gravemente ferido, no entanto, isso não acarretará a sua morte. Agiremos antes da sua recuperação.

- Vocês foram os responsáveis pelo ataque, principalmente, por seu gravíssimo estado de saúde? Nós precisamos? Quem precisa? Diga-me um nome, um único nome, por favor, eu imploro! - desesperou-se a jovem.

- Não pretendíamos feri-lo, tencionamos uma emboscada para aprisioná-lo, conquanto, não tínhamos a sapiência de que Willian fosse escoltado por inúmeros soldados a uma longa distância. Caso questione a si mesma, respondo-lhe de antemão que eu não participarei dos confrontos, a minha função é entregar as cartas com segurança e passar as informações que lhe forem benéficas. Quanto às demais indagativas, asseguro-lhe que não está preparada para ouvir as respostas que dilucidarão as suas incertezas. Acredite, eu faço isso para a sua segurança! - debaixo da capa marrom, retirou um envelope, entregando-lhe a seguir - Esta será a última carta a lhe ser entregue, leia e destrua sem deixar vestígios. E que Deus a proteja! Adeus!

- Espere! Eu tenho tantas perguntas e tanto a lhe dizer! - clamou a

jovem com receio de permanecer sozinha no castelo.

- A senhorita está sendo vigiada, por detrás da sua libertação, existem homens que anelam a sua felicidade. Preciso ir! Tenho uma missa a ser realizada dentre alguns minutos e temo chegar atrasado. Deus a abençoe, minha filha!

Alison beijou as mãos do padre em sinal de respeito, deixando-o partir, ciente de que ele estivesse a serviço de Deus e segurá-lo por

mais tempo, o tolheria de realizar o maravilhoso trabalho em prol dos necessitados.

Vendo-o se afastar, a jovem procurou um lugar isolado para ler a carta, longe dos olhares curiosos dos serviçais que ali estavam a cuidar do jardim.

Às pressas, se encaminhou ao Salão Vermelho, trancando a porta para que não fosse incomodada, antes mesmo de se sentar numa das poltronas existentes, abriu euforicamente a carta, de modo a rasgar o envelope, ao percorrer com os olhos as linhas escritas no mais absoluto e aterrador silêncio.

Baronesa de Stonehenge!

Ao receber essa carta em mãos, que por sua vez será a última, foi outorgada a permissão ao Padre Duncan para revelar alguns dos acontecimentos pregressos, sobretudo, o que diz respeito à insanidade mórbida de Willian Turner, portanto, com todo respeito, continuarei a chamá-la de Baronesa de Stonehenge, fazendo jus a vontade do Barão Murdock.

Estou ciente da realidade cruel que o destino lançou sobre ti, todavia, nada poderia ser feito para mudar a triste consumação de um casamento que foi compelida a aceitar.

Estávamos todos de mãos atadas!

Uma invasão não planejada ocasionaria a morte em massa de muitos homens despreparados e desarmados.

Saliento que Willian Turner provocou a ira de muitos nobres ao dispor de artimanhas persuasivas a fim de enganá-los, apossando-se dos seus bens materiais, independentemente do que fizermos, a sua vida já corre perigo.

Creia no amor incondicional de Deus e se apegue aos seus ensinamentos, não tenha a sua dor como um castigo divino, o Nosso Pai nunca a subjugaria passar por experiências penosas com o propósito de evoluir.

Para tudo há uma explicação que nem sempre compreenderemos!

Presumo que eu não tenha sofrido nesta vida tanto quanto a Baronesa, mas asseguro-lhe que o amor sentido por uma mulher quase me tirou a vida, contudo, lutarei por esse mesmo amor até o fim dos meus dias.

No ato da sua libertação, vista trajes que lhe dê flexibilidade aos movimentos, isso facilitará a sua fuga.

Um cavalo lhe será designado!

Daqui a três dias, ao anoitecer, o castelo será invadido, não se desespere, estarei por perto para protegê-la e conduzi-la com a máxima segurança até um mosteiro.

O senhor Thomas Dilaurentis estará a sua espera!

Neste dia, deixe todas as suas mágoas e tristezas para trás, siga em frente, rumo à merecida felicidade.

E se eventualmente ambicionar um regresso ao castelo para retomada da sua posição de Baronesa, que assim o seja, estaremos

ao seu lado para garantir o triunfo dos seus ideais.

O desejo de reencontrá-la estremece o meu ser.

PS: Em breve entenderá o motivo do meu último comentário.

Ao término da leitura, os seus temores se dissiparam.

Como o solicitado, destruiu a carta igualmente a anterior, não se torturando com os acontecimentos que atingiram tanto a sua ética moral como a violação das suas virtudes, questionando com mais

afinco a identidade do homem que lhe incentivava a não desistir da sua própria vida.

- Seria algum admirador secreto? - pensou consigo mesma.

Isso não importava, o seu coração despedaçado por amor não seria restaurado e um homem ao seu lado não lhe dava a esperança de uma vida conjugal e feliz.

Por outro lado, poderia ser apenas um homem apaixonado que teria perdido o seu grande amor, ao expor os seus sentimentos, como forma de aliviar as dores do coração, desabafando com alguém que havia sofrido infortúnios semelhantes.

Alison deixou-se conduzir pelos dolorosos sentimentos ao se recordar de Ian, traçando-o graciosamente em sua mente.

Atinando a própria demora, Alison dirigiu-se ao seu aposento, ao passar por um extenso e solitário corredor, jogou os papéis picados num vaso de flores que só haveria de ser substituído após a sua libertação.

Ao conferir que William dormia profundamente e que a sua ausência não fosse notada, Alison separou um traje como o determinado na carta, embora a sua ação fosse precipitada, a felicidade contida em si ultrapassava as suas expectativas, tendo que

ocupar a sua mente para que os três dias estipulados não se tornassem uma exaustiva espera.

Ao remexer nos seus pertences, encontrou o lenço presenteado por Ian, não se atrevendo a deixá-lo para trás, assim como o conjunto de madrepérolas que lhe foi presenteado pelo Barão Murdock, conjecturando vendê-lo com o propósito de auxiliar o pai e os homens que arriscariam as suas vidas.

Sem mais o que se entreter, a jovem recostou-se numa poltrona, relembrando-se do tempo em que a sua doce inocência imperava os devaneios de uma paixão, adormecendo em contagem regressiva para o momento mais ansiado da sua vida.

Capítulo18

Chegou o grande dia!

Ainda que Willian permanecesse em restabelecimento, controlava Alison sem deixá-la sair do aposento, contudo, a jovem não mais o temia em desacato da sua autoridade.

Alison possuía um coração generoso, ao recear pela vida de Willian atendo-se na esperança de que ele fosse poupado, embora não houvesse nenhum elo afetivo que a fizesse se apiedar, a sua consciência a proibia de praticar ações malfazejas.

No jardim, Alison refrescava-se com a brisa da manhã, ao ser importunada por uma serviçal que esbaforida atribuía-lhe o informe de que Willian gritava por seu nome estridentemente no interior do aposento.

Assustada, correu no intuito de acolher Willian, fingindo contentamento ao vê-lo andar de um lado para o outro.

- E agora? Como sucederá a minha libertação se Willian aparenta uma melhora significativa? - inquiriu a si mesma.

Ao atentar um sorriso no rosto de Alison, Willian como o imaginado, retribuiu ironicamente o carinho.

- Eu estou melhor, o seu sorriso restabeleceu-me, tão logo cumprirei as minhas obrigações de marido para que possamos conceber o nosso filho, se porventura, ele já não estiver em seu ventre!

- Alegro-me em testemunhar a sua disposição! Para a decepção do senhor, meu marido, eu não possuo uma criança em meu ventre - disse num repúdio contido.

- Então, veremos se daqui algumas semanas a sua barriga crescerá! - Willian conferiu irritantes gargalhadas.

Alison descartou tal possibilidade, não sentia os sintomas decorrentes de uma gravidez, assegurando-se de que Willian almejasse provocá-la para depois vê-la se humilhar aos seus pés, fato este que nunca mais ocorreria.

A jovem farta da sua conduta hipócrita não permitiria que uma simples palavra a atemorizasse. Uma nova Alison nasceu naquele instante.

Uma jovem inocente transformada numa mulher destemida, disposta a lutar pelos seus ideais e enfrentar qualquer obstáculo que eclodisse em seu caminho, porém, aguardaria a hora oportuna para colocar em prática a sua mudança.

Sem dar-lhe satisfações, Willian saiu do aposento irritado, deixando-a sozinha.

Aproveitando a ocasião, Alison checou a roupa e os pertences separados numa cômoda para o momento da fuga, aparentemente

alguém teria mexido, por alguns instantes essa hipótese a intrigou, acabando por se convencer de que tudo não passasse de uma confusão mental por estar em extremo estado de ansiedade.

Willian isolou-se num cômodo do qual ela não possuía acesso, denominado de “Sala das Armas”, Alison atestou a agitação dos soldados ao adentrá-la sob forte tensão, supondo que Willian tramasse algo contra a integridade de um nobre.

Afastando-se do local, distraiu-se ao bordar um lenço no jardim, sendo esta, a forma encontrada para passar as horas durante todo o período da tarde, surtindo um notável efeito, porquanto, foi um efeito passageiro.

Ao anoitecer, a sua ansiedade chegou ao ponto de causar uma intensa e forte pontada no peito, respirando profundamente, se recompôs no anseio de percorrer o interior do castelo sem levantar suspeita, direcionando-se em passos moderados até o aposento de cabeça erguida e um leve sorriso na face.

Ao adentrá-lo, encaminhou-se até a cômoda, trocando-se às pressas, colocando um vestido azul-marinho, uma tonalidade escura caso houvesse a necessidade de se embrenhar nos bosques lamacentos da região.

Já trocada, Alison se preveniu ao levar consigo uma pequena trouxa de roupas, escolhendo as mais simples, feito isso, retirou do dedo anelar o anel de brilhante, agregando-o aos pertences separados no intento de escondê-los num dos salões vazios até a invasão ser anunciada.

No instante da sua saída, um barulho a alarmou, do lado externo do aposento, Willian trancava a porta, encolerizado, falou ao ranger os dentes.

- Achou que eu não descobriria a sua traição?

- Do que está falando, meu senhor? Não compreendo a sua ira!

Por favor, não me confine neste quarto! - Alison fingiu inocência.

- Não se faça de rogada! Encontrei uma carta escondida na torre, suspeitei de algo ao aceitar-me facilmente em sua vida! - vociferou Willian de punho cerrado ao esmurrar a porta - Como pôde?

- Há um equívoco! Alguém a colocou na torre para me incriminar! - mentiu a jovem, arrependida por sua imprudência.

- Não me convencerá da sua lealdade, tampouco, acreditarei que me ama! - contestou como se ele fosse à vítima.

- Willian, me liberte para conversarmos! Abra essa porta, por favor! Willian! Ainda está aí? - Willian se foi sem mais nada a dizer.

Ao transcorrer de cinco minutos, Willian voltou ao aposento, diante da jovem, segurou-a pelo braço com excedente violência, levando-a contra a vontade para a torre, jogando-a no chão, trancafiando-a sem clemência, acreditando ter aplicado uma das piores punições. E de fato era!

Desesperada, Alison lançou-se sobre a cama aos prantos, adormecendo por via do seu esgotamento emocional.

O repouso durou pouco, um forte estrondo estremeceu as

estruturas do castelo, como o estabelecido, havia iniciado a invasão. Numa ação irrefletida, Alison apanhou o candelabro, batendo-o contra a porta no anseio de chamar a atenção de quem quer que fosse.

- Socorro! Socorro! - gritava sem fôlego, chegando a triste conclusão de que todos estariam ocupados demais para ouvi-la.

Willian foi pego de surpresa, a carta descoberta não lhe teria facultado pistas de que o ataque seria consolidado naquela mesma noite, visto que ele não soubesse o dia exato do seu recebimento.
Embora estivesse reunido com os soldados na Sala das Armas, o assunto em pauta era uma escolta para Escócia.
Muitas vidas foram dizimadas, não era o objetivo dos invasores, todavia, numa batalha, não há como determinar quem vive ou morre.
Willian foi capturado sem chance de defesa pelo autor das cartas que retirou o capuz no fito de visualizar com clareza o rosto do inimigo, assim como o homem que o acompanhava.
- Onde está à senhorita Alison? - questionou o autor das cartas denotando a sua intolerância ao empunhar a espada com desdém - Diga-me ou deceparei a sua cabeça!
- Se me matar não a encontrará! - Willian o afrontou.
O autor das cartas fez um leve corte em seu pescoço através da lâmina afiada da sua espada, ao ser impedido de prosseguir pelo outro invasor.
- Não se aflija, encontraremos a senhorita Alison!
- Senhorita Alison! Perdoem-me por não tê-los convidado ao meu casamento - debochou Willian - Respeitem a minha esposa e a

chamem com o devido respeito de senhora Turner.

- Ela não é a sua senhora, nem ao menos são casados - com satisfação, o autor das cartas escancarou um sorriso ao relatar com minúcia os fatos sucedidos.

- Eu ainda mato aquele padre! - os olhos de Willian pareciam saltar das órbitas, tamanho o seu furor - No entanto, a consumação do casamento ocorreu conforme o planejado. Alison é uma mulher de muitas virtudes, isso eu lhes garanto!

- Miserável! - esbravejou o autor das cartas.

- Não suje as suas mãos com o sangue de um ser medíocre - o invasor conteve o companheiro.

- Covardes! - bradou Willian ao novamente desafiá-los.

- Ignore-o! - clamou o invasor ao chamar o autor das cartas para uma conversa restrita - Willian quer que percamos a razão, não estamos aqui para fazer a justiça com as próprias mãos, deixemos que o Pai Celestial outorgue a sentença que lhe for pertinente.

Fazendo-o entender que a vingança não lhe traria a paz anelada, aliviou-se ao vê-lo retomar a consciência dos seus atos por meio das suas palavras.

- A farsa acabou! Vanglorie-se da sua nobreza no calabouço, onde será a sua nova e eterna morada!

Willian foi conduzido com o mesmo ar prepotente e sorriso estampado na face, indiferente aos acontecimentos, ocasionando arrepios nos dois homens que agora compreendiam a amplitude da sua perversidade.

Homens que aguardavam por novas instruções do invasor, acataram as suas determinações sem contestá-lo, atribuindo o indício de que ele fosse o líder.

- O levem diretamente para o calabouço e o acorrente!

- Eu quero que receba o mesmo tratamento que nos foi atribuído!

- acrescentou o autor das cartas ao referir-se aos homens que passaram pelas mãos de Willian, sem uma corte para lhes julgar, numa sentença injusta e desumana.

Após as ordenações, os dois homens iniciaram uma árdua busca pelo castelo, quando as suas forças não lhes davam mais ânimo para

prosseguir, eis que surge o inesperado, uma triste lembrança, um lugar não procurado.

- Eu sei onde ela está! - arriscou o invasor estremecido.

- Onde? - perguntou o autor das cartas com o coração a palpitar.

- Me siga! - o invasor tomou à frente da situação, levando-o por um caminho sombrio, uma escadaria interminável e um silêncio aterrador, por fim, chegaram ao destino - Suspeito que a senhorita Alison se encontre nesta torre!

- A porta está trancada! - constatou o autor das cartas ao esmurrá-la com força - Olá! Tem alguém aí? Alison! Alison Dilaurentis! - sem resposta, os dois homens começaram a descer as escadas, desolados pelo fracasso.

- Espere! - exaltou-se o invasor - Ouça!

- Não ouço nada! - respondeu-lhe de imediato.

- Silêncio! Escute! - o invasor persistiu em sua audição - Ouço um barulho!

- Continuo a não ouvi-lo! - reafirmou o autor das cartas.

- Certamente é fruto da minha imaginação! - convencido do seu devaneio, o invasor retornou à descida das escadas.

- Eu ouço! - esbravejou o autor das cartas com os olhos marejados

de lágrimas ao subir os poucos degraus avançados - Ela está viva!

Alison ficou no escuro durante toda a invasão ao ter usado o candelabroque agora, seencontrava espatifado no chão, não localizando partes da sua estrutura, justificando assim, o motivo da sua demora em responder ao chamado.

O invasor o seguiu ofegante, infelizmente, ambos não conseguiram arrombar a porta de ferro, certos de que precisariam de

mais tempo, o autor das cartas tentou acalmá-la por intermédio de um breve diálogo, cada qual de um lado.

- Não conseguimos abrir a porta que a mantém confinada, solicitarei a ajuda de alguns homens que permanecem no castelo para libertá-la, portanto, peço-lhe que tenha um pouco mais de paciência, não a abandonaremos.

- Eu esperei por tanto tempo para ser liberta que o acréscimo de algumas horas não me fará diferença! - ao notar o seu súbito emudecer, indagou-lhe - O senhor continua aí? Willian foi capturado?

- Sim, eu continuo! Willian foi capturado e aprisionado no calabouço. Qual o motivo da sua preocupação? - inquiriu-a contrariado com a pergunta.

- Não se trata de preocupação! A chave, meu senhor! - disse sem rodeios.

- A que chave se refere? - o autor das cartas não atinou os seus dizeres.

- A chave da torre! Willian a carrega no bolso da calça! - esclareceu a jovem.

- Irei buscá-la! - replicou-lhe afoito, sem dúvida, a posse da chave

facilitaria o resgate e pouparia tempo.

- Eu irei! Conheço o castelo melhor do que ninguém - prontificou-se o invasor - Willian que não se atreva a me desacatar novamente.

O autor das cartas optou por esperar, convicto de que se perderia com tantas passagens secretas, sem demora, ao subir as escadas quase a rastejar degrau por degrau, o invasor retornou com a chave em mão, entregando-a ao companheiro.

- Willian se comportou feito um louco ao debater-se na ânsia de impossibilitar a minha procura pela chave, proferindo insultos, fazendo-me amordaçá-lo.

- Fez o correto, Willian não merece a nossa compaixão! - apoderando-se da chave, inseriu-a na porta, destrancando-a em advertência - Coloquemos o capuz!

Liberta, a jovem decepcionou-se defronte a imagem dos seus benfeitores.

Afinal, eles escondiam o rosto!

Agradecendo-lhes com gestos nobres, respeitou a decisão de ambos.

- Se apressem! Os nossos homens estão impacientes e exaustos a nos esperar, é arriscado continuarmos no interior do castelo por mais tempo, reforços chegarão - declamou o invasor.

O autor das cartas apanhou a mão de Alison ao cortesmente guiá-la para o lado externo do castelo, em consequência do ocorrido, a jovem não levou os pertences separados para a fuga, deixando para trás todas as lembranças tristes.

Como o determinado, um cavalo lhe foi designado, montando-o com destreza, admirou-se com o número exorbitante de homens que

fariam a sua escolta.

- Para onde iremos? - intrigada, questionou os dois homens que a resgataram.

- Iremos para a Abadia de Glastonbury! - notificou o invasor.

Ao reparar na desorientação da jovem com relação ao lugar referido, o autor das cartas acrescentou um comentário que alegraria a sua caminhada.

- Em minha última carta citei um mosteiro, a Abadia de Glastonbury é o local onde o senhor Thomas Dilaurentis aguarda o nosso regresso.

- Então, o senhor é o autor das cartas? - perguntou a jovem comovida.

- Sim! As escrevi com o coração dilacerado, queria protegê-la, mas não havia como me aproximar do castelo sem que a minha presença fosse notada. Perdoe-me por minha demora em libertá-la! - proferiu em idêntica comoção.

- Não há razões para perdoá-lo, se tudo o que fizeste foi devolver-me a vida - ao término das palavras, o invasor que ouvia atentamente a conversa a uma curta distância, depositou a mão no ombro do companheiro para que se calasse, Alison apercebeu o feito, achando conveniente agir do mesmo modo.

Ao se embrenharem pela floresta rumo a Abadia de Glastonbury, somente o trotar dos cavalos foram ouvidos.

Capítulo19

Raquel acordou com os movimentos restritos, debilitada, não distinguiu os detalhes que a rodeava, em pé, ao seu lado estava Natanael, bastando-lhe para se tranquilizar e novamente adormecer.

De volta ao passado, Alison chegou a Abadia de Glastonbury. Maravilhada diante da construção de pedras esculpida por exímios artesões, ouviu o clamor dos monges que lá residiam, supostamente a orar.

- Não tenha medo, eu estarei ao seu lado! - disse o autor das cartas, ajudando-a descer do cavalo, entregando as rédeas para um dos homens, no anseio de que o restante do caminho fosse realizado a pé.

Ao adentrá-lo, a jovem teve receio de se perder, ousando comparar o mosteiro com o castelo, embora houvesse modéstia nas

mobílias que o agregava, o piso do chão era de pedra, os diversos armários e bancos eram de madeira, conferindo ao ambiente um toque rústico.

Alison saudou alguns monges que vieram ao seu encontro, porém, o seu olhar aflito estava à procura do pai, que surgiu inesperadamente, por trás de si, sem que a jovem notasse.

- Serei eu digno de ser agraciado com um terno e caloroso abraço?

Alison virou-se, sem nada a responder, abraçando-o aos prantos, as suas dores e angústias vieram à tona.

- Minha filha, não se atormente pelo passado, estamos juntos! - em disfarce da dor, o senhor Dilaurentis agradeceu os dois homens por trazerem-na a salvo ao encaminhá-la ao quarto que lhe foi reservado.

O invasor pressionou o ombro do companheiro em impedimento.

- Pai e filha carecem de um momento a sós! Terá a sua vez!

Uma conversa foi desencadeada entre pai e filha, todas as emoções contidas e palavras nunca ditas foram expostas de uma só vez.

Ao serenar das emoções, Alison observou meticulosamente o

quarto que lhe foi cedido, transmitindo em sua simplicidade, uma atmosfera de paz, lençóis brancos e mobílias de madeira graciosamente entalhadas compunham o ambiente.

- Oh, Meu Deus! - bradou a jovem ao olhar para as suas vestimentas - Preciso de um banho, estou imunda!

- Providenciarei água quente! - garantiu o pai em menção de se retirar.

- Espere! Roupas! Eu não tenho nada para vestir! - afligiu-se ao proferir um comentário que provocou risos no pai - Recuso a me vestir como um monge.

- Não será preciso, minha filha! Abra aquela cômoda e encontrará vestidos que eu mesmo comprei ao suspeitar que essa situação pudesse ocorrer - explanou o pai pacientemente - Espero que seja do seu agrado!

- Tenho certeza que será! - Alison o abraçou em gratidão - Obrigado, papai! O senhor pensa em tudo! - ao vê-lo se retirar, abriu a gaveta da cômoda ao constatar que todos os vestidos estivessem embrulhados.

O senhor Thomas Dilaurentis possuía um gosto apurado, apesar de um tanto exagerado na quantidade ofertada.

Após o banho, o sono dominou-a por completo, sem mais se preocupar com a presença de Willian a atormentá-la, todavia, ao despertar, estarreceu-se em face do silêncio que pairava sobre a Abadia, os monges não transitavam por entre os corredores, indicando que já havia anoitecido.

Com fome, a jovem decidiu procurar a cozinha, entrando e saindo de vários recintos sem encontrá-la, desistindo da procura, achou

apropriado retornar para o quarto à espera do amanhecer, conquanto, um problema surgiu.

Em qual direção ficava o quarto?

Perdida em meio à escuridão, Alison desesperou-se, ao andar de um lado para o outro, parando ao desastrosamente esbarrar em algo.

- Machucou-se? - em demasiada preocupação, alguém a observava de longe.

- Estou bem! Quem está aí? - Alison não identificou o objeto colidido, porém, o susto maior foi a presença de um estranho.

- O seu anjo da guarda! - brincou o estranho.

- Identifique-se ou gritarei! - ameaçou a jovem.

- Não faça isso! - postulou o estranho - Não reconhece o som da minha voz? Que lástima!

- Eu creio que seja o autor das cartas! - arriscou Alison, ainda que a voz lhe trouxesse a lembrança de outra pessoa.

- Se é tudo o que reconhece em mim, sim, eu sou o autor das cartas - afirmou-lhe entristecido.

Aproximando-se do estranho, sem obter a visualização dos traços marcantes do seu rosto, indagou.

- Afinal, quem é o senhor?

Alison tocou-lhe com suavidade a face, sentindo o coração disparar, de ímpeto, o estranho segurou afavelmente as mãos que tentavam reconhecê-lo, um toque firme, porém, suave.

- Por que tenta me reconhecer? - perguntou proibindo a retirada do seu capuz.

- Porque as minhas incertezas se esvaíram neste momento - assegurou a jovem - O capuz que o encobre não me permite vê-lo,

contudo, o meu coração ao sentir a sua presença abrandou a dor da saudade. Não adianta fugir do inevitável! Eu sei quem é o senhor!

- Impossível! - o estranho tentou escapar do reconhecimento.

- As suas escritas me intuíram a acreditar que algo se escondesse por detrás das palavras direcionadas a minha pessoa. Por que tenta me enganar, meu doce Ian?

Ao vê-lo se ajoelhar perante a si, Alison derramou-se em lágrimas.

- Perdoe-me por minha covardia em não ter enfrentado Willian Turner sozinho enquanto havia tempo! Perdoe-me por tudo que sofreu e eu nada pude fazer para atenuar as suas dores e enxugar as suas lágrimas! Perdoe-me! Perdoe-me!

Alison ajoelhou-se do mesmo modo, silenciando-o com um beijo, dizendo-lhe quase a sussurrar em seu ouvido.

- Não se culpe! Eu admito ter passado por duras provas que me tornaram uma mulher destemida, a ingenuidade de antes não habita o meu ser. Reconheço o seu sofrimento ao arriscar a sua vida por mim, Willian o sentenciou ao enforcamento, assegurando-me que de fato a sua ordem havia sido concretizada - um suspiro a fez pausar - Um milagre surgiu perante os meus olhos ao receber-te novamente em meu coração, dado que ninguém possua o acesso que somente ao senhor pertence. O seu amor ajudou-me a superar as dores. Lembrar-me do seu sorriso era como se Deus me presenteasse todos os dias com a dádiva da sua existência.

- Como pode me dizer tão belas palavras de amor se ainda sinto uma terrível culpa corroer-me por dentro! - Ian achou-se indigno de merecê-la.

- Não se torture, morreria se ousasse enfrentar Willian sozinho e o

fato de ter pertencido a outro homem... - Alison interrompeu a sua fala, martirizando-se por não possuir a pureza de outrora.

- Amarei-te até o fim dos meus dias - Ian retribuiu-lhe o beijo - Deixemos as nossas tristezas no passado que de nada acrescentará de positivo em nossas vidas, eu estou ciente de que levará um tempo para esquecer todo mal ocasionado por Willian, no entanto, estarei sempre ao seu lado para apoiá-la no que for preciso. Não a perderei novamente! - Ian levantou-se, puxando-a pelo braço - Venha!

- Para onde o senhor me levará? - indagou Alison.

- Continuará a me chamar de senhor? - Ian fingiu austeridade.

- Desculpe-me! Apenas Ian! - acanhou-se a jovem.

- Assim está melhor! - zombou-lhe descaradamente - Eu a levarei para o lado externo do mosteiro, a luz do luar nos será favorável.

Sem contradizê-lo, Alison o acompanhou segurando firmemente a sua mão, ao avistarem um banco de madeira, ambos se sentaram.

- Diga-me, Ian! Quem é o homem que o auxiliou no meu resgate?

- Alison não perdeu a oportunidade de esclarecer os fatos que a intrigavam.

- Por que me pergunta sobre ele? Quero dizer! Como foi a conversa com o seu pai? - surpreendido, Ian mudou o rumo da prosa.

- Não fuja do assunto! - insistiu a jovem.

- Numa próxima ocasião eu lhe contarei! - Ian preferia que a revelação fosse realizada na presença do próprio invasor.

- Agora! - a jovem pediu autoritariamente.

Ian conhecia a teimosia da sua amada, certo de que ela não o deixaria em paz até que a sua curiosidade fosse sanada, sendo assim, elucidou os fatos.

- É uma longa história que se iniciou após o baile de máscaras,

quando Willian decretou a minha prisão no calabouço, sem chance de uma defesa, ao ser levado para o Castelo de Doune achando que essa poderia se tornar a minha salvação. Enganei-me ao pensar dessa forma! De princípio, fui brutalmente chicoteado até sangrar por três dias consecutivos, após o feito, fui acorrentado pelos punhos, tornozelos e pescoço, o meu corpo doía devido à falta de locomoção. Eu possuo a plena convicção de que as ordens de tortura vieram de Willian, ao acaso, ouvi um dos carrascos comentar que havia

recebido uma boa somatória em dinheiro para castigar não só a mim, mas ao homem que quer saber.

- Quem é ele? Diga logo! - clamou a jovem impacientemente.

- Logo eu lhe direi! Deixe-me contar o sucedido para compreender como eu me tornei amigo deste homem - rogou Ian ao dar prosseguimento - Colocaram-no ao meu lado, acorrentado do mesmo modo, eu senti comiseração do homem que se apresentou igual a mim, barbudo, sujo e aos farrapos. Com o olhar cabisbaixo, evidenciou uma diminuta coragem de me encarar, a sua conduta assemelhava-se ao temor de um bicho acuado, os seus gestos passivos denotavam a sua fraqueza, com paciência o instiguei a comer um pedaço de pão-duro que me foi servido, os alimentos eram escassos e o homem em questão não os recebia. Só o reconheci, no dia em que ele foi chicoteado e jogado ao chão, banhado no próprio sangue ao se rastejar, sem correntes, aos prantos. Então, pela primeira vez, encorajou-se a olhar-me fixamente nos olhos ao proferir: “Perdoe-me, meu filho! Hoje eu recebo tudo aquilo que te fiz sofrer.” - Ian não controlou as lágrimas, deixando-as rolar - O ódio há tanto tempo carregado pelo homem que havia sido o responsável pela minha desgraça, esvaiu-se do meu ser. Acabei por

me enternecer ao encontrá-lo num estado pior do que o meu, a fortuna e o status social não lhe serviram para nada, ele foi traído por quem menos esperava. Um filho que não julgava existir, mas que o condenou impiedosamente a morte. Este homem se arrependeu de todas as barbáries cometidas, oferecendo-me uma nova chance de felicidade ao seu lado.

- Quem é este homem? - questionou a jovem aflita.

- O Barão Edward Murdock - Ian outorgou-lhe uma resposta direta.

- Quem? - Alison reforçou o questionamento.

- Eu já esperava por essa reação! Conceda-lhe também uma nova chance, oferte a sua amizade, garanto que não se arrependerá. Se hoje você se encontra ao meu lado e o seu pai se mantém em segurança, atribua todos os méritos ao Barão que lutou bravamente por sua libertação - orientou Ian.

- Eu o vi morto! Como escaparam do calabouço? Parece-me uma emboscada! - desconfiou Alison.

- De fato o Barão foi esfaqueado por Willian, contudo, você o viu desfalecido e não morto. O Padre Duncan nos ajudou a escapar, ele foi convocado pelo Duque de Albany a comparecer no calabouço na alegação de que um dos prisioneiros desejasse a sua confissão antes do enforcamento, reconhecendo o Barão assim que o viu. Eu acredito que o Duque esteja por trás da nossa invasão, consentindo a nossa fuga, pois não houve um novo decreto para comandar a nossa captura. O Barão Murdock guarda este segredo a sete chaves, porquanto, eu o respeitarei e não insistirei na verdade, basta-me a sua palavra!

Alison necessitava de um tempo para assimilar as recém-informações, por sua vez, Ian facultou-lhe este tempo, ao dar por encerrada a conversa.

No intuito de se recolher, Ian a conduziu ao quarto, entretanto, os seus planos mudaram, um clima convidativo o fez desfrutar um pouco a mais da companhia da sua amada.

De modo a não lhe causar constrangimento, retornou ao seu quarto antes do despertar da alvorada, levando consigo a vivência de um amor em toda a sua plenitude.

Capítulo20

O retorno de Ian Campbell e do Barão Murdock associado ao temor de que Willian Turner fugisse da prisão, abalaram as estruturas emocionais da jovem que teve os pensamentos dispersos por via de um barulho.

Com a curiosidade aguçada, decidiu bisbilhotar.

Alison trajou-se belamente ao optar pelo branco, um modelo discreto que deixaria os ombros à mostra, cingindo uma faixa roxa de cetim em sua silhueta, prendendo os cabelos com uma faixa da mesma tonalidade, atestando mais uma vez a sua humilde procedência de camponesa.

Sorrateiramente, nas pontas do pé, Alison atreveu-se a espiar os monges que concentradamente preparavam o desjejum matinal.

- Enfim, eu achei a cozinha! - pensou em voz alta.

O cheirinho do pão assado restaurou a fome da noite anterior, o seu estômago doía e a sua boca começava a salivar.

Um dos monges, o mais velho de todos, notou a sua presença, enrubescendo-a perante os demais que trabalhavam com afinco.

- Bom dia, senhorita! Aproxime-se, por favor!

- Bom dia, monge! - saudou-lhe a jovem.

- Eu presumo que esteja com fome, não se alimentou desde a sua chegada. Experimente e diga-me se o aprecia! - ciente de que o desjejum demoraria a ser disposto na mesa, o monge serviu-lhe um generoso pedaço de pão.

- Delicioso! - elogiou a jovem - Há tempos que eu não saboreava um pãozinho caseiro, ainda mais, feito por mãos abençoadas.

- Grato! - o monge expressou a sua satisfação - Quer nos ajudar?

- Eu posso? - indagou a jovem ao erguer ambas as sobrancelhas.

- Sim! Verá que as suas mãos são tão abençoadas quanto às nossas - gabou-se o monge.

Empolgada, Alison colocou um avental, alguns monges observavam a aprendiz que se esforçava para moldar os pãezinhos, os mais animados ajudaram-na mediante a sua dificuldade, todos festejavam, essa havia sido a primeira vez que uma mulher além de

adentrar no mosteiro, os ajudava sem nenhum embaraço ou pretexto de se sujar.

Alison se divertia, os tratando com igualdade.

Os monges tinham a cabeça raspada, simbolizando a renúncia da vaidade e da castidade, trajavam um hábito castanho com capuz e sandálias em couro cru, possuíam como princípios básicos a humildade, a simplicidade e a justiça, os seus trabalhos eram

manuais ao reservarem com assiduidade um tempo para as suas orações.

Ao término do preparo dos pães, bolos e biscoito, Alison os ajudou a organizá-los sobre uma imensa mesa retangular de madeira, com um só banco nas laterais, de mesma proporção, não dispondo de toalha para enfeitá-la, somente facas para o corte dos alimentos, pratos e xícaras de barro, confeccionados artesanalmente pelos próprios monges.

O leite de cabra e os ovos eram retirados dos animais que possuíam numa área restrita do mosteiro, deduzindo-se que tanto os queijos como a manteiga fossem igualmente produzidos pelos monges.

A mesa estava farda, os monges garantiam que nada faltasse para os visitantes, que durante a permanência em suas instalações contribuíam da forma desejada, dinheiro não era aceito, portanto, traziam os alimentos e os animais.

Alison sentou-se ao lado dos homens que a resgataram, ao evidenciarem o seu acanhamento, os monges cederam um lugar junto a eles.

O senhor Dilaurentis juntou-se ao grupo com um pequeno atraso,

ao avistar a filha, acenou-lhe em silêncio, em respeito aos monges que consideravam a hora das refeições um evento sagrado.

Ian e o Barão Murdock não compareceram ao desjejum, Alison entristeceu-se, entretanto, os monges eram tão animados ao narrarem as suas histórias, que um belo e contagiante sorriso foi arrancado do seu semblante.

Após se fartarem, a jovem novamente os auxiliou, desta vez, ao lavar a louça suja, ao findar da tarefa, procurou o pai para conversar, posto que ele a esperasse do lado externo do mosteiro.

Ao sentir a sua presença, mesmo sem visualizá-la, enunciou.

- Sei que Ian se revelou, contando-lhe o ocorrido no Castelo de Doune, durante o seu aprisionamento, como sei também, que lhe contou que o Barão Murdock está vivo e se tornaram grandes e inseparáveis amigos. Difícil de acreditar! - virou-se ao beijá-la na testa - Bom dia, minha filha!

- Bom dia, papai! Por que não me confidenciou a verdade no instante do nosso reencontro? - indagou a jovem ao mordiscar o lábio inferior.

- Prometi a Ian dar-lhe tempo para que ele mesmo o fizesse. O próprio Willian foi pego de surpresa ao constatar que os mortos viviam - relatou o pai.

- Eu queria ter visto a cara de Willian no momento da sua captura. Deveriam matá-lo ao invés de capturá-lo. Deus conferiu-lhes a chance do qual Willian não daria a ninguém, aliás, nem a mim Deus poupou - disse a jovem sem pensar.

- Não blasfeme minha filha! Não coloque Deus em seus

julgamentos, o seu sofrimento veio pelas mãos de Willian Turner - vociferou o pai para que a jovem não aprisionasse o seu coração na amargura - Alison, conheço a sua índole, o seu coração e garanto que dentro dele não habita o ódio que tenta alegar. Estou ciente que sofreu nesta vida mais do que eu possa imaginar, portanto, não tente me enganar ao dizer que tudo está bem. Se me fosse permitido, eu arrancaria do seu coração todas as mágoas e conviveria com elas pelo resto da minha vida, mas eu não posso. Perdoe o Barão

Murdock por todo mal ocasionado, só terá a libertação da sua alma e uma vida feliz, se assim o fizer. Deveras, eu o odiei, o amaldiçoei por arrancar-me a única felicidade. Você! Asseguro-lhe que esse sentimento não habita mais o meu ser, afeiçoei-me ao Barão, por vezes, ele me pede conselhos, o seu caráter foi moldado e inacreditavelmente, hoje eu colocaria a minha vida em suas mãos ao piamente acreditar na sua transformação.

- Perdoe-me, meu pai! Blasfemei o nome de Deus impensadamente, se hoje eu estou livre, é graças a sua intervenção - Alison demonstrou o seu arrependimento.

O pai brindou-lhe com um terno abraço, afastando-a, denotou o súbito desejo de lhe dizer algo, porém, teve medo da sua reação.

A jovem desconfiou do seu nervosismo, como forma de auxiliá-lo a iniciar o assunto que aparentava ser de suma importância, o instigou.

- Quer me dizer algo? Papai não se preocupe comigo, eu prometo ser forte!

- Ian partiu numa importante missão, não houve tempo para despedidas. Em breve regressará! - aflito, o senhor Dilaurentis não expôs a razão que realmente o preocupava, ou seja, a garantia de que

Ian voltasse vivo.

Alison não se conformou com a atitude do amado, e como o prometido, o pai não revelaria a verdade até o seu retorno.

Dois meses se passaram, sem notícias de Ian.

Alison trancou-se em seu quarto, saindo apenas quando o pai insistentemente a convidava para juntos caminharem pelos arredores da Abadia de Glastonbury com a finalidade de retirá-la da solidão imposta a si mesma.

Não suportando a ausência de Ian, obstinada pela verdade, o indagou.

- Eu pressinto que no anseio de me proteger o senhor me esconde algo, estou certa? Por favor, conte-me a verdade sobre Ian!

- Sim! - coçando a cabeça, o senhor Dilaurentis elaborava um modo de contar-lhe o agravante que tanto o preocupava, sem abalar ainda mais as suas emoções, contudo, isso seria impossível, a jovem teria que suportar um novo sofrimento em sua vida, sem mais esconder a verdade, revelou - Ian foi gravemente ferido!

- Houve um tremendo equívoco! - contestou Alison - Ian está bem! Decerto o confundiram com outro homem.

- Ouça-me! A informação veio de uma fonte segura, ao certo, não saberei dizer a gravidade dos seus ferimentos, eu lamento! - sensibilizou-se o pai.

- Diga-me que não é verdade! Diga-me, por favor! - a jovem relutou em aceitar a sua desventura.

- Eu não posso! - replicou puxando-a para si, oferecendo-lhe o amparo fraternal carecido no momento.

- O que aconteceu? - inquiriu Alison aos prantos.

- Antes de partir, Ian bateu na porta do meu quarto, notificando-

me que um dos homens que ajudou no seu resgate lhe havia outorgado um importante informe - respirando de modo a puxar o ar que lhe faltasse nos pulmões, anunciou - Willian Turner fugiu do calabouço!

- Como realizou essa façanha? Alguém o ajudou? Quem seria? - Alison tentava encontrar um culpado, precipitando-se nos detalhes - Onde Ian se encaixa nessa história?

- Acreditamos que Willian tenha subornado os soldados para facilitar a sua fuga, visto que os mesmos não se encontrassem a postos. Quanto a Ian! Ele me confidenciou radiante de alegria sobre o reencontro que tiveram, no entanto, em cumprimento do dever, regressou com o Barão Murdock ao castelo. Willian armou uma cilada, feriu e capturou Ian, é tudo o que eu sei! - dilucidou o pai.
- Quem foi o responsável pela informação da sua captura? Quero falar com este homem! - Alison se exaltou.
- Eu fui o responsável! - respondeu o homem ao retirar o capuz que encobria o seu rosto, numa vagarosa aproximação ao mancar com a perna esquerda cingida por uma faixa.
- O senhor! - Alison não esperava se deparar com o Barão Murdock tão cedo.
- Senhor Dilaurentis, nos permita prosear a sós por um breve instante, eu creio que existam muitas questões a serem esclarecidas - solicitou o Barão.
- Papai, não saia do meu lado, por favor! - a jovem clamou baixinho.
- Não há o que temer! Eu estarei sentado naquele banco - o senhor Dilaurentis apontou para um banco de madeira localizado a

uma curta distância - Converse com o Barão Murdock e lembre-se do que falamos!

A jovem acatou o conselho do pai, premendo os lábios, aguardou o Barão Murdock se pronunciar.

- Não será fácil convencê-la da minha mudança, portanto, não ousarei tentar. Possuo a plena consciência do quanto a fiz sofrer, não podendo exigir o seu afeto. Dou-lhe a minha palavra de que jamais a tocarei sem a sua permissão - os seus olhos carregados de lágrimas

avermelharam-se por controlá-las e não deixá-las cair, a fim de que ela não evidenciasse a sua fraqueza - Espero que um dia possa me perdoar. Em minhas orações, suplico a Deus pelo mesmo perdão. Quem sabe um dia Ele não me perdoe?

- Deus já o perdoou! - os dizeres do Barão bastaram-lhe para se conscientizar de que o seu pai e Ian estivessem certos ao seu respeito

- Não sou digna para lhe dar o perdão, Deus o fez primeiramente, sendo assim, seguirei a sua vontade!

O Barão captou a dor de Alison, uma dor fortalecida por Willian, restando-lhe o tempo e a convivência para conquistar o verdadeiro perdão.

Ao notar o clima tenso eclodido, o Barão mudou o rumo da prosa.

- Queria falar com o homem que trouxe as informações sobre a captura de Ian, pois aqui estou! Pergunte-me o que quiser

Preocupada, Alison perguntou-lhe o que de fato queria saber.

- Como Ian foi capturado?

- Ao recebermos o informe da fuga de Willian Turner, retornamos ao castelo para atestar a veracidade dos fatos e para o nosso infortúnio, Willian não só havia escapado como subornado os soldados, ofertando-lhes uma generosa somatória em dinheiro no

intuito de se livrar das correntes que o prendiam no calabouço. De longe presenciei Willian a duelar com Ian, enquanto eu e os meus homens nos defendíamos dos soldados que nos atacavam em número relativamente maior que o nosso. Não regressamos de imediato porque eu intuí que Willian anelasse uma oportunidade para nos seguir, e se inadvertidamente o fizéssemos, colocaríamos em risco a vida de todos no mosteiro, em especial, a sua. Insanamente Willian quer possuí-la como o seu triunfo final, por isso nos escondemos na

floresta até a presente ocasião. Contemplei o corpo de Ian estirado ao chão, sinceramente, eu não saberei dizer onde ele foi ferido, tampouco, se sobreviveu ao ataque. Assim que me retirar, convocarei os homens que estiverem dispostos a lutar em retorno ao castelo, com o propósito de resgatá-lo, não o deixarei nas mãos daquele que deveria ser considerado um filho - transtornado, o Barão se deixou dominar por pensamentos negativos, involuntariamente uma única lágrima rolou por sua face amargurada diante da traição de um ser gerado num momento sublime de amor, entre ele e Megan Chisholm

- Eu não o ajudei a escapar, porque me encontrava distante do local onde o seu corpo havia caído, posteriormente a gravidade do ocorrido, soldados ao comando de Willian o levaram para o interior do castelo. Se eu e os meus homens nos precipitássemos a resgatá-lo sem uma estratégia de ataque, seríamos todos capturados e nada poderíamos fazer por Ian. Perdão se me acovardei! Eu não tive escolha! Optei pela vida dos muitos homens feridos que morreriam se não nos retirássemos.

- O senhor foi extremamente corajoso e benevolente ao salvar a vida dos seus homens. Fez a escolha certa! Confio no senhor! Eu sei que resgatará Ian e o trará em segurança! - afirmou ao enxugar com

as pontas dos dedos o rosto do Barão, umedecido pela única lágrima escorrida, uma ação cordial que simbolizou o seu perdão sem pronunciá-lo em palavras.

- Eu prometo não desapontá-la! - comovido com a sua espontaneidade, o Barão despediu-se - Reunirei os meus homens imediatamente. Adeus, minha querida!

- Espere! O senhor está ferido! - Alison apontou um fato evidente na sua perna.

- Os monges providenciaram a assepsia e o curativo da minha lesão, não se preocupe, eu ficarei bem - agradeceu-lhe ao se retirar.

O Barão sentiu uma estupenda sensação de paz, como se parte do seu martírio dependesse do perdão da jovem, estranhamente, ela sentiu o mesmo.

Alison o viu partir, desejando sorte em sua missão de resgate, juntando-se ao pai, relatou a cordialidade com que foi tratada pelo Barão Murdock e a ansiedade que haveria de suportar a espera do seu retorno, ao trazer consigo, o seu amado Ian, na esperança de encontrá-lo com vida.

Capítulo 21

Os dias se delongaram a passar para a jovem que desde a partida do Barão se manteve alerta a qualquer ruído que se assemelhasse ao trotar de cavalos.

O seu pai e os monges faziam o possível para entretê-la, convidando-a para participar dos afazeres do mosteiro, alguns ela aceitava, outros não.

Num certo dia, Alison ajudou o monge que a ensinou a sovar o pão ao varrer o gramado repleto de folhas secas trazidas pelo vento, alarmando-o ao lançar-se de joelhos no chão, num choro compulsivo.

- Por que o seu coração transborda a tristeza pelos olhos? - inquiriu o monge.

- Se passaram cinco dias e nenhuma notícia chegou ao mosteiro. Tenho medo! - desabafou a jovem.

- Do que tem medo?- indagou o monge.

- De más notícias! Tenho medo de que Ian não tenha sobrevivido nas mãos de Willian Turner, que decerto o torturou até o findar das suas forças, assim como o Barão Murdock e os seus homens - tremeu a jovem.

- Por que sofre precipitadamente? Não sabe ao certo o que aconteceu com estes bravos homens que partiram em busca de justiça - o monge a induziu agir com a razão e não com o coração como costumeiramente o fazia - Sofra quando obtiver uma resposta consistente em suas mãos, assim, a sua alma não se consumirá com pensamentos obscuros, de forma a abalar a sua saúde - ajudando-a se levantar, indagou - Reparei que pouco tem se alimentado, sente algum mal-estar?

- Admito que nos últimos dias eu sinta enjoos decorrentes do nervosismo. Não há nada com o que se preocupar! - garantiu Alison ingenuamente ao sorrir - Dei-me alguns instantes para me recompor que o ajudarei na finalização da tarefa!

- Perdoe-me por minha petulância! Já pensou na hipótese de uma gravidez? - desconfiou o monge ao estremecê-la por completo, deixando-a sem fala - Respire profundamente! Por que o espanto de uma gravidez? A concepção de um filho é uma dádiva com o

objetivo de abençoá-la com a sua presença angelical.

Alison rejeitou a possibilidade de uma gravidez não planejada e não desejada, ao egoisticamente pensar que perderia o amor de Ian para sempre, caso estivesse vivo, ao revelar o que ainda lhe era duvidoso.

- Impossível! Não posso estar grávida! Não desse homem! - esbravejou aos prantos - Às vezes eu tenho a sensação de que Deus quer me punir.

- Sem equilíbrio mental não haverá equilíbrio físico - aconselhou o monge - Deus não pune a sua criação. Não compreendo o ódio que habita em seu ser para rejeitar a benção de uma gravidez - confuso, balançou a cabeça.

Os monges sabiam o que lhes havia sido relatado, sobretudo, a injustiça contra o Barão ao ser traído por seu filho ao roubar-lhe o título de nobreza, o castelo e o aprisioná-lo no calabouço do Castelo de Doune após o insucesso de assassiná-lo.

Havia um reles conhecimento sobre a procedência de Ian, companheiro de cela do Barão que lealmente o ajudava a tomar posse do que lhe foi roubado, e quanto a jovem, somente que ela foi mantida como prisioneira de Willian Turner contra a vontade do seu pai o senhor Thomas Dilaurentis.

Fatos sinistros a serem desvendados por um monge que acreditava na pureza e benevolência do homem, ignorando a totalidade perversa de uma existência.

Ao notar o transtorno do monge perante a sua rejeição, Alison decidiu elucidar os acontecimentos marcantes da sua vida, omitindo os pregressos em relação ao Barão com o objetivo de evitar pósteros desentendimentos.

O monge ouviu atentamente, chocado com a crueldade vivenciada pela jovem, compreendendo o real motivo da sua rejeição.

Ao intuir que o seu conselho não obteria o poder de persuasão anelado, disse convicto da sua gravidez.

- Um Anjo do Senhor descerá a Terra, em seu ventre, uma alma abençoará, na incumbência de trilhar com exímia sabedoria e discernimento os seus desígnios, brindando-lhe com o seu amor - ao

notar a inquietação da jovem, finalizou - Não deixe que o rancor a cegue para o milagre da vida que está prestes a conceber.

A jovem terminou a tarefa receosa quanto às últimas palavras do monge, sem nada a dizer.

O monge respeitou a sua decisão, aguardando a confirmação da gravidez como se fosse um segredo a ser desvendado.

Ao decorrer de dois meses, a saúde de Alison agravou-se, os sintomas de uma gravidez foi atestado, contudo, associado a sua extrema debilitação ocasionada pelo envenenamento do arsênico que permanecia em seu corpo.

O senhor Dilaurentis, preocupado com o que viesse a lhe acontecer, se acaso houvesse complicações no parto, se opôs ao aborto, mesmo ao se assegurar de que o seu futuro neto viria de uma relação conjugal profana, sem o aval de Deus.

A jovem recebeu o apoio do pai, em especial, dos monges que inocentemente festejavam a chegada de um novo membro entre eles.

Com tanto carinho ao seu redor, Alison afastou de si as sombrias recordações, amando incondicionalmente aquele ser que se encontrava em seu ventre.

Na Abadia de Glastonbury o silêncio imperou.

Ninguém ousava mencionar o que de fato teria acontecido com Ian Campbell, o Barão Murdock e os seus homens, alguns já os consideravam mortos, enquanto outros, prisioneiros de Willian Turner.

Alison agarrou-se na esperança de que Ian permanecesse vivo, ao temer o seu desprezo em virtude da sua gravidez.

Em seu quarto, Alison escutou uma gritaria advinda do lado externo, curiosa, dirigiu-se até a porta, abrindo-a sorrateiramente, ao

espiar pela fresta, assustou-se com o alvoroço dos monges que corriam de um lado para outro.

- Será que o mosteiro foi invadido? - indagou em voz alta.

Ao fechá-la, o seu pai a bateu violentamente, pasmando-a ao entrar sem o seu consentimento, euforicamente a bravejar.

- Minha querida, venha logo! Os nossos homens estão de volta.

- Todos eles? - perguntou-lhe em estremecimento.

- Ainda não os vi! Eu irei ao encontro deles para me certificar se Ian e o Barão regressaram - ao notar a sua estranha reação, cogitou - Não deseja revê-los?

- Ficarei aqui e aguardarei o senhor me trazer as boas notícias - disse a jovem ao acariciar a sua barriga que ainda era pouco evidenciada.

- Deixe de bobagem, minha filha! - ao mirá-la nos olhos, declamou - Ian a ama verdadeiramente, a sua gravidez não será empecilho para a felicidade de ambos.

- O senhor está certo! Eu irei! - Alison ajeitou o seu vestido turquesa levemente amarrotado, passou as mãos nos seus cabelos emaranhados, seguindo o pai sem pestanejar.

O senhor Dilaurentis estava coberto de razão, se Ian estivesse

vivo e a amasse como salientava em suas declarações, não se oporia a gravidez, uma vez que não havia atribuído importância ao ato consumado do seu hipotético casamento com Willian Turner.

Encorajada, Alison caminhou de cabeça erguida não havendo razões para se envergonhar, posto que ela fosse vítima das circunstâncias.

- Quase todos retornaram! - revelou um monge ao pular de alegria.

A jovem e o pai andaram entre os homens feridos, porém, nenhum vestígio do paradeiro de Ian foi encontrado.

- Ele não está aqui! Ele morreu! - transtornada a jovem desfaleceu nos braços do pai que a conduziu apressadamente para o quarto.

Ao depositá-la sobre a cama, acariciou o seu ventre, sussurrando ao ouvido.

- Seja forte! O meu neto precisa de você!

Deixando-a descansar na companhia de alguns monges que presenciaram a cena, retirou-se no intento de prestar solidariedade aos bravos homens.

Desolado, não se deixou abater, ao avistar um dos soldados acordado, indagou.

- Onde estavam? Como escaparam? Pode-me informar se Ian Campbell está vivo?

Ao segurá-lo pelo braço, o soldado iniciou a reconstituição dos fatos.

- Partimos com a missão de resgate, no entanto, Willian Turner nos esperava. Decerto fomos delatados! Capturou-nos sem que pudéssemos reagir! - exaltou-se inconformado com a suposta traição dos comparsas - Estávamos confinados no calabouço por todo esse

tempo, todavia, houve um motim, não detenho o informe da real ocorrência que motivou toda a agitação. Creio que os prisioneiros que não faziam parte do nosso grupo se rebelaram devido à escassa alimentação que nos era servida - ao tropeçar nas próprias palavras, exausto, faminto e ferido, deu continuidade ao relato em lágrimas - Aproveitamos a oportunidade, nos juntamos aos prisioneiros e ao unirmos forças, vencemos os soldados inimigos que faziam a guarda.

E aqui estamos a salvo! Quanto a Ian Campbell, a última vez que o vi, estava imerso em sangue, debilitado demais para fugir.

O senhor Dilaurentis não sabia como transmitir a triste notícia para a filha, a sua intenção de auxiliar os homens feridos ficou em segundo plano, deixando que os monges se encarregassem da árdua tarefa, distraído, levou um bom tempo para ouvir o chamado insistente.

- Senhor Dilaurentis! Senhor Dilaurentis! Senhor Thomas Dilaurentis.

Ao localizar a voz em meio o aglomerado de homens, proferiu cortesmente.

- Estou feliz por revê-lo, embora os seus ferimentos me causem arrepios.

- Ferimentos de guerra! - zombou o homem, ciente da sua gravidade - Onde está à senhorita Alison? Por que não veio nos recepcionar?

- Alison não suportou vê-los feridos, ao meu pedido, recolheu-se no quarto - argumentou sem a pretensão de inventar mentiras.

- Agiu certo! - concordou o homem ao receber os cuidados de um monge.

- Espere! Deixe que eu faça! - interrompendo a tarefa do monge, Alison surgiu para surpresa de todos - É maravilhoso revê-lo, Barão Murdock!

Um sorriso brotou na face sofrida do Barão em deslumbre.

- Não será preciso! O monge fará todos os curativos do qual necessito.

- Deixe-me cuidar do senhor, por favor! - Alison se ajoelhou, tomando o lugar do monge que foi ao socorro dos demais feridos,

sem melindres, abriu a camisa do Barão para iniciar os procedimentos cabíveis.

O senhor Dilaurentis observou boquiaberto a mudança da filha, enquanto o Barão silenciou-se, envergonhado por receber o zelo da jovem.

- Espero não tê-lo machucado? - perguntou Alison ao término dos curativos.

- As suas mãos tiveram a leveza de uma pluma - replicou o Barão.

- Pedirei aos monges que lhe dê algum medicamento caseiro a base de ervas, creio que não esteja suportando a dor - o senhor Dilaurentis intuiu a sua retirada, sem escapatória, Alison acomodou-se ao lado do Barão.

Por um breve instante os seus olhares se distanciaram, no entanto, o Barão não conseguindo disfarçar a sua inquietação, contou-lhe o sucedido, convicto de que os fatos apresentados lhe fossem dolorosos.

- Perdoe-me! Eu não pude salvá-lo, daria a minha vida por ele para devolver-lhe a felicidade roubada, mas não houve tempo.

- Do que está falando? - a jovem compreendeu, porém, não quis acreditar.

- Olhe para mim, por favor! - suplicou o Barão Murdock - Eu estou falando do Ian! Do seu Ian!

- Está com sede? - Alison desviou o assunto.

- Se eu estou com sede? Ian está morto! - o Barão foi objetivo.

- Não fale do que não sabe! - Alison o repreendeu sem fitá-lo.

- Alison, pare já com isso! Não finja a sua incompreensão - o Barão a puxou para si - Preferia estar morto ao ser o mensageiro deste fatídico acontecimento.

- Ian não está morto! Onde ele está? Diga-me, por favor! - a jovem denotou o seu descontrole emocional.

- Não faça isso consigo mesma! - o Barão segurava a jovem que enfraquecida, caiu aos prantos, não suportando a dor de uma perda definitiva.

- Como ele morreu? - inquiriu-lhe entre soluços - Eu preciso saber!

- Willian Turner não nos poupou da sua crueldade - o Barão omitiu os detalhes da tortura, seria desumano com a jovem narrar-lhe o ocorrido num momento em que a perda lhe causasse um irremediável sofrimento - Dou-lhe a minha palavra que tão logo me restabeleça, vingarei a sua morte por lealdade a nossa amizade. Honrarei o seu nome para que não seja esquecido por aqueles que o amaram em vida terrena.

De fato, Willian havia ultrapassado os limites, submetendo o rapaz às torturas diárias e ininterruptas, Ian foi chicoteado e espancado até a morte, acorrentado, foi impossibilitado de reagir à covardia do carrasco, acontecimentos que o Barão guardaria para si, almejando que a jovem tivesse em sua memória os momentos jubilosos da sua breve existência.

Um pedido de Ian Campbell, ainda no calabouço, trouxe-lhe a lembrança de uma promessa e consequentemente, do último diálogo.

- Prometa-me que se eu morrer omitirá as torturas que passei? Eu não quero que Alison se sinta culpada por minha morte, dado que eu seja o responsável por minhas escolhas, e asseguro-lhe que amá-la foi à única escolha da qual valeu a pena lutar e morrer.

- Prometo! - respondeu o Barão ao pressentir o esvair da sua vida.

- Entregue-lhe isso! - Ian retirou da bota um lenço com algo embrulhado que não foi encontrado pelos carrascos.

- O que é isso? - indagou o Barão curioso em face da modéstia do esconderijo.

- Abra-o! - clamou Ian.

- Um anel de rubi! - atônito com a preciosidade carregada, perguntou-lhe - Um presente para Alison?

- Mais do que isto! É um anel de noivado - comovido, o rapaz derramou-se em lágrimas - Em meu retornou a Abadia de Glastonbury, pretendia pedir a sua mão em casamento.

- Entregue você mesmo e a peça em casamento - sugeriu o Barão ao crer que o tempo lhe fosse escasso, mas o suficiente para fazê-lo.

- Sinto que não sobreviverei para realizar o meu sonho. Olhe para mim! Estou morrendo! - engasgando-se com o próprio sangue em decorrência de uma intensa hemorragia, finalizou antes de fechar os olhos em sono eterno - Posso confiar no Barão para agraciá-la com uma última lembrança?

- Sim, pode confiar! - segurando fortemente as mãos de Ian, o Barão despediu-se do amigo, o único que confiou em toda a sua vida. Cumprindo a promessa, voltou à realidade e ao olhar consternado

para a jovem tirou do bolso o mesmo lenço que lhe foi entregue, ofertando-a.

- Antes da sua fatídica partida, Ian pediu-me para lhe entregar isso.

Enxugando as lágrimas, Alison abriu a mão para receber o último presente de Ian, sem imaginar o que houvesse em seu interior.

Abrindo-o cautelosamente, admirou-se ao ver um anel de rubi folheado a ouro branco com algumas pedrinhas de diamantes ao seu entorno.

- Decerto Ian gastou todas as suas economias. Não posso aceitar! Ian veio de uma família humilde, encontrarei um modo de enviá-lo aos seus pais no fito de desfrutarem de uma vida digna - Alison pasmou o Barão por via da sua decisão.

- Por favor, não faça isso! - pediu o Barão - Guarde-o como a última prova do amor de Ian por você.

- O amor que nutro por Ian está em meu coração. Ele almejaria que os seus pais fossem amparados, portanto, eu o farei em sua honra - replicou a jovem.

- Não o faça, eu suplico! Eu os encontrarei e os ajudarei no que for necessário - garantiu o Barão.

- Sinto que desaprova a minha vontade, por quê? - contestou a jovem.

O Barão encorajou-se a dizer o que dilaceraria ainda mais o seu coração.

- Eu seria desleal com Ian se escondesse a verdade.

Um desespero dominou a jovem fazendo-a estremecer, já sofria

com a morte de Ian, não imaginado o que mais poderia agravar a sua dor.

O Barão conteve as lágrimas, certo de que a jovem precisaria da sua força para prosseguir com o destino que lhe foi traçado.

- Ian desejava lhe presentear com o anel de rubi em seu regresso a Abadia de Glastonbury, fatidicamente, não foi possível - olhando-a com ternura, declarou - Este anel simbolizaria um pedido de casamento.

O descontrole emocional da jovem alarmou o Barão.

Nem mesmo o senhor Dilaurentis que havia retornado com o medicamento em mãos foi capaz de segurá-la.

Somente o monge que sempre a orientava, acalmou-a com a sua fala tênue.

- O que disse? - o senhor Dilaurentis fitou o Barão em desaprovação.

O Barão repetiu a sua narrativa, não havendo desavenças entre ambos, posto que tudo fosse uma questão de tempo para que o fim trágico de Ian viesse à tona.

Alison foi levada ao quarto pelo monge, a sua fragilidade perante a gravidez era evidente, porquanto, caberia a ela tomar a iniciativa de contar ao Barão, fato este que não demoraria, em virtude do gradual crescimento da sua barriga.

Capítulo22

Um chamado despertou Raquel que de súbito abriu os olhos.

- Raquel! Acorde, meu amor! - embora ouvisse com nitidez a voz de Natanael, nada avistou ao seu redor - Tenha cuidado, a sua vida corre perigo!

De andar cambaleante, dirigiu-se até porta, constatando que a mesma estivesse trancada, não havia energia elétrica no recinto, ao ser clareado pela luz do luar.

Persistentemente bateu na porta, as suas frágeis mãos doíam, Raquel cogitou desistir quando de repente um barulho proveniente do lado externo lhe atribuiu à esperança de que alguém viesse em auxílio.

- Volte para a cama e finja o seu adormecer - aconselhou Natanael.

- Onde você está? Não o vejo! - desnorteada, Raquel não atinou o ocorrido.

Ao ser arremetida a lembrança de Stonehenge, passou as mãos pelo corpo não evidenciando ferimentos, assimilando o óbvio: “Natanael morreu para salvá-la, isso explicaria o motivo de não visualizá-lo”.

Lágrimas mistas de tristeza e dor rolaram por sua face, restando-lhe saber onde de fato estaria confinada.

- Pode me ouvir? - Raquel comunicava-se com o espírito de Natanael.

- Faça o que eu lhe disser e poupe a sua vida para que a minha morte não tenha sido em vão. O senhor Grant aprisionou-a neste quarto, não o deixe perceber que as suas forças se reintegraram, precisará delas no momento da sua fuga - a sua voz exprimiu o sofrimento da alma por vê-la cativa do homem que o torturou e o matou numa vida pregressa.

Após o desencarne, Natanael teve percepções do passado, diferente de Raquel que os tinha em devaneios.

Raquel seguiu o conselho de Natanael, fingindo o seu adormecer. Ouvindo o destrancar da porta, sentiu a presença de uma pessoa a

contemplá-la, após a sua saída, abriu os olhos, certificando-se que o senhor Grant havia deixado uma bandeja com alimentos na soleira da porta, furiosa, pensou em voz alta:

- Agora eu serei tratada como um animal ao alimentar-me no chão!

Com fome, a jovem sentou-se ao lado da bandeja, pouco se importando com o que teria acabado de cogitar.

- Pare! - ordenou autoritariamente o espírito de Natanael - Beba a água e coma as frutas frescas.

- Isso não saciará a minha fome - Raquel sentiu o aroma e o vapor quente dos alimentos, sem identificar o que de fato seria, colocou uma farta garfada na boca, cuspindo-o em seguida ao visualizar a manifestação espectral de Natanael.

- Não seja teimosa, os alimentos estão envenenados!

Deveras, o senhor Grant havia adicionado veneno nos alimentos com o objetivo de dopá-la, evitando uma possível tentativa de fuga. Não era arsênico, e sim, tranquilizante, algo aparentemente nocivo, porém, de efeito prejudicial à saúde se utilizado de maneira abusiva.

Raquel afastou a bandeja, olhando-o estarrecida.

Era difícil para Natanael aceitar a sua nova condição de vida como um espírito a vagar pelo mundo dos vivos sem tocá-la ou confortá-la em seus braços.

- Nem sempre eu poderei me apresentar desta forma, enfraqueço-me a cada manifestação, terá que se contentar com o som da minha voz.

- Perdoe-me por não ouvi-lo! Eu creio que seja aceitável ingerir

os alimentos envenenados ao prolongar a minha vida sem amor - desabafou Raquel.

Natanael havia dissipado muita energia, precisava se recompor, tencionando a observá-la de longe no fito de protegê-la, sem deixar que a sua presença fosse notada, sendo breve em suas explanações.

- O meu tempo é restrito, portanto, ouça-me com atenção! Deus traçou-me um destino, porquanto, fui o responsável por minhas escolhas, dentre elas, optei em dar a minha vida em troca da sua para

que não a desperdiçasse com pensamentos infames. A vida é o seu bem mais precioso, lute por ela! As dificuldades surgidas em seu caminho terão a finalidade de testar a sua fé em Deus, não o desaponte! Em breve, não estarei presente ao seu lado como o faço agora, no instante em que estiver a salvo, farei a minha travessia para o Plano Espiritual, necessito fazê-la para que o meu espírito evolua com os aprendizados de minha última encarnação, desvencilhando-me das más energias obtidas durante esta mesma jornada. Por favor, não cometa sandices em minha ausência... sinto-me fraco! - Natanael se dispersou pelo ar como uma nuvem de fumaça azul - Alimente-se das frutas, asseguro que não lhe farão mal.

Seguindo as suas instruções, a jovem apanhou somente as frutas, satisfazendo-se em poucos minutos perante a voracidade com que os deglutia.

Absorta em pensamentos ironizou o destino, agregado ao estranho fato de não temer a manifestação de um espírito, lembrando-se da sua infância, precisamente, dos seus pais que possuíam o hábito de contar histórias sobre os espíritos bons que transitavam na Terra com o propósito de nos auxiliar, detendo a sapiência dos espíritos traiçoeiros que sempre estarão no nosso

encalço para nos atrapalhar.

Um barulho foi ouvido, a jovem correu para cama ao feito de simular o seu adormecimento, o senhor Grant adentrou o quarto ao avistar a bandeja sem as frutas, aproximando-se, sacudiu-lhe bruscamente na ânsia de acordá-la, sem escapatória, abriu os olhos como se ainda estivesse sonolenta.

- O que há? Onde estou? Estou zonza! Não me sinto bem! - como uma exímia atriz, a cena foi convincente.

Convicto da sua desorientação mental e enfraquecimento, o senhor Grant se retirou com a bandeja em mãos, contrariado pela comida que não foi mexida ao deduzir que não fosse prudente forçá-la na ingestão de alimentos preparados com tranquilizantes, uma vez que já se encontrasse amortecida.

Ao vê-lo sair, Raquel correu até a porta na esperança de que a esquecesse de trancar, todavia, o seu carrasco não cometeria o deslize de deixá-la escapar.

Natanael testemunhou a sua dor, deixando-a expor os seus sentimentos através das lágrimas, as suas energias não eram suficientes para ampará-la.

No entanto, havia outro espírito no quarto, aguardando a hora oportuna para agir, Natanael notou a sua presença sem a nada mencionar.

- Raquel! - inesperadamente, esse mesmo espírito decidiu se comunicar.

- O que quer de mim? - assustou-se a jovem.

- Da última vez que nos falamos não havia temor em suas palavras. Tem medo de mim? - retrucou o espírito.

- Eu tenho medo do desconhecido, o seu espírito nunca se revelou

a mim, o vejo apenas como um vulto - Raquel olhou ao seu redor a procura de Natanael sem localizá-lo - Por que sempre me orientou a não pisar em Stonehenge?

- Porque as lembranças ruins a abalariam e o pior estaria por vir. Eu acredito que fui sensato em minhas intuições, o espírito de Willian Turner retornou para persegui-la e dessa vez eu lhe garanto que não saíra impune - afirmou ao indagar-lhe - Está emocionalmente preparada para me ver? - sem resposta, acrescentou

- Natanael está ao seu lado, ele não possui os fluídos para se manifestar, decerto não deixará que nada de mal lhe aconteça - o espírito conhecia a sua forte ligação com Natanael, dessa forma, ao citar o seu nome, recebeu o seu aval.

- Vovô Antunes, por que não disse que era o senhor? - Raquel se pôs a chorar.

- A forma manifestada é da minha última encarnação, a vida da qual tivemos uma afinidade mútua, em que aprendemos a lidar com os nossos sentimentos - proferiu ao denotar imediato da sua outra forma.

- Não pode ser! - Raquel não acreditava na sua transformação.

- Reencarnamos com o propósito de aprendermos com os nossos erros, pois nos encontramos num mundo expiatório, eu terei outras vidas em meu processo evolutivo para o resgate dos meus débitos com Deus, no anseio de me tornar um espírito puro e evoluído. Uma longa jornada a ser traçada! - esclareceu o espírito.

- O senhor tem razão! - contentando-se com a encarnação pregressa que lhe foi ofertada a recordar, interrogou-lhe em tom brincalhão - Como eu deverei chamá-lo de agora em diante: Vovô Antunes ou Barão Murdock?

- Me chame da forma que lhe for conveniente, eu sei que será enunciado com carinho - o espírito alegrou-se em face da sua aceitação, demonstrando que não havia rancor em seu coração.

- Então, eu o chamarei de vovô Antunes! - declarou entre sorrisos

Raquel ignorava o fato de haver uma explicação para as suas visões, em que não se baseava no ato de desvendar os personagens da sua outra vida, de maneira inconsciente ela pagava uma parte dos

seus débitos reencarnatórios, considerados imprescindíveis para a evolução do espírito.

Capítulo23

Duas semanas de aprisionamento, sem nada que a fizesse olvidar do seu triste infortúnio, não suportando a torturante solidão e os fingimentos executados a fim de enganar o senhor Grant em relação ao seu real estado de saúde.

Os espíritos de Natanael e do seu avô aparentavam não estar presentes, embora permanecessem numa mesma sintonia.

Chateada, questionou em voz alta.

- Natanael, por que mentiu ao dizer-me que permaneceria ao meu lado?

A resposta não surgiu de imediato, sem esperança de uma comunicação, surpreendeu-se com um sussurrar em seu ouvido, arrepiando-a.

- Permaneço ao seu lado, assim como o seu avô, apenas não nos manifestamos em espectro para que possa nos ver.

- Por que o silêncio? - questionou-o novamente como forma de abrandar os seus temores - Eu me sinto tão sozinha... desamparada...

- Raquel, a nossa ausência não foi para entristecê-la, e sim, para que tomasse a iniciativa sem a nossa intervenção. O seu avô possui a sabedoria espiritual que eu desconheço, realizou a travessia, portanto, como um espírito iluminado recebeu a dádiva de retornar a Terra para auxiliá-la. Ensinou-me que eu não posso interferir em seu livre-arbítrio, pois Deus nos concedeu a liberdade de escolha para usá-la com discernimento a fim de traçarmos o nosso destino.

- Não compreendo! O que eu devo escolher? - afligiu-se a jovem.

- Compreenda que ao usar a sua liberdade de escolha, comandará quase que automaticamente as suas porvindouras ações. Não concretize nada que a faça se arrepender, um passo errado pode gerar consequências irreversíveis para o resto da sua vida. Por favor, não ignore os meus conselhos, isso é tudo o que eu tenho a lhe dizer! - finalizou Natanael.

Raquel atinou que deveria ter precaução ao fugir, sem cometer a prática de qualquer ato ilícito, no mesmo instante, lembranças do passado lhe vieram à mente como flashes de um filme, fazendo-a refletir sobre a conduta de Alison que poderia ter assassinado Willian

durante a sua enfermidade, alcançando a sua liberdade, contudo, por solidariedade ao próximo não o executou, sentenciando-se as monstruosidades do seu algoz.

Raquel ponderou agir do mesmo modo em relação ao senhor Grant, ainda que o desejo de pular em seu pescoço e esganá-lo fosse descomunal, todavia, conteria os seus impulsos para não carregar a culpa e o arrependimento de tirar uma vida.

De repente, passos foram ouvidos do lado externo, desta vez, Raquel, munida de força e encorajada por Natanael decidiu não mais fingir a sua debilitação.

Ao adentrar o quarto e mirá-la sentada na cama, o senhor Grant não escondeu a sua perplexidade ao vê-la encará-lo com tanta disposição, sem ação, tencionou fechar a porta, no entanto, a jovem precipitou-se ao dizer.

- Por quanto tempo me aprisionará neste quarto escuro?

- Pelo tempo necessário! - respondeu-lhe rispidamente.

- O que eu fiz ao senhor para merecer tal infortúnio? Já não basta a morte de Natanael por suas mãos? O que mais quer de mim? Se realmente planeja tirar-me a vida que o faça agora, não suporto esse tormento! - petrificado por via das suas últimas palavras, delongou ao lhe outorgar a resposta, deixando-a agoniada - Por favor, diga-me algo?

- Natanael estava em nosso caminho, por isso eu o eliminei! - bravejou sem indícios do seu remorso - A sua posição é contraditória as minhas idealizações, eu nunca tive a pretensão de tê-la como prisioneira, e sim, como uma esposa. Case comigo e eu a libertarei do seu confinamento.

- Isso é um disparate! - protestou a jovem ao se levantar e caminhar na sua direção - Quer me subjugar a sua vontade ao novamente me aprisionar.

- Fique onde está! - o senhor Grant ordenou austeramente sem a compreensão das suas palavras - Por que diz com segurança que eu a aprisiono novamente?

- Eu não sei! Disse sem pensar! - mentiu na convicção de que fosse impossível narrar os fatos da sua vida passada.

Sem lhe dar ouvidos, Raquel se aproximou do seu algoz, ao quase sentir a sua respiração ofegante, proferindo uma provocação.

- Sairei com ou sem o seu consentimento!

- Isso é um desafio? - vociferou perante a sua audácia.

- Isso é uma afirmação! - replicou sem temê-lo - Por favor, saia da porta, eu não quero te machucar!

- Me machucar? Acha mesmo que pode me machucar? Com quem pensa que está lidando? - debochou o senhor Grant.

- Com um ser desumano, medíocre e desprezível - Raquel apoderou-se de uma força sobrenatural, derrubando-o ao chão, fazendo-o perder momentaneamente os sentidos ao bater a cabeça no assoalho de madeira.

A jovem sentiu-se desorientada, a sua vista turvou-se com a claridade obtida do lado externo do quarto, evidenciando que o local se tratava de uma pequena cabana, para o seu desalento, a porta se encontrava trancada, porém, havia uma janela aberta para ventilar o ambiente que lhe serviu perfeitamente.

Ao pular, Raquel foi intuída pelos dois espíritos a seguir por uma única trilha, a cabana localizava-se em meio à floresta, sem energia elétrica e sem povoado para solicitar auxílio, a sua alternativa era

correr e correr...

- Não pare! Prossiga! - incentivava o espírito do avô ao notar a sua exaustão - Falta pouco para encontrar a estrada que a levará para casa.

Tais argumentos não surtiram o resultado desejado, a jovem permaneceu tanto tempo enclausurada, restrita a mobilidade do seu corpo que os músculos da perna começaram a tracionar, gerando-lhe

dores terríveis, sem conseguir se sustentar em pé, atirou-se sobre a grama úmida, tornando-se um alvo fácil.

- Natanael! Vovô! Não consigo andar! - agonizando em dor, Raquel suplicava pela ajuda dos espíritos.

Natanael almejou responder ao seu apelo, no entanto, foi impedido.

- Deixe-a! Raquel precisa reagir e lutar por sua vida. Passei-lhe o ensinamento de que não nos é concedida a permissão de interferir em seu livre-arbítrio - vovô Antunes reavivou a sua memória.

- Está errado! Eu não posso testemunhar o seu sofrimento de braços cruzados. Sinto a presença do senhor Grant a nos rodear, logo ele a encontrará. E se o pior acontecer? E se o senhor Grant em fúria matá-la? - Natanael teve um súbito e fugaz desequilíbrio emocional.

- Se o pior acontecer, o seu espírito reconquistará a sua liberdade e juntamente conosco, caminhará em evolução - elucidou o vovô Antunes em advertência - O seu espírito se mantém ligado à matéria, no instante em que realizar a travessia a sua percepção mudará e os aprendizados registrados em sua alma adormecida se ativarão.

Natanael voltou à razão ao aceitar e respeitar as regras impostas por Deus, em silêncio, ambos olharam para Raquel, ao murmurar

baixinho para si mesma.

- Estou sozinha! Sairei desta floresta nem que seja a me rastejar.

Lutando por sua sobrevivência, Raquel não mediu esforços ao se ferir com os galhos e pedras eclodidos em seu caminho, rastejando por alguns metros, fincou uma lasca de madeira numa das mãos. Apesar do incidente, a jovem persistiu, parando somente ao escutar o chamado do senhor Grant, ao feito de se esconder por detrás de um arbusto.

Infelizmente, Raquel foi encontrada.

Por alguns segundos a jovem cogitou que o destino conspirasse contra a sua libertação, posto que fosse impossível localizar o seu paradeiro, à vista da imensa floresta que os circundavam.

- Deixe-a em paz! - bradou Natanael interferindo na lei do livre-arbítrio.

- Você está morto! Eu o matei! - empalidecido, o senhor Grant justificava a sua miragem - Estou tendo alucinações! Não deveria ter colhido ervas na floresta! - o comentário referia-se as ervas para infusão de chá que havia ingerido minutos antes da fuga de Raquel.

Sem dar importância a manifestação espectral, o senhor Grant segurou Raquel pelo braço a fim de que se levantasse e retornasse para a cabana, conquanto, ao ser descoberta, a jovem desmaiou não presenciando o confronto sucedido.

- Eu disse para deixá-la em paz! - Natanael interferiu por mais uma vez, ao observar a censura estampada no semblante do vovô Antunes.

- Impossível! - exclamou o senhor Grant - A sua presença não me persuadirá a desistir. Ela é minha!

- Ela nunca pertenceu ao senhor - Natanael extravasou a sua

raiva.

- Não deixe que o pior dos sentimentos o domine - aconselhou vovô Antunes - Já que interferiu sem o aval de um Espírito Superior, o faça corretamente!

- Perdoe-me, eu não pude me conter! - Natanael constrangeu-se mediante a sua ação inapropriada.

Neste ínterim, os seus planos foram interrompidos por vozes advindas de uma única direção da floresta.

- Lá está ele! Pegue-o! - gritou um dos homens.

Policiais fardados com cães farejadores procuravam o senhor Logan Grant, um homem misterioso comandava a busca, informando o cativeiro da jovem.

Raquel abriu os olhos ao som do alvoroço, visualizando a aproximação de um homem com uma deficiência em sua mão esquerda.

- Você está bem? Pode me ouvir?

As suas palavras entoaram como um anjo a lhe falar, sem forças, a jovem não respondeu aos seus questionamentos.

O homem a carregou em seus braços, conduzindo-a as autoridades presentes para que fosse socorrida, após o feito, desvaneceu-se como por um encanto.

Coincidência ou não, o mesmo homem a salvou tempos atrás em Stonehenge, num dia torrencial de chuva, carregando-a também em seus braços para que fosse socorrida a tempo de um agravante em sua saúde.

O senhor Grant fugiu floresta adentro, todavia, após uma exaustiva caçada foi capturado, apesar do seu flagrante, tentou se esquivar da prisão utilizando-se de diversos subterfúgios no fito de

sair ileso contra a acusação do assassinato de Natanael Fortunato e do rapto, associado ao cárcere privado de Raquel Lamont.

Os seus argumentos não foram convincentes para as autoridades locais que tiveram o conhecimento da sua desonrosa reputação, sobretudo, em relação às infrações de ordem tributária por sonegar impostos ao governo, tudo registrado meticulosamente em sua ficha criminal, ao ser deportado para o país de origem, a Escócia, no desígnio de responder por seus crimes.

A jovem Raquel só acordou na enfermaria do hospital, na cidade de Amesbury, desorientada, não sabia a quem recorrer, no entanto, uma voz feminina serenou os seus ânimos.

- Sente-se melhor? - indagou a mulher ao beijar-lhe a fronte.

- Sim! - entristecida, mordiscou os lábios - Meus pêsames! Lamento pela perda de Natanael, juro que nada pude fazer para salvá-lo. Se Deus me concedesse uma única dádiva, eu a usaria para devolver-lhe a vida. Perdoe-me!

- O que há para perdoar? A tragédia consumou-se através da insanidade mental do senhor Grant - ao segurar-lhe as mãos, falou em desabafo - Eu creio que nada mudaria o ódio fortemente enraizado em seu ser.

- Madrinha, as suas palavras me reconfortam, ainda que eu sinta uma dor a estraçalhar-me o coração... uma dor que nunca terá cessará...

Em seu íntimo, a jovem carregava a culpa pela morte de Natanael, acreditando que se ela não tivesse dado a chance de conhecer o senhor Grant no passeio realizado na cidade de Inverness, nada disso teria acontecido.

- Raquel, arranque a tristeza do seu coração, isso lhe fará mal e

não a deixará seguir adiante com a sua vida - aconselhou à senhora Júlia.

- Natanael contagiava a todos com a sua alegria, decerto ele reprovaria a sua conduta - o senhor Manuel adentrou a enfermaria, replicando as últimas palavras da esposa.

Deveras, a tristeza era um sentimento contraditório aos princípios de Natanael.

- Retornará a Scottish Highlands conosco? - questionou à senhora Júlia em esclarecimento - Deixamos a pousada às pressas, apesar de depositarmos a nossa confiança na cozinheira, não podemos abusar da sua boa vontade em nos ajudar, sobrecarregando-a com as tarefas diárias.

- Assim que eu for liberada, apanharei as malas na pensão e voltarei com vocês - garantiu Raquel - Nada mais me importa! Nada mais me prende a este lugar!

- A sua vida e o seu futuro nos importa! - anunciou o senhor Manuel ao ser interrompido pelo médico plantonista.

O médico facultou-lhe a alta ansiada, prescrevendo alguns medicamentos e exercícios leves para o seu restabelecimento.

- Exercícios! - Raquel expressou a sua perplexidade - Doutor! Há um equívoco em seu diagnóstico, eu mal consigo me locomover sem dor, como eu poderei me exercitar?

- Os exercícios reativarão a sua circulação sanguínea, restabelecendo os seus movimentos de forma a não lhe causar mais dor - explicou o médico ao se retirar.

- A deixarei na companhia da sua madrinha - o senhor Manuel entregou-lhe uma sacola com roupas novas para que pudesse se

trocar, posto que as roupas atuais estivessem sujas e rasgadas - Aguardarei na sala de espera!

Como o combinado, Raquel foi buscar as malas na pensão, junto com o senhor Manuel e a senhora Júlia que a esperaram no carro entregue pela polícia após o esclarecimento do assassinato de Natanael, carro este que o senhor Manuel em arrependimento havia emprestado ao filho.

Em despedida, o senhor Edwin desolado com a sua partida, alertou.

- A senhorita não apanhará os pertences do... - o velho senhor não proferiu o nome de Natanael, inconformado com o trágico desfecho de uma briga iniciada na pensão, na presença do senhor Grant a desacatá-los.

- Eu me esqueci! - declarou a jovem.

De posse da chave, Raquel encaminhou-se ao quarto em que Natanael esteve hospedado, preocupado com a demora, o senhor Manuel foi à sua procura, sendo informado pelo senhor Edwin do esquecimento dos pertences pessoais do filho.

Estagnado na soleira da porta, o senhor Manuel a viu de pé, ao olhar fixamente um pequeno cartão, ciente do assunto referido, silenciou-se ao apanhar a mochila de Natanael a fim de rapidamente guardar os pertences avistados, estendendo-lhe a mão para que o acompanhasse, contendo-se para não fraquejar perante a jovem.

Ambos desceram as escadas, se despediram novamente do senhor Edwin, e ao adentrarem no carro, foram surpreendidos pelo olhar perscrutador da senhora Júlia, que por respeito não os interpelou, principalmente, ao mirar o marido pelo retrovisor, enxugando as

lágrimas que escorriam pelo rosto ao feito de colocar a mochila de Natanael no porta-malas.

O trajeto foi pacífico, assim como as paradas obrigatórias que visavam suprir as necessidades momentâneas.

Ao fincarem os pés na pousada, imersos em tristeza, atestou-se que os intensos olhares diziam mais do que as palavras pronunciadas.

Capítulo24

Os dias se tornaram amargos para Raquel.

Certo dia ao acordar, decidiu retornar para o Brasil, almejando que a distância amenizasse a dor da saudade, anunciando a sua intenção aos pais de Natanael que a incentivaram quanto ao seu regresso, cientes de que a sua estadia em Scottish Highlands lhe trouxesse mais desalentos.

A despedida dava-lhe a sensação de abandono ao lar que a acolheu com tanta brandura, entretanto, haveria de deixar a voz do coração se calar para agir com a voz da razão.

Os seus olhos refletiam a tristeza do seu ser, forçando um sorriso, encorajou-se a se despedir do senhor Manuel, o primeiro a encontrar em seu caminho.

Tencionando um breve adeus, respirou profundamente para que não houvesse desistência da sua decisão.

- Eu estou de partida! - Raquel o abraçou fortemente, virando-se à procura da senhora Júlia no anseio de se esquivar de uma despedida prolongada - Obrigado por tudo!

- Espere! - bradou o senhor Manuel impedindo-a de sair - Eu não tive coragem de lhe entregar o último presente de Natanael.

- Presente! - exclamou a jovem atordoada.

- Aguarde-me, está em meu quarto, irei buscá-lo! - pediu ao sair em disparada, retornando em poucos minutos.

O senhor Manuel espalmou a mão, abrindo ele mesmo uma minúscula caixa de veludo vermelho.

- Oh, Meu Deus! Eu não posso aceitar! Não creio que isso esteja acontecendo novamente - a jovem se afastou do presente.

- Não a compreendo! - retrucou desconhecendo os seus devaneios pregressos - Por favor, receba-o como a última prova do seu amor! Natanael me confidenciou que lhe entregaria em Stonehenge, por entre as pedras místicas, não entendi a escolha do local - ao atestar a sua expressão alarmada, prosseguiu - Momentos antecedentes ao nosso retorno a Scottish Highlands, no quarto em que Natanael havia

se hospedado, a vi segurar um cartão em suas mãos, a leitura a fez chorar - o senhor Manuel suspirou ao se recordar do episódio - Eu o ajudei na escolha do cartão, embora não saiba o teor das palavras contidas, eu o ajudei...

- O cartão está aqui! - a jovem retirou da sua bolsa, entregando-lhe a seguir.

- Eu não posso ler! - recusou o senhor Manuel por respeito a sua privacidade.

- Por favor, eu insisto! Não há nada para esconder - alegou a jovem.

Acanhado, o senhor Manuel aceitou o pedido, trêmulo em relação ao contexto, percorreu com os olhos as poucas linhas escritas.

Raquel Lamont!

Se mil vidas eu tivesse, suplicaria a Deus que mil vezes me concedesse a honra de estar ao seu lado com o sublime propósito de juntos integrarmos uma linda história de amor, ao assegurar-me que a pureza dos sentimentos que nos habita se eternizasse em nossos corações.

Do seu, e sempre seu... Natanael Fortunato.

- Por que Natanael não lhe entregou o anel?

- Não houve tempo! - respondeu Raquel.

- Eu acho que... - o senhor Manuel desistiu da sua fala com receio de ferir ainda mais os sentimentos da jovem.

- Diga logo, Manuel! Arranque de uma só vez essa dor em seu peito - encorajou a esposa ao surpreendê-los na recepção.

- Padrinho, seja lá o que for, diga-me a verdade, por favor, eu preciso saber! - a jovem ansiava a confirmação das suas intuições.

Sem desviar do assunto, contou-lhe tudo o que sabia.

- Natanael pediu a minha autorização para ir ao seu encontro em Stonehenge, relatou-me do seu desentendimento com o senhor Grant e da sua insanidade ao persegui-la. De início eu fui contra, intuí que não deveria permitir a sua partida, por outro lado, não poderia deixá-la a mercê dos caprichos desse homem. Um dia antes de autorizar a

sua partida, ele me solicitou que o levasse a cidade no intuito de comprar este presente - mostrando-lhe o anel que permanecia na palma da sua mão, continuou - Os meus conselhos foram em vão, Natanael escolheu o anel que de súbito o encantou, dispensando qualquer outra opção, a sua intenção era lhe pedir em casamento por entre as pedras de Stonehenge. Se não me falhe a memória, a joalheria em questão não possuía o anel que se ajustasse ao seu dedo, por isso foi realizada uma encomenda que seria entregue em sua nova unidade na cidade de Amesbury. No dia em que sucedeu a tragédia que lhe tirou a vida, nós fomos notificados pelas autoridades locais da Inglaterra de que o seu corpo havia sido encontrado e que deveríamos providenciar o seu translado para a Escócia a fim de que pudesse ser sepultado com dignidade pelos familiares. Partimos para o local indicado pelas mesmas autoridades que nos contataram no intento de que fizéssemos o reconhecimento do seu corpo e assim, tratarmos das documentações burocráticas que nos acarretaram transtornos. Soubemos do seu sequestro e após providenciarmos o funeral pelas proximidades de Scottish Highlands, retornamos para pressionar as investigações. Houve um esquecimento das autoridades locais em entregar-me um envelope lacrado com alguns pertences

pessoais de Natanael, entre a carteira, as chaves e o relógio, lá estava o anel. Por isso, eu lhe peço que o aceite, na certeza de que este seja o último desejo do meu filho.

Em lágrimas, a jovem aceitou o anel que se assemelhava ao mesmo recebido por Alison.

- Agora eu compreendo porque Natanael me fez aguardá-lo no banco da cidade no dia da sua morte. Ele foi buscar o anel para me pedir em casamento.

- É terrivelmente doloroso para uma mãe aceitar a perda do seu único filho - pronunciou-se a senhora Júlia em comoção.

- A senhora está enganada! - lembrando-se das aparições, afirmou - O espírito de Natanael vive entre nós! Eu os vi! Natanael e vovô Antunes!

- Que disparate! Ninguém vê os mortos! - contestou o senhor Manuel ao crer que Raquel tivesse se agarrado a um absurdo conceito para atenuar a sua dor - Vê algum espírito entre nós?

- Não! - respondeu-lhe cabisbaixa, envergonhada pelo modo abordado.

Desde o resgate, Raquel teria deixado de visualizar o espírito de Natanael ou do avô, por vezes, uma sensação de alienação a fazia duvidar do ocorrido.

- Foram somente delírios ou de fato os espíritos me auxiliaram?

As suas dúvidas foram sanadas, uma luz refletida atrás do casal chamou-lhe a atenção, fazendo-a erguer a cabeça, os seus olhos deslumbraram-se com a visão.

- Sim! Eu os vejo!

- O que disse? - o senhor Manuel quis se certificar das suas palavras.

- Eu os vejo! - repetiu a jovem - Natanael e vovô Antunes vieram nos visitar.

O casal olhou para trás sem a nada visualizar.

- Eu juro que lhes digo a verdade! - certa de que as suas argumentações não os fariam acreditar na visão, Raquel fitou desolada para o espírito de Natanael ao indagar-lhe - O que farei? Eles não acreditam em mim!

- Acreditarão! - garantiu ao solicitar - Repita as palavras pronunciadas.

O casal observava pasmo o gesticular de Raquel sem a nada atinar, porquanto, ela transpirava excessivamente por conta do seu nervosismo ao anunciar.

- Repetirei as palavras que Natanael disser. Prestem atenção! - um forte suspiro atribuiu início ao relato - Papai! Mamãe! Primordialmente, quero que saibam que eu estou bem, embora a saudade seja o meu maior tormento. Não estou aqui para visitá-los, mas sim, para me despedir. Hoje farei a minha travessia para o Plano Espiritual no anseio de evoluir, aspirando por um novo recomeço. Eu sei que o senhor, meu pai, não crê na possibilidade de vida após a morte, mas ela existe! A minha matéria carnal já está em avançado estado de decomposição, no entanto, isso não quer dizer que a minha existência deixará de existir. O meu espírito, a minha alma e a minha verdadeira essência permanecerão para sempre imutáveis.

- Pare com isso Raquel! - clamou à senhora Júlia.

- Não pare! Continue! - ordenou Natanael.

- Mãe, onde está a sua fé? Por que carrega tanta amargura em seu coração, se detém o conhecimento da Doutrina Espírita, mormente,

em relação aos espíritos desencarnados e a sua transição pela Terra em busca do autoconhecimento e redenção dos seus pecados? - Raquel era conduzida pelas palavras de Natanael.

- Como sabe do meu conhecimento na Doutrina? - embora a senhora Júlia não fosse praticante assídua do espiritismo, ela havia sido criada pelos pais na crença de que existisse um mundo maravilhoso além da nossa compreensão, porém, as suas dúvidas

baseavam-se na rápida dádiva alcançada por Natanael em obter a permissão para se despedir.

- Madrinha, eu só estou repetindo o que Natanael me diz!

- Se o que diz é verdade, pergunte o que ele fez no dia do falecimento da sua avó paterna - um segredo compartilhado entre pai e filho outorgaria uma resposta que o faria acreditar em Raquel.

- Lembro-me daquele dia como se fosse hoje! Eu tinha por volta dos meus doze anos de idade e o senhor puxou as minhas orelhas tão forte que eu pensei que as tivesse arrancado - Raquel deixou escapar uma sutil risada, voltando rapidamente a sua serenidade, contendo-se para não rir de novo - O senhor ficou uma fera ao ver-me colocar a dentadura da vovó por debaixo do seu corpo inerte.

- Isso é verdade, Manuel? - inquiriu à senhora Júlia.

- Sim, é verdade! - asseverou boquiaberto.

O senhor Manuel convenceu-se ao ouvir a resposta exata, conhecia o caráter de Natanael, um segredo entre os dois não seria entregue a outra pessoa sem que o informasse da sua decisão. Desnorteado, não soube se deveria gargalhar com a travessura cometida por Natanael na sua infância, ou se deveria chorar com a evidente comprovação da sua presença.

Raquel e a senhora Júlia gargalhavam, enquanto o senhor Manuel realizava os dois, por alguns instantes permaneceram unidos por um forte abraço, o carinho recíproco lhes davam o estímulo para avançarem com as suas vidas.

- Espere! - bradou Raquel ao se afastar - Natanael continua entre nós!

- O que ele deseja? - o senhor Manuel queria ajudar, sem imaginar que a ajuda viesse pelas mãos do próprio espírito.

- Ele deseja contar algo! - Raquel repetiu com precisão as palavras do espírito - A pousada passou por sérias crises financeiras, agravando-se ao investirmos em tecnologia no anseio de proporcionarmos um serviço moderno e sofisticado aos hóspedes que a solicitavam, conquanto, não quis alarmá-los com mais problemas.

- E como solucionou a crise se nos encontramos tão bem financeiramente? - interrogou o senhor Manuel sem nunca ter desconfiado de nada.

- Perdoe-me, meu pai! Eu fiz o que o senhor desaprovaria - uma ínfima pausa foi concedida para que Raquel se restabelecesse da energia dissipada - Apliquei as minhas economias na bolsa de valores, foi arriscado, poderia perder tudo o que conquistei em minha breve passagem terrena, mas não perdi! Quero que entenda a minha conduta. Não foi uma mentira aleatória, e sim, uma omissão que visou o bem-estar de todos.

- Filho, não peça perdão por um ato benéfico! - o senhor Manuel chorava como uma criança - Eu não sei como expressar a minha gratidão!

- Existe uma maneira! Mamãe guardou todos os meus pertences no porão e não se deu ao trabalho de verificá-los - declarou o espírito

de Natanael.

- O que haveria de ser verificado? - sobressaltou-se a senhora Júlia.

- Os meus livros! Procure e abra um livro intitulado “Empreendedorismo e Gestão de Pequenos Negócios”, nele conterá ações de pequeno porte, não os deixarão ricos, contudo, lhes ajudarão a enfrentar porvindouras crises financeiras. Quanto as minhas roupas e aos demais pertences doem aos menos afortunados,

não as deixem empoeirar, ou até mesmo, se deteriorar pela ação do tempo.

- Obrigado, meu filho! - apoiando-se no marido em busca do amparo que ele próprio carecia, acrescentou - Procurarei uma entidade e doarei os seus pertences de bom grado, assim eu saberei que a sua generosidade se espalhará por entre os necessitados.

- Eu preciso ir! Vovô Antunes advertiu-me que o meu tempo em Terra está se esgotando - Raquel sentiu um toque suave na face, como um beijo, encerrando o seu contato com o espírito de Natanael

- Adeus!

- Adeus, meu amor! - respondeu Raquel.

- Adeus, filho! - compreendendo que havia sido dada a hora da sua partida, os pais também se despediram.

- Adeus, minha querida Raquel! - despediu-se vovô Antunes ao mais uma vez se transmutar no Barão Murdock para que sua passagem não fosse esquecida.

- Adeus, Barão! - a jovem acenou ao lacrimejar.

Embora os pais de Natanael não detivessem o dom de Raquel em se comunicar com os espíritos, eles foram agraciados pela visão de um fortíssimo clarão.

- O que está acontecendo? De onde vem essa luz? - inquiriu o senhor Manuel, sem a nada entender.

- Vovô Antunes auxilia Natanael em sua travessia - relatou Raquel.

Somente as lágrimas expressariam os sentimentos sufocados no peito de cada um, a paz reinaria novamente em seus corações, certos de que o Plano Espiritual o acolheria em seus braços.

Antes de ultrapassar a luz radiante, Natanael olhou para trás, a dor da saudade o dilacerava, entretanto, a convicção de que um dia voltasse para a sua amada e se fosse do seu merecimento, voltasse ao convívio das pessoas que havia nutrido imensurável estima em sua vida terrena, facultava-lhe a esperança de um futuro reencarne.

- Por que sinto tamanha dor em minha partida? - perguntou Natanael - Como eu posso amá-la tanto, se o meu corpo físico já não existe mais?

- A sua energia vital se mantém diretamente ligada à matéria, em breve a sua dor cessará e o seu espírito reaprenderá a lidar com todas as emoções - elucidou vovô Antunes.

- Eu voltarei a vê-los? - Natanael temeu por uma resposta negativa.

- Claro que os verá! - declamou entusiasticamente de modo a serená-lo.

- Como pode afirmar tal hipótese? - insistiu Natanael.

- Veja! Eu estou aqui, não estou? - brincou vovô Antunes - Por que acha que será diferente com você?

- Convenceu-me! - Natanael esboçou um largo sorriso que o iluminou ao feito de realizar a sua travessia sem mais interrogativas.

Após o sucedido, a jovem Raquel regressou para o Brasil, ainda que a ausência de Natanael lhe gerasse desmesurada tristeza, aprenderia por si só, a conviver com esse melancólico sentimento. Conforme o mencionado, os pais de Natanael encontraram as ações que os ajudariam a ter uma vida pacata, conduzindo os negócios da família com extrema cautela para que novas crises financeiras não os desestruturassem.

Respeitando o último desejo do filho, os seus pertences pessoais foram doados, alegrando a vida daqueles que receberam e nada tinham para vestir.

A distância entre Raquel e os pais de Natanael não foi o suficiente para afastá-los, o imenso carinho os fizeram se comunicar quase que diariamente através da tecnologia informatizada implantada na pousada, talvez essa tenha sido a forma encontrada de não dissiparem a doce lembrança de Natanael das suas vidas, posto que o esquecimento de tal lembrança fosse inconcebível.

Capítulo25

Quarenta e cinco anos se passaram.

Raquel havia fixado moradia definitiva no Brasil, por vezes, sentia a presença de Natanael, especialmente, nos momentos em que a tristeza batia as portas do seu coração.

Casou-se com um arquiteto, porém, não lhe foi concedida a graça de gerar um filho, sendo ele dezoito anos mais velho, veio a falecer, embora a mimasse para fazê-la feliz, Raquel não realizou a façanha de retribuir o seu amor.

Amor este, que imutavelmente pertencia a Natanael.

Por respeito ao homem que a acolheu, omitiu os eventos do passado para que não sofresse por um amor não correspondido, conseguindo esse feito pelos trinta e nove anos de união estável.

A saúde de Raquel desestabilizou-se desde o seu retorno ao Brasil, agravando-se com a idade, os médicos consultados não encontraram um diagnóstico para as suas dores no corpo, associada à fraqueza dos seus cabelos, unhas e dentes.

Desacreditada de tudo, não buscou explicações para a misteriosa doença que não possuía causas físicas, e sim, espirituais.

Formou-se com louvor em História, aprimorando os seus conhecimentos em História Medieval, época em que os seus devaneios a fizeram regressar aos lugares místicos além da sua imaginação.

Os pais de Natanael faleceram, trazendo-lhe outras irremediáveis perdas em sua vida, a pousada foi vendida pelos familiares de ambos, que não manifestaram interesse em dar continuidade aos negócios, compreendendo-se que sendo a família Fortunato de descendência brasileira, nenhum dos membros aceitaria a transferência da atual residência para a Escócia.

Raquel passou a conviver com as lembranças da sua adolescência, afastando de si qualquer sentimento que lhe tirasse a paz, habitava uma casa modesta, sem ambicionar o luxo que poderia desfrutar por meio dos bens materiais herdados do seu falecido

marido anexados a uma pequena fortuna herdada dos seus pais, do qual efetuou um excelente investimento em seu retorno ao Brasil. Exausta, recostou-se numa poltrona situada na varanda, ao ser desperta por um chamado que conjecturou nunca mais ouvir.

- Alison! Regresse! Alison!

Sonolenta, Raquel não atinou que o passado a procurava.

- Alison! Regresse para Stonehenge! - perseverou a voz.

De sobressalto, pulou da cadeira, olhou ao seu redor sem a nada evidenciar.

- Quem me chama? - indagou aflita.

- Regresse! - intimou uma voz masculina.

- O que deseja de mim? Estou velha, cansada, deixe-me em paz, por favor! - suplicou com receio de que uma avalanche de recordações a fizesse sofrer no término da sua vida.

- Não sofrerá! Eu lhe prometo! Confie em mim! - proferiu a voz no intento de induzi-la - Retorne para Stonehenge que sempre foi o seu lar.

- Por que eu deveria confiar num espírito que não se apresenta? - indagou em apreensão, não reconhecendo a voz do seu interlocutor.

- Confie! - o espírito deu por encerrada a comunicação.

Raquel tinha o conhecimento de que a sua ligação com Stonehenge não havia sido interrompida em razão do seu afastamento.

Paralisada diante dos próprios temores, um dilema que a confrontou durante toda a sua estadia no Brasil voltou com mais fervor: “Regressar a Stonehenge!”.

Dominada por uma força desconhecida, Raquel perdeu os

sentidos e sonhou.

De volta a Stonehenge, Alison retomou o seu lugar.

A jovem de outrora envelheceu, aparentando a sua idade atual, a sua expressão sofrida denotou o anseio de lhe mostrar algo em meio a uma tênue névoa.

Um extenso jardim lhe foi apresentado, uma fonte de pedras jorrava as suas águas vermelhas, de joelhos, contemplou-se a cavar

com as próprias mãos a terra desse mesmo jardim, inserindo no buraco uma caixa de madeira rústica sem que ninguém a visse.
Momentos antecedentes ao seu despertar, ouviu um novo pronunciar.
- Retome o que lhe pertence!
Agitada, de posse da tecnologia moderna, Raquel abriu o seu notebook a fim de pesquisar o que tencionasse saber, ao ser enigmaticamente guiada, arrepiou-se ao localizar o jardim na sua primeira tentativa.
As imagens atribuíram-lhe a sensação de conhecer intimamente o local por ela desconhecido, mais uma vez, resquícios de uma vida a convidavam a fazer parte de uma história jamais esquecida.
Chalice Well foi o local determinado, situado no sopé de Glastonbury Tor, lar dos lendários Arturianos e da inesquecível Avalon.
A lenda nos induz a acreditar que José de Arimatéia tenha influenciado a nossa fé, dizendo-nos que ele, de posse do Cálice Sagrado, contendo algumas gotas do sangue de Cristo capturado no instante da sua crucificação, o tenha escondido no poço, sob as águas que imediatamente fluíram com a pigmentação vermelha.

Para alguns cristãos, a coloração da água e o sabor detêm outra explicação: “A pigmentação vermelha representa os cravos enferrujados que foram utilizados durante a crucificação”.

O fato é de que as águas vermelhas detenham um miraculoso poder de cura, levando-nos a crer que este elo permitirá um contato etéreo com Cristo.

Concluída a pesquisa, Raquel admitiu para si mesma que houve uma euforia para que o visitasse o quanto antes, deixando a exaustão

de lado ao arrumar uma pequena bagagem de mão, na intenção de partir naquele mesmo dia.

Colocou um discreto conjunto de tailleur no tom de cinza azulado, composto por uma saia abaixo dos joelhos e um paletó, com acessórios em tons harmônicos com o traje, os seus longos cabelos que agora se tornaram grisalhos foram presos por um coque, com a mesma simplicidade, dispensou as joias e a maquiagem.

Sem questionar a verdadeira razão que a conduzia a Chalice Well, partiu rumo ao aeroporto.

Durante o trajeto, as lembranças do passado vieram à tona, por muitas vezes a entristecê-la, entre um cochilo e outro, chegou ao seu destino final.

Após os procedimentos padrões de desembarque, direcionou-se à procura de um transporte que a levasse a Chalice Well, no entanto, achou propício que antes da visita, providenciasse a hospedagem num ponto próximo para que deixasse a sua bagagem.

Raquel parecia se esquecer da sua atual idade, agindo como se fosse uma adolesceste teimosa e destemida, embora o corpo cansado possuísse as marcas sofríveis de uma vida, o seu espírito jovial permanecia intacto, devolvendo-lhe o vigor que julgou adormecido.

O transporte conseguido a deixou em frente de uma humilde pensão, com um singelo sorriso ao mordiscar os lábios, adentrou as suas imediações, fazendo uma prévia comparação com a pensão do senhor Edwin, desde a sua entrada principal até o quarto que lhe foi designado.

Raquel não queria desperdiçar o seu tempo, contudo, já havia se passado das nove horas da noite, e decerto Chalice Well estaria

fechado para as visitações, sem opção, contentou-se em visitá-lo na manhã seguinte.

A sua presença nas proximidades onde sucederam os fatos marcantes da sua vida pregressa induziram o seu subconsciente a adormecer e a retornar como por magia ao espírito de Alison Dilaurentis.

Raquel regressou ao fabuloso castelo do Barão Murdock, cuja tranquilidade atualmente conquistada habitava os domínios da sua fortaleza.

O semblante de Alison evidenciava uma dor que o tempo não apagou.

A sua aparência sugeria que ela tivesse em torno dos seus cinquenta anos de idade, trajava um vestido longo démodé que não salientava a sua formosura no tom de tabaco, um lenço branco em sua cabeça presenteado por Ian prendia os seus escassos cabelos, devido às desastrosas consequências do uso do arsênico que permanecia estagnado em seu organismo.

Após a gestação, acarretou-se uma magreza descomunal e contínuas dores pelo corpo, apesar da sua debilitação, os seus traços de beleza se mantiveram intactos.

Alison não perdeu somente o amor de Ian Campbell, mas do filho, um menino que foi arrancado dos seus braços pelo próprio Willian Turner, o seu paradeiro tornou-se uma incógnita para todos que não sabiam ao certo se a criança havia sobrevivido, todavia, se houvesse a ínfima possibilidade, rogava a Deus para que ele fosse o oposto do pai, assassinado numa emboscada mal arquitetada contra os homens da guarda real.

A sua única esperança esvaiu-se com a morte de Willian, levando consigo uma revelação que devolveria a paz ao seu espírito.

Em verdade, Alison sentia um terrífico remorso gerado num momento em que a perturbação emocional cegou as suas ações, repudiando a criança durante toda a gestação por se tratar do filho do homem que mais odiou em sua vida, no ato do nascimento, pouco se afeiçoou, nem mesmo ao fitar o seu rostinho angelical.

Ao transcorrer dos anos, Alison mudou drasticamente a sua forma de pensar, arrependendo-se por ter permitido que Willian o levasse.

O senhor Thomas Dilaurentis faleceu dois meses após o nascimento do neto, uma súbita doença arrebatou-lhe os sentidos, prostrado na cama, não teve forças para lutar, os monges tentaram salvar a sua vida, porém, nenhum medicamento surtiu o efeito almejado.

Não suportando a perda do pai, aceitou o convite do Barão Murdock de voltar a residir no castelo, ao ser informada que Willian o teria abandonado às pressas, por crimes que fugia ao seu entendimento.

Mesmo em apuros, Willian esperou a hora oportuna para colocar em prática o seu audacioso plano de vingança, ao invadir o castelo

sem que a sua presença fosse notada, ciente da ausência do Barão Murdock devido a uma importante reunião de estratégia militar com o Duque de Albany, no Castelo de Doune, e coincidentemente, no dia em que Alison daria a luz.

A guarda deixada a postos não garantiu a segurança de Alison. Willian aproveitou-se do seu conhecimento em relação aos compartimentos secretos do castelo, adentrando por uma das passagens, sendo a única maneira para explicar como um homem

sairia ileso com uma criança recém-nascida nos braços sem que fosse apercebido.

Inconformado com a tragédia, o Barão consumiu-se em dor na busca incessante de uma criança que possuísse as mesmas características físicas descritas por uma criada que teria auxiliado Alison no parto, porquanto, nada foi encontrado, ainda que não fosse o responsável pelos atos insanos de Willian, sentia-se culpado por ser indiretamente o motivador da sua ira.

Ao contrário de Alison, o Barão mudou unicamente na aparência envelhecida, o seu porte robusto e os seus trajes escuros permaneceram os mesmos.

Maravilhado com a visão de Alison sentada no banco do jardim, aproximou-se cavalheirescamente ao indagar-lhe.

- Baronesa, permite-me a honra da sua companhia?

Ao escrever as suas vivências numa folha de papel, olhou-o ternamente em sinal positivo com a cabeça, sem nada a dizer.

Por alguns minutos ficaram em silêncio, ao ouvirem o som dos passarinhos a cantar e o zumbir das folhas gerado pelo vento forte que soprava, dando indícios de que uma chuva cairia para atenuar o calor que os sufocava.

O Barão não suportando o mutismo que se fazia presente, pronunciou-se.

- Logo choverá, não quer terminar as suas anotações no Salão Vermelho?

- Agradeço a sua gentileza, mas não será preciso, eu as terminarei numa outra ocasião - disse ao atinar a sua indelicadeza em não ceder-lhe a atenção merecida.

- Retornarei para Escócia, possuo assuntos pendentes a tratar com o Duque de Albany, deseja me acompanhar? - propôs certo de que receberia uma nova recusa como todas as outras vezes que tencionou um passeio que a fizesse sair das adjacências do castelo.

- Grata pelo convite, meu senhor, quem sabe numa próxima viagem - Alison sempre lhe dava a mesma resposta.

Cansado de vê-la sucumbir na esperança de que o filho entrasse pelos portões principais do castelo, falou-lhe rispidamente.

- Eu não aceito que passe o resto da vida à espera de um filho que não sabemos se sobreviveu nas mãos de Willian. E se sobreviveu, nunca acharemos uma pista que nos leve ao seu real paradeiro - desabafou o Barão - Fiz tudo o que estava ao meu alcance para encontrá-lo, só Deus sabe o quanto desejei presenteá-la com a dádiva de reencontrar o seu filho para que o segurasse uma vez mais em seus braços, no entanto, tudo foi em vão! Falhei com você!

- Não falhou! - bradou Alison em denotação do seu agradecimento - Eu jamais me esquecerei das suas noites mal dormidas na busca frenética de um filho que não lhe pertence.

- Ah, se eu pudesse voltar no tempo! - lamuriou-se o Barão - Mudaria o destino de todos que um dia sofreram por cruzar o meu

caminho.

- Não se julgue! Só Deus tem esse direito, portanto, entregue a sua vida em suas mãos para que Ele o abençoe e reverta as suas dores num mar de alegrias - Alison esmerou-se em confortá-lo.

- Se realmente crê nessas palavras, elucide-me, por favor, por que sofre tanto? - questionou o Barão.

Surpreendida, Alison baixou o olhar ao se calar, como se a misericórdia divina não fosse válida para si mesma.

O Barão captou a controvérsia das suas palavras, todavia, nada disse para não acanhá-la, ao findar da prosa, ambos se encaminharam para o interior do castelo, posto que gotículas de chuva começassem a cair.

Alison encontrou no Barão Murdock todo o apoio necessitado, desorientada, sem família e sem condições financeiras para se sustentar, aceitou o pedido de casamento, contudo, não foi um pedido oportunista, como um nobre cavalheiro, o Barão a respeitava, sem nunca ter reivindicado os seus direitos matrimoniais.

O amor do Barão por Alison aumentava gradativamente através dos anos, a sua fragilidade e doçura o encantavam, mesmo assim, tratava-a como o combinado, sofrendo calado por um sentimento que não poderia exigir.

Alison percebia o amor do Barão, entristecendo-se por não correspondê-lo, não tendo comando sobre o seu coração que para sempre pertenceria a Ian.

Afeiçoou-se ao homem que um dia abominou, e que agora, almejava a sua felicidade, dessa forma, antes de se retirar, anunciou com um sorriso na face há tempos não presenciado.

- Eu o acompanharei em sua viagem.

- Como disse? - sem acreditar, o Barão instigou que repetisse as suas palavras.

- Eu disse que o acompanharei em sua viagem - Alison observou a expressão pasma do Barão.

- Não imagina o quanto meu coração se alegra perante a sua nova decisão - o Barão não cabia em si de tanta felicidade ousando beijá-la no rosto - Partiremos amanhã, esteja pronta e leve consigo poucas mudas de roupas, há tempos não lhe cortejo com vestidos, portanto,

se houver interesse da sua parte, eu os comprarei com demasiada satisfação.

- Estarei pronta! Por certo eu aceitarei os mimos do meu marido - disse-lhe ao constatar que todos os seus vestidos estivessem ultrapassados, os últimos haviam sido ofertados pelo seu falecido pai, e desde então, sem motivos para se arrumar, não saiu do castelo para renová-los.

Alison sentiu uma inexplicável mudança dentro de si, como se houvesse um prenúncio de que algo importante estivesse prestes a acontecer.

Sem o auxílio de uma criada, organizou sozinha a bagagem do casal, ansiosa pela viagem que fariam, especialmente, em relação de como seria encontrada a paisagem externa do castelo e a receptividade das pessoas que não obteve mais contato, essa possibilidade a estremecia, fazendo-a se sentir uma estranha em sua própria terra, ciente de que precisaria se munir de forças para enfrentar os seus temores, ou até mesmo, uma última provação.

Capítulo26

Alison acordou disposta à espera do marido que atribuía às últimas ordens a sua fiel criadagem com o propósito de viajar sem nenhuma preocupação.

Uma carruagem encontrava-se posicionada à espera do casal, que partiu após os acertos finais, a longa e extenuante viagem fez com que o Barão Murdock a transformasse numa inesquecível e surpreendente aventura.

Como o prometido, em suas paradas, escolheu os lugarejos em que houvesse um pequeno comércio para ofertá-la com os vestidos da sua preferência, ciente de que Alison optaria pela simplicidade e naturalidade dos tecidos, dispensado o luxo ambicionado pelas damas da alta sociedade.

Admitia-se que com toda a simplicidade os vestidos lhe conferissem um toque de glamour, despertando o desejo dos homens

que apenas a respeitavam por ser a esposa do Barão Murdock, sobretudo, a renomada Baronesa de Stonehenge.

A generosidade do Barão transcendeu as suas expectativas, encabulada com tantos mimos, comentou.

- Asseguro que esteja na hora de cessarmos as compras, já possuo o suficiente e nem chegamos ao nosso destino final.

- Só um pouco mais! - zombou o Barão - Em nosso retorno faremos um trajeto diferente a fim de passarmos por outros lugarejos. Eu noto que cada povoado tem o seu toque característico, conheço um em que as mulheres bordam os vestidos e os vendem a preços irrisórios. Infelizmente esses trabalhos não são valorizados e o que ganham não é o satisfatório para garantir o sustento das suas famílias.

Alison não rejeitou a oferta, apreciava os trabalhos manuais, em especial os bordados, relembrando-se da sua falecida mãe, que na sua infância empenhava-se em bordar os seus vestidos.

Curiosamente ao que lhe foi dito, Alison o questionou.

- Por que as mulheres têm a obrigação de garantir o sustento das suas famílias se essa é considerada a obrigação dos homens? Não que eu seja preconceituosa, admiro a fibra de uma mulher que lute

arduamente pelos seus direitos, ainda que todas nós sejamos coagidas a não fazê-lo.

- Muitas dessas mulheres tiveram os patriarcas das suas famílias mortos em combate. Eu suponho que essa seja a única forma encontrada de obter o sustento dos filhos que na maioria das vezes, são pequenos para trabalhar - intrigado, o Barão ergueu a sobrancelha direita ao indagar-lhe - Quer dizer que se houvesse a necessidade lutaria pelos seus direitos?

- Sim, mesmo coagida eu lutaria! - replicou sem medir as consequências das suas palavras numa sociedade em que o machismo imperava o modo de pensar de uma mulher - Isso o assusta?

- Não, isso me fascina! - sorriu o Barão em denotação da sua admiração.

Durante o percurso, ambos discutiram as suas posições sociais, o Barão não a contrariava, pelo contrário, apoiava os seus conceitos feministas.

Após as inúmeras paradas, prosas, risos e cochilos, adentraram as imediações do Castelo de Doune, onde haveria o encontro marcado entre o Barão Murdock e o Duque de Albany.

A recepção foi amistosa, porém, o clima gerado pelos soldados feridos que ali se encontravam ocasionou um súbito pavor em Alison ao se recordar dos tristes momentos vivenciados na Abadia de Glastonbury.

- O que houve? - perguntou empalidecida - Esses homens precisam de auxílio.

- Regressamos de uma árdua batalha com o inimigo, minha senhora - retrucou um dos soldados feridos ao ouvir a sua

interrogativa e desmedida preocupação - Não se preocupe, em breve o socorro virá! O Duque de Albany não deixará os seus homens em desamparo.

- Perdoe-me por trazê-la nessas condições! Eu não faria o convite se soubesse do ocorrido - desculpou-se o Barão ao feito de lhe estender a mão - Acompanhe-me, o Duque de Albany me aguarda!

- Se não se importar, eu ficarei - postulou Alison.

- Se assim o desejar! - uma vez mais o Barão admirou-se com a ação caridosa da esposa, sorrindo-lhe em consentimento.

O Barão retirou-se no fito de não se atrasar na reunião, nesse ínterim, Alison agachou-se perante o soldado que não entendia a sua conduta cortês em ajudá-lo, escolhendo-o em meio há tantos outros que igualmente padeciam em dor.

- Por que me ajuda? - o soldado anelava um esclarecimento - Suponho que seja uma dama da alta sociedade, portanto, não é apropriado estar entre os feridos, ao sujar o seu vestido com o sangue de um desconhecido.

- Ajudo-o porquê necessita de amparo, talvez tenha sido a mão de Deus a me guiar até você - engolindo a seco a saliva, Alison atinou um modo de escapar da situação embaraçosa que se encontrava - Em verdade, eu sou uma Baronesa, mas não me envaideço por possuir um nobre título, o meu coração possui as raízes de minha humilde origem camponesa. Quanto ao vestido! Ninguém notará o sangue de um belíssimo e valente soldado sobre o seu tecido - referiu-se ao seu traje no tom de borgonha, fazendo-o rir da sua comparação.

- É doloroso rir! - brincou o soldado - A Baronesa possui um coração generoso.

- Eu agradeço por suas gentis palavras, agora chega de prosa e deixe-me ver os ferimentos - Alison localizou pequenos cortes ocasionados por uma afiada lâmina de espada - Foi superficialmente atingido, carregará algumas cicatrizes de batalha - o vendo esconder em acanhamento o seu braço esquerdo por detrás do corpo, disse-lhe afavelmente - Deixe-me ver!

- Eu estou bem Baronesa! - recusou o soldado.

- Deixe de bobagem! - Alison insistiu sem apreender o motivo da sua rejeição.

Sem alternativa, o soldado estendeu o braço, retirando a luva ensanguentada, enrubescido, temeu que Alison o repudiasse, afastando-se dele após um breve e afetuoso contato.

Alison agiu contrariamente as suas expectativas, emocionada, os seus olhos encheram-se de lágrimas e um grandioso sorriso brotou-lhe na face ao se lembrar do filho que havia nascido do mesmo modo.

- Não deveria se envergonhar, a sua aparência não condiz ao jovem formidável que acabo de conhecer.

- As pessoas ao meu redor não se aproximam de mim, como que se receassem a transmissão de uma doença contagiosa, ou simplesmente, ao repudiarem o que eu sou! - cabisbaixo o soldado não segurou o pranto, sobretudo, ao vê-la rasgar a barra do vestido, dispondo assim, de uma faixa para enrolar a sua mão esquerda - Não lhe provoca asco ao segurar a minha mão?

- E por que deveria? - Alison testificou uma má formação congênita em seus dedos que se apresentavam irregulares e atrofiados.

O soldado sentiu pela primeira vez o carinho de um ser semelhante.

- Os seus filhos devem se orgulhar da senhora, por certo, uma mãe dedicada e extremamente amorosa.

- Filhos! Eu não tenho filhos! - Alison sentiu um aperto no coração ao negar a existência do único filho, retificando-se - Na realidade, eu tenho um menino, mas o perdi para sempre.

- Eu lamento pelo ocorrido! - desolou-se o soldado ao tomar conhecimento do fato - O destino nos prega cada peça.

- Por que diz isso? - perguntou intrigada.

- A Baronesa perdeu o filho e eu fui abandonado pelos meus pais ainda recém-nascido nos portões deste castelo - relatou sem notar a expressão de assombro estampada no rosto de Alison - Se não fosse à benevolência do Duque de Albany ao entregar-me nas mãos de uma criada para que viesse a receber uma educação digna, não sei o que teria sido de mim. A propósito, por que a senhora e o Barão não tiveram outros filhos para substituí-lo?

- O filho gerado pertencia a outro homem que por vingança arrancou-me dos braços no dia do seu nascimento - contou sem omissões - Casei-me com o Barão Murdock após o ocorrido, em virtude de alguns agravantes em minha saúde não pude conceber mais filhos, e mesmo que houvesse tal possibilidade, garanto-lhe que ele seria insubstituível.

- Onde está o seu filho? - o soldado quis se inteirar dos detalhes, constatando que ele não havia sido o único a sofrer na vida.

- Não sei onde ele se encontra ou se ao menos sobreviveu às atrocidades do pai genitor, a dúvida é o pior martírio que uma mãe

pode suportar - Alison pausou a fala ao avistar inúmeros homens entrarem na área onde os soldados permaneciam - O socorro chegou, eu o deixarei em boas mãos!

- Espere! - rogou o soldado - A Baronesa não me disse o seu nome?

- A sociedade me reconhece por Baronesa de Stonehenge, mas eu prefiro que me chamem por Alison - ao mirar o Barão de longe a lhe

acenar, partiu às pressas - Eu preciso ir! O Barão Murdock solicita a minha presença! Adeus!

Sem esperar por uma resposta, Alison não ouviu a despedida do soldado.

- Adeus senhora Alison! Alison Dilaurentis!

O nome revelado fez com que Raquel despertasse, ela havia reconhecido não só a voz do soldado, como as suas características físicas.

Um homem de trinta anos de idade, alto, pele alva, olhos castanhos e cabelos negros, tirando o cavanhaque ele era a cópia fiel de Willian Turner, igualmente conhecido como Logan Grant, sendo que ambos se tratassem da mesma pessoa.

Chocada, arrepiou-se ao atinar que o soldado não fosse só o filho desaparecido de Alison, mas sim, o homem que salvou a sua vida por duas vezes.

Raquel ligou os fatos da vida passada com a atual, certificando-se do óbvio: “Os espíritos iluminados possuem a graça de se materializarem e assumirem a forma que desejar com a única e exclusiva finalidade de nos proteger”.

A ideia de não estarmos sozinhos num mundo egoisticamente

cruel a agradou, conquanto, desolou-se pelo fato de Alison não ter reconhecido o próprio filho.

Ao deslindar de outro enigma, Raquel muniu-se de uma força descomunal que a induziu ir naquele mesmo instante a Chalice Well, pouco havia se passado da hora do almoço, sem fome, encorajou-se a seguir o seu destino.

De ímpeto, trajou um macacão na tonalidade de esmeralda, com acessórios em castor, simples, porém elegante, ao posteriormente chamar um táxi que a levaria ao jardim dos seus devaneios.

Ao adentrá-lo, andou por toda a extensão de Chalice Well em busca da fonte de pedras a jorrar as suas águas vermelhas de poder miraculoso.

Após uma exaustiva procura, a encontrou em meio a um gramado florido onde certamente estaria enterrada a caixa de madeira rústica.

Esperou que alguns visitantes se afastassem para cavar com as mãos a terra que a encobria, fazendo uma desordem no jardim, os seus olhos arregalaram-se e um profundo suspiro foi dado.

Transtornada com a evidência, outra incógnita a assombrou:

Como uma caixa de madeira permaneceria intacta ao transcorrer dos séculos sem que houvesse a sua deterioração?

Raquel se conscientizou de que alguns dos seus questionamentos não seriam dilucidados numa só vida e se acaso o fizesse, enlouqueceria.

Embora a curiosidade em abri-la fosse excedente, controlou-se para que não o fizesse em Chalice Well, com receio de ser flagrada pelo ato de vandalismo.

Segurando a caixa contra o peito, parou unicamente para beber um pouco das águas vermelhas provenientes da fonte, partindo apressadamente para a pensão.

Capítulo27

No quarto da pensão, Raquel sentou-se na cama, posicionando a caixa diante de si, a curiosidade de antes cedeu lugar ao nervosismo, certa de que precisasse ser forte, estando agora, a poucos passos de desvendar a inolvidável história de Alison Dilaurentis.

Abriu a caixa, despejando o seu conteúdo sobre a cama, atônita ao certificar a quantidade exorbitante de papéis encontrados, cuidadosamente, os folheou um a um com receio de rasgá-los.

Assim como a caixa de madeira, as folhas se mantiveram intactas apenas com os vestígios do amarelado deixado pelo tempo, uma escrita leve, fina e delicada foi evidenciada, em tinta preta, decerto por uma pena de ponta afiada, sendo este o único instrumento predominante na época medieval.

Um aroma agradável e indecifrável foi sentido, emocionada ao deter em suas mãos um contato tangível com o passado, os seus olhos lacrimejaram ao segurar tremulamente o lenço branco com que Alison prendia os cabelos.

De posse das folhas, Raquel conteve as lágrimas no anseio de não molhá-las ao iniciar uma silenciosa leitura no fito de decifrar o que as escritas teriam a lhe dizer, as suas emoções seriam comparadas às de Alison, como se as revivesse.

Anoiteceu!

Não consentindo que uma interrupção em sua leitura fosse ocasionada, ignorou as estrondosas batidas na porta do quarto em aviso de que o jantar seria servido.

Ao término da leitura, lágrimas foram derramadas por sua face envelhecida, constatando que Alison fosse realmente uma mulher de fibra, que mesmo em sua dor, foi capaz de escrever a sua trágica história.

Raquel decepcionou-se por não possuir o desfecho final dessa mesma história, não suspeitando que em poucos minutos os seus devaneios a fariam regressar a Stonehenge, ofertando-lhe com a graça de uma última revelação.

Surpreendida com o horário, certificou-se de que se passassem das seis horas da manhã, abatida, sonolenta e faminta, tomou uma ducha quente, na esperança de que pudesse restabelecer as suas energias, porém, o dia amanheceu chuvoso, convidando-a para repousar, sem delongas, retirou-se do quarto para ingerir o seu desjejum matinal, retornando a seguir.

Raquel lutou contra o sono, ao contemplar a imagem do Barão Murdock.

- Feche os olhos! Não tenha medo! Chegou a hora da nossa despedida.

Encaminhada ao passado, avistou Alison no jardim do castelo concentrada em suas anotações, presenciando-se um misto de lágrimas e sorrisos a cada palavra escrita, a olhos vistos, aparentava ser a mesma jovem de outrora, trajando um dos vestidos que o Barão lhe presenteou.

Um vestido branco adornado por pequenas e delicadas flores bordadas à mão conferia-lhe uma sutil elegância, associado ao uso habitual de um lenço branco amarrado em seus cabelos.

Alison assustou-se com a inopinada presença da criada ao lhe informar.

- Com licença, Baronesa! Um jovem rapaz deseja lhe falar, permita-me que eu o traga na sua presença?

- Jovem rapaz! - bradou Alison ao se levantar, deixando cair os papéis no chão, posto que raramente recebesse visitas - Qual o nome deste rapaz?

- Disse-me que o seu nome é Kyle MacDuff! No entanto, instruiu-me a dizer, caso houvesse recusa em recebê-lo que se trata do soldado ferido que a Baronesa auxiliou em sua viajem a Escócia -

relatou a criada ao entregar-lhe os papéis que ajudou a recolher.

- Sim, eu me lembro, por favor, traga-o até mim! - ordenou Alison, em face da sua postura descortês em não ter perguntado o nome do soldado na ocasião, ainda que se recordasse da afeição nutrida.

Em poucos minutos a criada voltou com o soldado.

O entusiasmo ao revê-la não poderia ser descrito por meras palavras, o soldado curvou-se ao reverenciá-la, em seguida,

ajoelhou-se ao ato de tomar-lhe as mãos, beijando-as num gesto afetuoso e despretensioso.

De sobressalto, Alison o afastou de si.

- O que faz aqui?

- Perdoe-me pelo atrevimento! Estou aqui para agradecer o auxílio prestado - o soldado se levantou em acanhamento - Eu me precipitei! Não deveria ter vindo!

- Por que diz isso? Alegra-me a sua presença e... - Alison não terminou a frase, ao pressentir que o motivo da sua presença não se fundamentasse na gratidão.

- Baronesa! Eu fui criado para usar a sinceridade como arma principal do meu caráter. O nosso encontro foi traçado por Deus, e desde o dia em que a conheci, refleti muito a respeito de como abordaria o assunto que me trouxe aqui.

Alison indicou um banco para que ambos se sentassem, emudecida, buscou em suas lembranças o que teria dito para deixá-lo abalado.

- Serei objetivo! - enunciou o soldado num suspiro profundo - Desabafei com a senhora o infortúnio do meu nascimento ao ser jogado aos portões do Castelo de Doune, entretanto, não conclui os

eventos sucedidos ao meu resgate. Confesso que tenho uma incomensurável gratidão pela criada que me acolheu a pedido do Duque de Albany, tornando-se assim, a minha mãe adotiva, alimentando-me e educando-me. Por consequência das batalhas, pouco desfrutei da sua presença, recebendo as primeiras aulas de esgrima aos sete anos de idade, obviamente o Duque me preparava para ser um dos seus leais soldados. Aos treze anos de idade, a minha mãe adotiva demonstrou os primeiros sintomas da sua extrema

fadiga, receando que o seu fim estivesse próximo, revelou-me o que viu e o que ouviu sobre os meus pais genitores para que partisse em paz quando Deus determinasse a sua hora. Meses após a sua revelação, veio a falecer, não tive um pai adotivo, nem mesmo uma família que me acolhesse, sem opção, fui morar no castelo, trabalhando na cozinha para me sustentar até atingir a maioridade para estar à frente ao campo de batalha.

Alison não compreendeu o que deveras o soldado queria lhe dizer.

- O que a sua mãe adotiva lhe contou a respeito dos seus pais genitores? Eles estão vivos?

- O meu pai foi assassinado, porém, a minha mãe vive. A minha mãe adotiva revelou que um homem rondava a nossa morada, na intenção de se certificar do meu real paradeiro, por alguns meses essa conduta se intensificou, depois cessou.

- Talvez a situação financeira do seu pai genitor não permitisse que o criasse, preferindo abrir mão do seu amor ao invés de vê-lo passar por privações - Alison tentou mitigar a sua dor, ao ser austeramente repreendida.

- Nunca houve amor daquele homem! Por tudo que praticou com a minha mãe genitora, ele não é digno da minha compaixão -

embraveceu-se ao baixar o olhar, em virtude da sua ação intempestiva - Perdão!

O Barão passava pelos arredores do jardim ao ouvir a voz exaltada do soldado, temeroso que Alison estivesse em apuros, correu em sua direção, ao ser impedido pela mesma que ao fitá-lo, emitiu um sinal com uma das mãos para que não se aproximasse.

O soldado notou o seu gesto e ao fixar o olhar no Barão, constrangeu-se ainda mais, por sua vez, o Barão sentiu um forte

arrepio percorrer a sua espinha dorsal, sem que pudesse ser ouvido devido à longa distância, disse com a voz embargada pela emoção.

- Você está vivo!

Conforme o pedido de Alison, o Barão não interferiu na conversa, estremecido com a visão, dirigiu-se para o aposento do casal, onde chorou às escondidas.

Sem aperceber a súbita reação do Barão, o soldado advertiu-a.

- Se acaso exaltar-me novamente, leve em consideração o meu nervosismo - ao observar a expressão de serenidade no rosto de Alison, revelou - A minha mãe ao contrário do meu pai, foi e ainda é uma mulher extraordinária, eu me orgulho da sua coragem, determinação e doçura, mesmo que nunca venha a me reconhecer como o seu filho legítimo, a levarei para sempre em meu coração. Há pouco tempo, eu fui agraciado com o privilégio de conhecê-la pessoalmente, embora ela não desconfiasse da natureza dos laços sanguíneos que nos une, atestei que tudo o que me disseram ao seu respeito havia ultrapassado as minhas expectativas.

- Como pode se assegurar de que lhe contaram a versão correta?

O seu pai pode ter sido um homem benevolente e a sua mãe, ao contrário do que dizem, uma mulher cruel - Alison receou que o

soldado estivesse criando falsos conceitos em relação ao caráter da mãe.

- Mencionei que a conheci pessoalmente, e garanto-lhe que a minha fonte de informação é demasiadamente confiável - ao vê-la franzir a testa como a duvidar da sua convicção, anunciou - Um padre!

- Um padre! - repetiu abismada.

- Padre Duncan era o seu nome - falou abertamente no almejo de induzi-la ao real entendimento da sua visita.

O impacto do nome pronunciado atemorizou Alison.

Entre soluços, observou com minuciosidade a intensidade do olhar do soldado semelhante ao de Willian Turner, os cabelos possuíam as mesmas ondulações, alguns dos traços marcantes do rosto lembravam as características do seu pai, o senhor Thomas Dilaurentis.

Um grito de sofrimento por tantos anos contido em seu peito se extravasou, como se todas as dores fossem arrancadas de uma só vez, aos prantos, com as mãos em seu rosto, escondeu a vergonha de não ter reconhecido o filho gerado em seu ventre, em súplicas de perdão ajoelhou-se aos seus pés, por um remorso que diariamente a consumia.

- Minha dor agregada ao ódio cegou-me para o óbvio. Perdoe-me, meu filho! Perdoe-me por não ter lutado contra o seu pai no momento de minha fraqueza em que impiedosamente arrancou-me dos braços - Alison não conseguia encará-lo, recordando-se da sua conduta ao repudiá-lo durante a gestação - Arrependo-me de todos os meus erros. Espero que um dia eu seja digna do seu perdão!

O Barão surgiu repentinamente ao ser notificado por um dos criados que algo tenebroso ocorresse entre a Baronesa e o desconhecido, por via do grito que os alarmou, no entanto, tomado pela emoção da cena presenciada, aguardou para que tomasse a iniciativa de se aproximar.

- Dignidade! Perdão! Quem sou eu para julgá-la? O padre Duncan falou-me das suas dores, das suas angústias e das suas perdas, disse-me que não teve escolhas, a sua vida corria perigo - sem notar a

presença do Barão, mirou-a nos olhos, ao ternamente enxugar as suas lágrimas com um lenço retirado do bolso - Soube que o homem que deveria chamar de pai a envenenou.

- Não falemos das minhas dores - sugeriu Alison.

- Como não falar de algo que está marcado em mim - alegou o soldado.

- Como assim, marcado em você? - indagou Alison confusa.

- O veneno atingiu-me em seu feto, fazendo-me carregar uma deformidade física de nascença, uma marca que não será anulada da minha existência - vendo-a se entristecer com a veracidade dos fatos, remediou a situação - Apenas o nobre sentimento de uma mãe para tratar-me com esmero carinho diante do preconceito de uma sociedade sem escrúpulos.

- Por favor, eu insisto por uma resposta, seja direto e não tenha receio de me magoar. O seu coração é capaz de me perdoar? - persistiu Alison.

- O que há para perdoar se nunca houve em meu ser o sentimento contrário ao amor! O Padre Duncan transmitiu-me os bons ensinamentos, dentre os quais, o amor, a compaixão e o perdão - abraçando-a, sussurrou em seu ouvido - O ódio que habita o seu

coração deve ser esquecido.

- Tentarei meu filho, eu juro que tentarei! - garantiu-lhe no anseio de que a arte do perdão viesse a predominar o seu ser, contudo, uma dúvida surgiu - Se o padre Duncan quebrou os seus votos sagrados ao lhe outorgar a revelação marcante da minha vida, sobretudo, ao apontar-me como a sua mãe genitora, esclareça-me porque não houve o interesse em procurar-me há mais tempo, ressaltando o fato de que houve a chance de se revelar em nosso encontro inesperado.

- O padre Duncan não quebrou os seus votos sagrados, se algum segredo lhe foi transmitido em confissão, creia que o tenha levado em seu descanso eterno. E quanto ao fato de não procurá-la, sempre houve o interesse, porquanto, faltou-me coragem. Eu conhecia a sua história e de como havia sido a minha concepção ao mundo, atestando que a minha presença lhe traria dolorosas recordações. Eu não queria ser visto como o filho do impiedoso Willian Turner, mas sim, como o filho da generosa Alison Dilaurentis - afastando-a do caloroso abraço, finalizou ao beijar-lhe a fronte - Mãe, eu tive medo de me revelar, esse foi o único motivo do meu silêncio.

Ao ouvi-lo proferir a palavra “mãe”, Alison caiu em novo prantear, num gesto afetuoso, acariciou o rosto do filho, dizendo-lhe com a voz do coração.

- Kyle! Meu amado filho, após o seu desaparecimento, a sua tola mãe nunca deixou de te amar.

- Nunca perdi as esperanças de reencontrá-lo para que um dia eu pudesse lhe ofertar com o amor que não foi possível conceder ao seu pai - declamou o Barão ao se aproximar.

- Vovô! - emocionado, o soldado atribuiu-lhe um abraço.

A forte emoção foi demais para Alison, ao sentir o seu corpo a

doer.

- Ajude-me, por favor, eu não possuo a sua vitalidade para carregá-la em meus braços - pediu o Barão conduzindo-o ao aposento do casal para que Alison fosse depositada sobre o leito - A sua mãe ficará bem, as suas recaídas são frequentes.

- O que ela tem? - indagou o soldado em agitação.

- O veneno ainda corre por suas veias - ao supor que o neto desconhecesse a razão da sua desventura, retificou um erro não existente - A sua mãe está doente, apenas isso!

- Não me esconda nada! Estou ciente de que o meu pai a envenenou. O padre Duncan falou-me boas coisas ao seu respeito, dentre elas, que o senhor lutou por sua vida ao lado do homem que a amava - relatou o soldado.

- Vejo que está bem informado! - pasmou-se o Barão - Saiba que nem sempre eu fui um homem benevolente, realizei feitos dos quais não me orgulho a dizer.

- O passado não importa se as boas ações do presente perdurarem - ao exprimir sábias palavras que alegraram o avô, fitou em adormecimento a doce feição da mãe ao sussurrar - Que os bons sonhos lhe acompanhem!

- Decerto acompanharão! - afirmou o Barão ao acanhadamente perguntar - Por qual nome eu devo lhe chamar?

- Ah, sim! Desculpe-me, não me apresentei conforme as tradições. Carrego o sobrenome da minha finada mãe adotiva, portanto, eu me chamo Kyle MacDuff! - falou euforicamente ao também formular uma questão - Devo lhe chamar de Barão Murdock, ou

simplesmente, por vovô?

O Barão sorriu sem nunca ter cogitado em sua vida ouvir algo do gênero.

- Ficarei honrado se me chamar de vovô! Com todo respeito a sua mãe adotiva, terei eu, o deleite de agraciar-lhe com o meu sobrenome para que fizesse parte da nossa família - ao vê-lo desnorteado, prosseguiu - Um nome não representa nada em face da sua presença, contudo, estou velho e não possuo herdeiros para levar adiante o

nome da família. A figura da sua mãe adotiva será imortalizada em seu coração, eu nunca o abdicarei desse direito. A minha gratidão pela mulher que o acolheu com sublime estima será eterna, sinto não tê-la conhecido pessoalmente.

- Vovô, o senhor a conheceu! - assegurou o soldado.

- Como assim, eu a conheci? Qual o nome desta mulher? - boquiaberto e com o coração a saltitar, o Barão anelava por uma explicação.

- Sophie MacDuff! Ela me contou que trabalhou para o senhor por um curto período, recorda-se dela? - revelou sem atinar o pavor do Barão.

Temeroso que a criada tivesse revelado algo que o comprometesse, controlou o seu nervosismo em afirmação.

- Sim, eu me recordo da criada!

- Minha mãe adotiva contou-me que o serviu e que o meu pai, ao assumir o seu lugar, dispensou-a dos seus serviços - as suas palavras bastaram para que o Barão se sentisse aliviado, certo de que Sophie não o teria denunciado por vingança na intenção de preservar Kyle de novas decepções.

- Não me disse se aceitará o meu sobrenome? - o Barão retomou o

assunto.

- Não os procurei a fim de reivindicar os meus direitos de herança. Eu sou feliz com a vida que levo. As riquezas não me atraem - proferiu de cabeça erguida - Perdoe-me, recusarei a sua nobre oferta!

- Não cometa essa tolice! - Alison recobrou a consciência, ao imediatamente contestá-lo - Por favor, aceite de bom grado o pedido do seu avô!

- Eu estou aqui pela senhora e não pela fortuna da família Murdock - o soldado usou de franqueza.

- Acredito em você, meu filho! No entanto, ouvi o Barão lhe dizer que precisa de um herdeiro para levar adiante o nome da família, não tiro a sua razão, ele está certo, você é a pessoa escolhida, o único que carrega consigo o sangue da família Dilaurentis e Murdock, não deixe que as nossas conquistas e tradições perdurem no esquecimento - ao enunciar de algumas palavras, as suas forças se esvaíram novamente, conduzindo-a ao adormecimento.

- A sua mãe vivenciou muitas emoções num único dia - testificando a exaustão excedente de Alison, o Barão sugeriu que a deixassem sozinha - Acompanhe-me!

- Vovô, deixe-me ficar no castelo, por favor? - clamou o soldado ao pressentir que a sua partida fosse inapropriada.

- O seu pedido é uma ordem! - brincou o Barão no anseio de descontraí-lo.

Ambos os homens disfarçaram uma preocupação em comum, nesse ínterim, o Barão mostrou-lhe entusiasticamente o imenso castelo que os abrigava, incluindo as passagens secretas, conferindo com ar de satisfação o deslumbre do seu olhar.

Capítulo28

Alison não apresentava nenhuma melhora aparente, por vezes, ao abrir os seus olhos comentava algo.

Kyle se desesperou, tanto tempo perdido ao criar coragem para procurar a sua mãe biológica, e agora, ao seu lado, não poderia desfrutar dos bons momentos.

O Barão conscientizou-se de que nada do que dissesse atenuaria a sua dor.

Certo dia encontrou o neto agachado aos prantos, num canto isolado do castelo, atônito com a cena, aproximou-se com cautela, o rapaz ao sentir a sua presença, levantou-se ao proferir-lhe entre soluços, com os olhos inchados e avermelhados.

- A minha vida inteira eu sonhei com o dia em que reencontraria a minha mãe, e nos seus braços seria ternamente embalado por seu

doce sorriso. Por que Deus abnegou-me desse direito? O direito de ter uma mãe.

- O direito de ter uma mãe lhe foi concedido por Deus, infelizmente... - o Barão refletiu no que poderia ser dito para não afligi-lo ainda mais, porém, a verdade deveria prevalecer - A sua mãe está morrendo! O seu estado de saúde se agravou e não existem recursos para reverter o mal que outrora lhe foi atribuído.

- Eu não acredito que a estou perdendo! - desolado, o soldado desorientou-se quanto ao rumo a tomar em sua vida.

O Barão o abraçou, sentindo a mesma dor dilacerante a rasgar-lhe o peito.

O seu amor por Alison nunca foi ocultado e arrancá-la do seu convívio seria como negar a essência vital da própria existência.

Ao buscar dentro de si uma força inexistente, com receio de que o tempo se esgotasse, informou rapidamente.

- Kyle! A sua mãe solicita a sua presença imediata.

O soldado arregalou os olhos defronte a inesperada notícia, sem articular um único gesto, correu freneticamente ao seu encontro.

A porta do aposento se encontrava entreaberta, no intuito de anunciar a sua presença, bateu-a para que fosse recepcionado.

- Entre, por favor! - Alison rogou em baixo tom.

A sua palidez o assustou, convicto de que a sua mãe não resistiria por muito tempo, ajoelhou-se perante o leito, cabisbaixo para que as suas lágrimas não fossem notadas.

- Kyle, meu filho! Levante a cabeça para que eu possa contemplar o seu belo semblante pela última vez - o soldado acatou o pedido da mãe - Por favor, não chore! Levarei a felicidade de reencontrá-lo e o perdão há tempos almejado - ao mordiscar os lábios como

habitualmente o fazia, perguntou-lhe - Poderia realizar os meus dois últimos desejos?

- Sim, minha mãe! Peça-me o que quiser! - trêmulo, o soldado acariciou o seu rosto à espera de instruções.

- Em cima da cômoda, encontrará um pequeno porta-joias, traga-o para mim - a solicitação foi atendida às pressas.

De posse do porta-joias, Alison retirou um anel, entregando-lhe a seguir. - O que eu devo fazer com isso? - indagou o soldado precipitadamente.

- Enterre-o por entre as pedras místicas de Stonehenge - instruiu a mãe.

- Por que eu faria algo do gênero? - abismou-se o soldado.

- Eu acredito que o poder sagrado de Stonehenge me levará para junto do meu amor - elucidou Alison com serenidade na voz.

- De Ian Campbell! - o soldado pronunciou o nome com total convicção, sendo ele, conhecedor do amor que foi tragicamente destruído por seu pai - Perdoe-me a minha indiscrição, o padre Duncan contou-me sobre vocês dois!

- Padre Duncan foi um fofoqueiro, isso sim! - zombeteou Alison - Eu não traí o seu pai, o meu coração sempre pertenceu a Ian, fui

coagida a permanecer do seu lado contra a minha vontade.

- A senhora não me deve explicações, conheço a sua história melhor do que ninguém! - ao afavelmente segurar as suas mãos, questionou-lhe em curiosidade - Este anel lhe foi presenteado por Ian?

- Sim! Este anel simbolizaria um pedido de casamento, contudo, não houve tempo - a penosa lembrança fez com que uma única lágrima rolasse por sua face.

- Farei o que me pede! - sem prorrogar o assunto que abriria ainda mais uma ferida não cicatrizada em seu coração, indagou - E qual seria o seu outro desejo?

- Que aceite o pedido do seu avô e assuma na família o lugar que lhe é de direito - Alison temeu uma nova recusa em virtude do seu orgulho.

- Não almejo o direito à fortuna da família Murdock - contestou o soldado.

- Kyle, preste atenção no que lhe direi! Em breve eu partirei, assim como o seu avô, portanto, se não aceitar, o castelo será invadido por larápios que virão atrás dos bens materiais da família. Você é o único herdeiro direto do Barão Murdock, não há como escapar do seu destino. Aceite, por favor!

- Eu aceitarei! - embora houvesse uma desmedida recusa dentro de si, o último desejo de Alison não poderia ser negado.

A fortuna como recompensa pelo tempo perdido longe da família não era o seu propósito, o seu real desejo lhe seria tirado em breve, o amor e a presença da sua mãe biológica, entretanto, Alison lhe deixaria a maior das heranças, a pureza dos seus sentimentos, fundamentada na doçura e na bravura que ele nunca imaginou

coexistir numa mesma mulher.

Para Alison, a dor de um novo abandono dilacerava a sua alma que após tantos dissabores, lhe havia sido outorgada por Deus a felicidade, ainda que fugaz de conhecer o seu filho, considerando que essa fosse a única felicidade concretizada em sua existência terrena. Sentindo a sua vista embaçar, requisitou a presença do Barão no intento de se despedir, enfim, era chegada a hora de partir.

Kyle acatou a sua determinação, sem atinar que o beijo afetuosamente recebido em sua face significasse a despedida da mãe, conquanto, as suas últimas palavras ressoaram como um recital de anjos em seu ouvido.

- Nunca se esqueça de que o meu amor por você transcenderá as fronteiras do inimaginável. Amo-te, meu filho!

Ao receber o informe, o Barão adentrou o aposento do casal esbaforido, certo de que Alison quisesse se despedir.

Ao vê-la se derramar em lágrimas, correu em auxílio, ajoelhando-se perante o leito, semelhantemente ao neto, em súplicas de perdão, não só pelos seus feitos pregressos, mas por se culpar pelos feitos do seu filho, Willian Turner.

- Perdão por tudo que a fiz sofrer!

Alison depositou com suavidade uma das mãos sobre os seus lábios, fazendo-o se calar, ao brandamente lhe dizer.

- Eu tenho uma dívida de gratidão com o senhor.

- Não há dívida! Perdão, eu... - Alison o silenciou com o mesmo gesto anterior.

- Ouça-me, por favor, sinto que não me resta muito tempo! O senhor acolheu-me quando necessitei de amparo, deu-me alegrias

nos instantes em que o meu corpo padecia pelas lembranças que devastavam a minha alma. Portanto, eu lhe peço que se liberte das amarras que o prendem ao passado. O senhor manifestou o seu arrependimento ao estender caridosamente a sua mão em auxílio ao meu pai, sobretudo, a Ian, tornando-se um companheiro leal - segurando a sua mão, apertou-a com extrema violência em contração à dor sentida - Quanto a Willian! Não carregue uma culpa que não lhe pertence. Kyle ensinou-me que o amor, a compaixão e o perdão

foram os ensinamentos transmitidos pelo padre Duncan, mesmo que me pareça surreal perdoá-lo, levarei desta vida os bons sentimentos vivenciados e nutridos. Willian pagou caro com a sua própria vida ao morrer em uma emboscada arquitetada por ele mesmo, recebendo exatamente aquilo o que merecia. Perdoe-me por falar desta maneira, apesar de tudo, ele era o seu filho!

- Não há o que perdoar! Agradeço por suas gentis palavras, confesso que o seu carinho transformou-me, embora o seu amor nunca tenha me pertencido - Alison tentou se justificar, no entanto, o Barão fez menção para que o deixasse finalizar a sua narrativa - Deveras, não obtive o seu amor, por outro lado, a dádiva da sua companhia resplandeceu os meus dias, mormente, ao ofertar-me com uma razão para sorrir - de súbito, calou-se, não detendo a mesma pureza de sentimentos para perdoar Willian.

Alison assimilou a sua incerteza, postulando em seu suspiro final de vida.

- Perdoe Willian e proteja Kyle! - antes de fechar os olhos, brindou-lhe com o seu belo sorriso e comovente enunciar - Ao meu modo, eu o amei por tudo o que fizeste e representaste em minha vida. Adeus, meu querido Barão Murdock!

O Barão Murdock testemunhou a sua partida, aos prantos, debruçou-se sobre o seu corpo inerte, ao ato de replicar a sua última fala.

Fala esta que foi compreendida pelo espírito de Alison em desprendimento do seu corpo físico.

- Adeus, minha querida Baronesa! Prometo amar e proteger Kyle com a minha própria vida se for preciso. Prometo encontrar dentro da minha inabalável fé um modo de perdoar Willian.

De cabeça baixa, o Barão foi de encontro ao neto para lhe dar a triste notícia do seu falecimento.

- A sua mãe acaba de partir!

Avô e neto se abraçaram, choraram e se consolaram convictos de que muitas mudanças ocorreriam em suas vidas.

O Barão providenciou todos os preparativos fúnebres, não poupando esforços e fortuna para lhe ofertar com uma despedida memorável, sepultando-a ao lado do seu pai, o senhor Thomas Dilaurentis e do seu amado, o oficial Ian Campbell, nas proximidades da Abadia de Glastonbury.

No funeral, alguns monges compareceram em solidariedade ao Barão a fim de prestar as últimas homenagens, porém, a nobreza não foi notificada a respeito do infortúnio que abalou drasticamente a família Murdock.

Estando o Barão ciente de que Alison não aprovaria a presença daqueles que a condenaram injustamente por ter pertencido a Willian Turner como esposa, e mais tarde ao próprio Barão Murdock, no desempenho de uma mesma função, sem que houvesse a sapiência dos fatos que a levaram à prática de tal conduta.

Após o funeral, Kyle partiu rumo à Stonehenge na intenção de

enterrar o anel de rubi que lhe foi entregue pela mãe, sem que o Barão desconfiasse do motivo da sua viagem, alegando que teria um assunto pendente a resolver e que voltaria ao castelo o mais breve possível.

Ao retorno, os dias do Barão foram preenchidos com o afeto do neto que ao ter abandonado o seu posto militar, iniciou o seu comando nos negócios da família.

O Barão esforçou-se para transmitir o seu conhecimento, na indubitável crença de que logo a sua jornada cessaria, partindo assim, de encontro ao filho para que juntos deixassem as indiferenças de lado, libertos dos sentimentos que os assolou em vida terrena.

A história de Alison Dilaurentis permanecerá uma incógnita para aqueles que não se derem a honra de conhecê-la, todavia, a sua essência habitará para sempre as terras da esquecida “Cidade de Stonehenge”.

Ao despertar do passado, Raquel dispôs de uma paz interior, deduzindo que as últimas ocorrências não haviam sido registradas em suas anotações em virtude da enfermidade de Alison.

O seu espírito marcado pelo sofrimento carregava uma bagagem de cicatrizes.

Doenças inexplicáveis diante da tecnologia avançada, episódios e pessoas que retornaram ao seu convívio social para que ela tivesse a chance de corrigir-se e evoluir-se, aperfeiçoando as antigas qualidades e adquirindo as novas virtudes.

Apesar do auge da idade, Raquel descobriria dentro de si um modo de perdoar o senhor Logan Grant, emotiva, refletiu por horas até chegar a uma conclusão.

Antes de regressar ao Brasil, faria uma única e exclusiva parada: Stonehenge!

Com um pequeno esforço, retirou do pescoço uma delicada corrente de ouro, nela continha no lugar do pingente, um anel de rubi, com os olhos lacrimejados, observou-o por um fugaz instante, recordando-se do seu amado Natanael.

Seguindo os passos da sua existência pregressa, como se fosse um presságio a ser concretizado, decidiu enterrar o inestimável anel por

entre as pedras místicas de Stonehenge, na esperança de que um dia, as suas almas se reencontrassem, e entrelaçadas, vivenciassem a plenitude de um amor proibido pelo tempo.

Raquel agarrou-se com afinco nessa esperança, aguardando com serenidade o momento da sua partida, certa de que Natanael estará a sua espera, gentilmente a guiá-la em sua travessia, auxiliando-a em seu preparo espiritual, no anélito de juntos alcançarem a dádiva suprema de uma nova reencarnação.